Universidade Estadual de Londrina

ANDRÊYA GARCIA DA PAIXÃO MORGADO

UM JOGO DE LETRAS:
A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Londrina
2007

ANDRÊYA GARCIA DA PAIXÃO MORGADO

UM JOGO DE LETRAS:
A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina
2007

ANDRÊYA GARCIA DA PAIXÃO MORGADO

UM JOGO DE LETRAS:
A CRÔNICA LITERÁRIA E O FUTEBOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Universidade Estadual de Londrina

_____

Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

_____

Prof. Dra. Gizêlda Melo do Nascimento
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 12 de dezembro de 2007.

Ao Fabio, amor da minha vida.

A minha mãe, exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Fabio, meu marido, pelo seu amor, apoio e paciência desde sempre.

A minha mãe, pela força e fé em todos os momentos.

Ao meu orientador, professor Luiz Carlos Santos Simon, por ter acreditado no meu projeto e em mim, pela orientação e pela amizade.

Aos meus amigos todos, pelo incentivo e auxílio, com palavras, gestos, material e, principalmente, carinho.

Às professoras Gizêlda Melo do Nascimento e Sônia Aparecida Vido Pascolati pelas generosas contribuições no exame de qualificação.

Aos meus colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da UEL, que colaboraram para a construção do conhecimento que me possibilitou fazer este trabalho.

A Deus, por tudo.

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.

Antonio Candido

Sempre que vejo dois times baixarem o pau, concluo, de mim para mim: – Eis o homem. [...] A disciplina foi feita para o soldadinho de chumbo e não para o homem. E o futebol tem de ser passional, porque é jogado pelo pobre ser humano.

Nelson Rodrigues

MORGADO, Andrêya Garcia da Paixão. **Um jogo de letras: a crônica literária e o futebol**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

RESUMO

Arte literária e jornalismo, a crônica representa e recria o cotidiano em suas mais diversas facetas; o cronista dá novos sentidos à matéria comum. Uma das práticas culturais mais populares e ligadas ao cotidiano no Brasil, o futebol, é tema de inúmeras crônicas, muitas das quais apresentam interessantes configurações estéticas. O objetivo geral do trabalho é comentar a representação do futebol na crônica. O objetivo específico é verificar como os cronistas Paulo Mendes Campos e José Roberto Torero representam o futebol em seus textos. A fundamentação teórica é interdisciplinar, envolvendo estudos principalmente dos Estudos Literários e das Ciências Sociais sobre o gênero crônica, o cotidiano, a memória, a narração, a ironia, o futebol e suas implicações socioeconômicas e culturais. Em cada texto, são analisados os procedimentos estéticos e as relações com a realidade sócio-histórica utilizados pelos cronistas. O trabalho revela que a prosa poética de Campos e a prosa irônica e bem-humorada de Torero celebram o futebol-arte, ressignificam as características do vínculo homem-futebol e mostram certa rejeição à comercialização do esporte e de seus profissionais.

Palavras-chave: Crônica. Cotidiano. Futebol. Paulo Mendes Campos. José Roberto Torero.

MORGADO, Andrêya Garcia da Paixão. **A game of letters: the literary chronicle and the soccer**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ABSTRACT

Literary art and journalism, the chronicle represents and it recreates the daily in their more several facets; the chronicler gives new senses to the common matter. One of the more popular and daily cultural practices in Brazil, the soccer, is theme of countless chronicles, many of which present interesting aesthetic configurations. The general aim of the work is to comment on the representation of the soccer in the chronicle. The specific aim is to verify how chroniclers Paulo Mendes Campos and José Roberto Torero represent the soccer in their texts. The theoretical fundament is interdisciplinary, involving studies mainly of the Literary Studies and of the Social Sciences on the gender chronicle, the daily, the memory, the narration, the irony, the soccer and their socioeconomic and cultural implications. In each text, the aesthetic procedures and the relationships with the partner-historical reality used by the columnists are analyzed. The work reveals that Campos' poetic prose and the ironic and good-humored Torero's prose celebrate the soccer-art, recreate the characteristics of the bond man-soccer and they show certain rejection to the commercialization of the sport and of their professionals.

Key words: Chronicle. Daily. Soccer. Paulo Mendes Campos. José Roberto Torero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 9

1 CRÔNICA – UM GÊNERO DO COTIDIANO..... 12

2 FUTEBOL – UM ESPORTE DO COTIDIANO..... 34

3 PAULO MENDES CAMPOS – O AMOR PELA BOLA..... 53
3.1 "O BOTAFOGO E EU"..... 55
3.2 "ADORADORES DA BOLA"..... 63
3.3 "SALVO PELO FLAMENGO"..... 70
3.4 "COPA 1958"..... 75
3.5 "DESCANSO DE FUTEBOL"..... 79
3.6 "O GOL É NECESSÁRIO" E "NOSTALGIA"..... 85

4 JOSÉ ROBERTO TORERO – A CRÍTICA BEM-HUMORADA..... 91
4.1 "DIZE-ME QUEM ESCALAS QUE TE DIREI QUEM ÉS"..... 92
4.2 "SAUDADES"..... 99
4.3 "PORQUE ESTOU COM A MÃO ENFAIXADA"..... 103
4.4 "NOVAS RESPOSTAS, VELHAS PERGUNTAS"..... 110
4.5 "OS NOVOS DEZ MANDAMENTOS"..... 115
4.6 "O NOVO FRANKENSTEIN"..... 121

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 127
REFERÊNCIAS..... 132
ANEXOS..... 140
Anexo A – Crônicas de Paulo Mendes Campos..... 141
Anexo B – Crônicas de José Roberto Torero..... 154

INTRODUÇÃO

A revelação de novos sentidos para o corriqueiro, por meio do comentário e da narração dos fatos, das experiências, dos sentimentos e percepções dos sujeitos configura a crônica. Entre o jornalismo e a literatura, esse gênero é marcado pela sensibilidade às emoções e acontecimentos cotidianos; "sua função é a de apreender-lhes o significado, ironizá-los ou vislumbrar a dimensão poética não explicitada pela teia jornalística convencional"[1].

Das diversas manifestações do gênero, interessaram a esta pesquisadora, em especial, as crônicas que têm como tema o futebol. Embora haja o uso indiscriminado do termo "crônica esportiva" para toda a produção jornalística vinculada aos esportes, é preciso distinguir a crônica enquanto gênero literário da denominação genérica dada aos textos da imprensa esportiva especializada. Nessa perspectiva, a presente dissertação trata da crônica em um sentido mais estrito que é, de acordo com Davi Arrigucci Jr., um "gênero propriamente literário, [...] com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira"[2].

Também com uma história expressiva no Brasil, o futebol afirmou-se como o esporte mais profundamente ligado à cultura e ao cotidiano dos brasileiros e, desse modo, tornou-se um assunto freqüente da crônica. José Carlos Marques explica que

> [...] é singular verificarmos como a crônica, enquanto gênero, adequou-se ao mundo do futebol e como o seu desenvolvimento nos jornais acompanhou também a popularização dessa modalidade esportiva nas grandes cidades, ambos como sintoma do crescimento urbano do país. E se a crônica está invariavelmente ligada a assuntos do cotidiano, [...] o futebol torna-se um tema apropriadíssimo a ela[3].

---

[1] MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.) *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 147.

[2] ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 53.

[3] MARQUES, José Carlos. Todo dia ela faz tudo sempre igual (o texto literário e a crônica na imprensa esportiva brasileira). In: *XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004*. Porto Alegre, Intercom, 2004, p. 4. CD-ROM.

Há um número significativo de cronistas que, desde o início do século XX, voltaram seu olhar para o futebol, e cujos textos estão recebendo atenção das áreas de Ciências Sociais, Comunicação Social e Estudos Literários. Só nesta última, as crônicas sobre futebol de Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade e Luis Fernando Veríssimo já foram objeto de artigos e de dissertações defendidas na UFMG, na UFBA e na Universidade Presbiteriana Mackenzie, entre 1997 e 2003. A coletânea de textos de Drummond sobre futebol lançada em 2002 pela Record, *Quando é dia de futebol*, foi o objeto de tese de doutorado defendida na UFRJ em 2006. Na esteira desses estudos, comentar sobre a representação do futebol nos textos de cronistas brasileiros é o objetivo geral desta dissertação.

Este trabalho tem como objeto textos de dois cronistas que ainda não haviam sido contemplados pela academia no que se refere ao tema futebol, conforme levantamento efetuado em 2006 e atualizado em julho de 2007, e por cujas crônicas há um particular apreço desta pesquisadora: seus textos instigam uma leitura mais detida, uma crítica atenta, seja pelos motivos e temas, seja pela realização literária. Paulo Mendes Campos e José Roberto Torero representam o futebol e ressignificam muitos de seus aspectos. Verificar como eles fazem isso em suas crônicas é o objetivo específico do presente estudo; que dimensões do esporte observam, por meio de que recursos cada um representa o futebol e quais são suas visões do esporte são as principais questões que norteiam essa investigação.

Foram escolhidas sete crônicas de Paulo Mendes Campos e seis de José Roberto Torero, pela riqueza dos textos no tocante ao objetivo da pesquisa; dentre os textos de Campos, foram escolhidos aqueles em que o lirismo é mais destacado e, dentre os de Torero, aqueles nos quais o humor e a ironia são mais bem construídos. Tem-se como pressuposto do tratamento do *corpus* a "espessura de texto literário"[4] do gênero crônica e, dessa maneira, a representação e a ressignificação literária da cotidianidade efetivadas pelo cronista, o qual, "partindo da observação do cotidiano, que lhe fornece os assuntos, [...] não abre mão de testemunhar o seu tempo, de ser seu porta-voz"[5].

Coadunada a esse pressuposto, tem-se a noção de que o futebol é uma prática cultural vinculada ao dia-a-dia brasileiro, devido à "cotidianização dos

---

[4] ARRIGUCCI JR., op. cit.,, p. 53.

[5] GOMES, Renato Cordeiro. Representações Sociais e a Crônica, seus Suportes e as Malhas do Tempo: do Jornal ao Livro. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27 , 2004. Porto Alegre. Anais...* São Paulo: Intercom, 2004, p. 2. CD-ROM.

níveis de emoção que suscita, dada a numerosa comunidade de interesses que emula e se mobiliza em torno dele”[6], interesses que envolvem não só discussões simbólicas ou identitárias, mas também mídia e economia.

A análise e o trabalho crítico se caracterizam por uma fundamentação interdisciplinar, exigida pelos textos e pelo recorte temático. Foram norteados pelas discussões sobre crônica feitas por teóricos e críticos literários brasileiros, pelas pesquisas sobre o cotidiano de Michel de Certeau e Agnes Heller, por teorizações acerca da memória, da narração e da ironia e por vários estudos principalmente de sociólogos e antropólogos que tratam do futebol e suas implicações sócio-culturais.

No primeiro capítulo, apresentam-se algumas das formas como o gênero lida com o cotidiano, a partir de excertos de crônicas publicadas entre meados do século XIX e os dias atuais. O vínculo do futebol com a cotidianidade e os olhares dos cronistas para o esporte são assunto do segundo capítulo. No terceiro capítulo, analisam-se sete crônicas de Paulo Mendes Campos, sendo cada subseção nomeada com o título do texto nela enfocado. O mesmo é feito no quarto capítulo com seis textos de José Roberto Torero. Completam os passos analíticos as reflexões e considerações finais a respeito das verificações obtidas com o estudo.

A crônica, segundo Antonio Candido, “consegue [...] transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um”[7]. Com o trabalho empreendido a respeito desse gênero tão ligado ao cotidiano, que tem a “capacidade de traçar o perfil do mundo e dos homens”[8], pretende-se, além de atingir os objetivos a que se propõe a pesquisa, contribuir para a discussão das possibilidades da crônica, das representações literárias do futebol, das crônicas de Campos e Torero e colaborar para a reflexão acerca do futebol.

---

[6] TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002, p. 178.
[7] CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas* / Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. São Paulo: Ática, 1981, p. 6.
[8] Ibid., p. 13.

1 CRÔNICA – UM GÊNERO DO COTIDIANO

A vida de cada dia. Os afazeres diários. As pequenas histórias. Os homens comuns. A labuta diária, o transcorrer de um dia qualquer: o cotidiano. Coletivo ou particular, refere-se aos acontecimentos rotineiros de uma sociedade, ao tempo presente, aos hábitos e às tarefas de todos e de cada um. Embora pareça definir-se como exterior ao homem, é dimensionado tanto pelos procedimentos que constituem as relações coletivas, como o trabalho, a educação, o lazer, o esporte, a família, as atividades inerentes a cada idade humana em diferentes culturas e a morte, quanto a partir de cada um, de suas práticas individuais e formas de ordenar o espaço e buscar o domínio do tempo.

Desenhado pelo homem comum, pelas atividades do dia-a-dia, vividas no espaço privado das moradias ou nos espaços públicos, no meio rural ou na cidade, o cotidiano abrange ainda, como considera Michel de Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano*, o consumo, as enunciações, a memória, as práticas e os percursos urbanos, a leitura, a escrita e as crenças[9]. É a "história comum" da coletividade e do anônimo, do homem espectador e do homem transformador de seu espaço, o qual, segundo Certeau,

> É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos [...] mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se (*sic*) para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público [...] privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos[10].

A "história comum" desse herói anônimo é passível de registro e representação e, conforme o comentário do pensador francês, essa é uma das formas de o homem progredir. Por meio da literatura, da pintura, das artes cênicas, da fotografia, da música popular e da mídia impressa, áudio-visual e eletrônica, o

---

[9] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
[10] Ibid., p. 57.

homem registra seu cotidiano, visto que textos e imagens são formas simbólicas de representar a cotidianidade social[11].

Uma parte considerável dos registros do dia-a-dia das sociedades é feito pelo jornalismo, marcado, majoritariamente, pela objetividade, "realidade [...] hegemônica no discurso sobre o jornalismo" [12]. Dessa maneira, cotidiano é visto e narrado, muitas vezes, de maneira estereotipada, mecânica, e a História é construída por matéria pouco flexível, como comenta Nestor García Canclini:

> Às vezes, os jornais publicam informações sobre lugares pouco conhecidos, mas com maior freqüência, principalmente em fotografias, mostram cenários facilmente identificáveis, que tendem a reproduzir saberes convencionais. Estamos, portanto, diante de um meio que oferece mais elementos discursivos que outros para refletir sobre a cidade e elaborar a condição de cidadão, mas que não contribui para expandir a visão sobre a cidade em uma proporção comparável ao crescimento de seu território e sua complexidade. A despeito da ênfase sobre a novidade e, em alguns jornais, sobre o insólito, a maioria termina por concentrar-se no conhecido. Embora se descrevam como informadores de fatos atuais e, portanto, como meios que privilegiam o presente, a maioria dos jornais insiste no já habitual, prolongando estereótipos formados historicamente.[13]

Tomando a cidade como o espaço vivenciado pela fração maior da humanidade e o jornal como metonímia da mídia, depara-se com o fato de que a vida cotidiana assim registrada tem mais peso, mais impessoalidade. Logo, torna-se necessário ao homem narrar-se de modo a "encontrar uma forma no tumulto da experiência humana" [14], a superar a facticidade do existir trivial e seus limites. Nessa perspectiva, comentar o real, os acontecimentos, e/ou transformá-lo, reinventá-lo, parecem as alternativas para se descobrir o que o olhar automatizado não consegue.

Justamente com esse potencial, a crônica se mostra um gênero sensível que, a partir da representação do corriqueiro, é mais humanizadora, pois oferece espaço discursivo para o leitor desvelar sentidos e para a reconstrução do

---

[11] THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis: Vozes, 1999, p. 369.

[12] LEMOS, Cláudia. A crônica como contraponto à objetividade no jornalismo brasileiro da virada do século. In: *Anais do XXIII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), 2000, Manaus*. São Paulo: Intercom, 2000, p. 6. CD-ROM.

[13] CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opin. Pública*, Campinas, maio 2002, vol. 8, n. 1, p. 45. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Fev. 2007.

[14] ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 93.

presente e do mundo, com o que consegue revelar outras dimensões da experiência cotidiana. É um gênero que circula entre páginas objetivas e espetacularizadoras, mas que, conforme Karine Claussen Vanucci,

> [...] por seu estilo diferenciado e, de certa forma, imune a exigências como objetividade, imparcialidade [...] ou furo, a crônica se apresenta como espaço privilegiado para a defesa de visões de mundo que fogem ao senso comum e à autoreferencialidade. O cronista pode, como ninguém, observar o mundo e apresentá-lo aos leitores segundo sua interpretação, exercendo não somente a autoridade jornalística, mas também o papel do intelectual conectado com os conflitos de seu tempo. [15]

Cabe esclarecer que a crônica é tomada aqui em sua acepção moderna, gênero praticado pelo jornalismo folhetinista do final do século XIX e reconfigurado no século XX, "em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido" [16], um "texto literário dentro do jornal [...], uma espécie de avesso, de negativo da notícia" [17]. Cláudia Lemos nota que a crônica funciona como

> uma espécie de perturbação no contrato de leitura estabelecido pelo jornal. Perturbação que transfere para o jornal, em certa medida, a qualidade de incompletude da literatura, provocando uma abertura na pretensão jornalística de dar conta da totalidade dos fatos[18].

O cronista, desse modo, é o observador do cotidiano e um historiador subjetivo de seu tempo, o que se percebe já nos textos dos primeiros a praticarem o gênero, quando ainda a crônica era folhetinesca, longa, com comentários de diversos assuntos e fatos. Veja-se o texto de 17 de setembro de 1854, escrito por José de Alencar em sua coluna *Ao correr da pena*, no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro:

> Estamos na primavera, dizem os folhetins dos jornais, e a folhinha de Laemmert, que é autoridade nesta matéria. Não se pode por conseguinte admitir a menor dúvida a respeito. A poeira, o calor, as trovoadas, os casamentos e as moléstias, tudo anuncia que entramos na quadra feiticeira dos brincos e dos amôres [...] Doce alívio dos velhos reumáticos, esperança consoladora dos médicos e dos boticários, sonho dourado dos proprietários

---

[15] VANNUCCI, Karine C. O cronista enquanto intelectual. In: *Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte-MG, setembro de 2003*. São Paulo: Intercom, 2003, p. 11, CD-ROM.

[16] ARRIGUCCI JR., op. cit., p. 51.

[17] COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.) *Jornalismo e Lliteratura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 156.

[18] LEMOS, op. cit., p. 4.

> das casinhas dos arrabaldes! Os sorveteiros, os vendedores de limonadas e ventarolas, os donos dos hotéis de Petrópolis, os banhos, os ônibus, as gôndolas e as barracas, te esperando com a ansiedade, e de suspirar por ti quase estão ficando tísicos (da bôlsa).
> Esta semana já começamos a sentir os salutares efeitos de tua benéfica influência! Vimos uma *estrêla* do belo céu da Itália eclipsada por uma moeda de dois vinténs, e tivemos a agradável surprêsa de ouvir o 1.º ato do *Trovatore* e um *speech* da polícia, tudo de graça. [...]
> Assim a crônica futura desta heróica cidade consignará nas suas páginas que, pelo comêço da primavera do ano de 1854, tivemos um divertimento de graça. [19]

O texto inicia com um assunto geral, uma estação do ano, mas vai se particularizando aos poucos até chegar ao comentário de um episódio específico da semana sobre a qual Alencar escreve. A descrição é sutilmente irônica, em que o cronista registra os costumes (por exemplo, os casamentos na primavera) e os comportamentos dos habitantes da cidade, preocupados com a sobrevivência financeira. Depois, é que Alencar vai ao fato para comentá-lo e ressaltar não exatamente a ópera, mas os acontecimentos divertidos ocorridos no dia de sua apresentação, diferente de uma abordagem mais objetiva a que o jornalismo almeja; a época fica registrada subjetivamente.

Em outra crônica de José de Alencar, “Máquinas de Coser”, escrita para o veículo já citado em 03 de novembro de 1854, tem-se o percurso contrário: um fato corriqueiro da vida é ponto de partida para divagações sobre a arte de costurar, a evolução da tecnologia, a arte de escrever e mesmo sobre os papéis da crônica, falar sobre o prosaico e entreter o leitor.

> Meu caro colega. — Acho-me seriamente embaraçado da maneira por que descreverei a visita que fiz ontem à fábrica de coser de M.me Besse, sobre a qual já os nossos leitores tiveram uma ligeira notícia neste mesmo jornal.
> O que sobretudo me incomoda é o título que leva o meu artigo. Os literatos, apenas ao lerem, entenderão que o negócio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas acharão o assunto prosaico, e talvez indigno de preocupar os vôos do pensamento. Os comerciantes, como não se trata de uma sociedade em comandita, é de crer bem pouca atenção dêem a esse melhoramento da indústria. Por outro lado, tenho contra mim o belo sexo, que não pode deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga [...]
> Mas como é possível distrair estes espíritos preocupados com altas questões do Estado de fazê-los descer das sumidades da ciência e da política a uma simples questão de costura?
> Parece-lhe isto talvez uma coisa muito difícil; entretanto tenho para mim que não há nada mais natural. A história, essa grande mestra de verdades, nos apresenta inúmeros exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos

[19] ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Melhoramentos, [19-], p. 32-35.

> povos da antiguidade, não só a arte de coser, como as outras que lhe são acessórias. [20]

O cronista comenta o fato ocorrido durante a semana, uma das funções da crônica à época, mas vai além dele, ampliando a sua interpretação da sociedade. Mesmo sendo o princípio de quem produzia a crônica folhetinesca propiciar entretenimento ao leitor ao registrar a vida cotidiana da cidade, comentando as notícias e fatos da semana e os assuntos prosaicos, a reflexão mais abrangente também tem lugar.

O papel de comentar a notícia foi se transformando ao longo do percurso do gênero, diminuindo o texto de tamanho e restringindo-se menos a crônica ao factual, pois o cronista não tem como fim a notícia, a informação; então, busca transcendê-la, dar-lhe outros tons, ou usá-la apenas como pretexto para a divagação ou a rememoração, por exemplo. Por outro lado, a intenção de divertir conserva-se na atualidade, com o acréscimo progressivo ao gênero de recursos estéticos (já a partir de Machado de Assis), como a poesia, o humor e a ficção, sem perder a ironia e a criticidade. A postura do cronista que o leva a redigir textos com essas características é assim explicada por Machado de Assis, em crônica de 11 de novembro de 1900, publicada na coluna *A Semana*, da *Gazeta de Notícias*:

> Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. Daí vem que, enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves como a taxa francesa sôbre a falta de filhos e o suicídio do chefe de polícia paraguaio, cousas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver cousas miúdas, cousas que escapam ao maior número, cousas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam. [21]

Enxergar o que é pequeno, considerado trivial, revela-se fundamento para o cronista que busca captar do cotidiano um instante ou um fato e o representar por meio da linguagem, exprimindo sentidos que podem ir além da objetividade, da efemeridade e da banalidade. Como se pôde ver, já no início da prática cronística no século XIX, essa atitude se explicitava em vários textos, como em alguns de Machado de Assis. Seu estilo ágil, irônico e crítico foi veiculado nos jornais cariocas, sob diversos pseudônimos, em textos que registraram e criticaram a vida no Brasil

---

[20] ALENCAR, op. cit., p. 68-69.

[21] ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. MOISÉS, Massaud. (org.). 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 75.

imperial e a transição do império para o regime republicano, além de flagrar o cotidiano e transcendê-lo com comentários e reflexões. Ainda que mais ligado ao cotidiano público, o cronista não deixava de atentar-se para o fato aparentemente banal para reinventar a realidade, caso da crônica de 8 de abril de 1894, publicada na coluna citada anteriormente:

> Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica [...]
> Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo [...] parecia estar próximo do fim [...]
> O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência [...]
> E diria o burro consigo:
> "Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais". [22]

O cronista constrói uma subjetividade, colocando como primeiro assunto de seu texto algo que chamou a atenção do "eu" – ao qual se denomina, nesse trabalho, eu do cronista. Em tempo: a *persona* que narra e comenta nas crônicas é denominada também dessa maneira; não se limita ao uso de narrador ou sujeito lírico, pois "observa-se a necessidade de atenção especial com uma terminologia que não pode ser fixa para cumprir seu papel sem conduzir a equívocos quando o objeto pesquisado é a crônica" [23]. Durante uma simples caminhada pela cidade, uma ação cotidiana, o fato um tanto fora da rotina leva o eu do cronista à reflexão. O tom de humor é conseguido a partir da situação inesperada e ficcional – o burro fazendo um exame de consciência, cujo conteúdo, no texto integral, contém ainda ironias e metáforas sociais.

Mais uma vez, percebe-se a crônica como gênero atrelado ao dia-a-dia e, ao mesmo tempo, espaço discursivo dentro do jornalismo com liberdade para propiciar ao leitor subjetividade, reflexão e reinvenção da vida cotidiana – aspecto que coloca o gênero também no terreno da literatura. A importância dessa interessante configuração é comentada por Margarida de Souza Neves, ao discutir as relações da crônica com a história, enquanto documento subjetivo da realidade:

---

[22] ASSIS, Machado de. *Crônicas*. Obras Completas de Machado de Assis, v. 3. São Paulo: Mérito, 1959, p. 608-610.

[23] SIMON, Luiz Carlos Santos. *Projeto de pesquisa Afinidades da crônica brasileira: particularidades e confrontos.* Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005, p. 9.

> Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica? Não são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história. [24]

A visão curiosa que o cronista tem das pessoas, da cidade, das relações no seu presente pereniza-se na crônica e oferece, então, ao futuro, panoramas e detalhes da vida em uma determinada época. É o caso do cronista Paulo Barreto, que escreveu para jornais como *O País*, *Gazeta de Notícias* e *A Pátria* (fundado por ele) sob diversos pseudônimos: João do Rio, o mais famoso, Claude, Caran d'ache, José Antônio José. Versátil, contribuiu para a renovação do jornalismo e para a diversificação do gênero em si, descrevendo as frivolidades do Rio de Janeiro de início de século XX, na coluna *Pall-Mall Rio*, n'*O país*, e a miséria social e humana da cidade em transformação em diversos veículos. Conforme Denise da Costa O. Siqueira, P. Barreto

> [...] tinha a preocupação com o aspecto social em uma época em que o método sociológico ainda se afirmava e o positivismo era a força motriz na interpretação das Ciências Sociais. Encarando-o como cronista pode-se extrair de sua obra elementos exclusivos sobre o Rio de Janeiro e sua pobreza no início do século XX. [25]

O cronista apresentava, comumente, muita referencialidade, devido ao compromisso com os jornais nos quais era repórter. Contudo, criava máscaras textuais para comentar e narrar a cidade e, em seus textos, "observa-se uma certa independência que se constrói em pequenos espaços criados por comentários e digressões que não se ligam necessariamente ao tema central do texto, mas apenas dialogam com ele" [26]. É com esses comentários e na descrição crítica, de construção histórica, que a crônica social de Paulo Barreto traz para o jornalismo brasileiro o gérmen do posterior *new journalism*, a forma subjetiva de noticiar. Para isso, sua postura de observador, a qual é descrita em "A rua", foi fundamental:

---

[24] NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995, p. 25.

[25] SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. João do Rio, repórter da pobreza da cidade. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan./jun. 2004, p. 91.

[26] BASTOS, Gláucia Soares. Pall Mall Rio. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 229.

> Flanar: Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua: [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia e à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha alí na esquina, seguir com os garotos o lutador do Casino vestido de turco [...] conversar com os cantadores de modinha [...] É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico [...] Quando o *flâneur* deduz, [...] ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. [...] eu fui um pouco esse tipo complexo. [27]

O *flâneur* brasileiro, ao "pintar os pensamentos" e "a alma das ruas" consegue transcender o factual da reportagem; "a observação participante, o diálogo com as fontes e a contextualização - permitiram que o cronista revelasse elementos cotidianos da cidade com clareza" [28]. O espaço urbano, seus objetos e habitantes eram olhados por todos os lados, fossem considerados nobres, miseráveis ou banais, como na crônica "Tabuletas", de 27 de março de 1907, publicada na Gazeta de Notícias, em que as placas dos estabelecimentos e das ruas são o assunto: "Foi um poeta que considerou as tabuletas os brasões da rua. As tabuletas não eram para a sua visão apurada um encanto, uma faceirice, que a necessidade e o reclamo incrustaram na via pública; eram os escudos de uma complicada heráldica urbana, do armorial da democracia e do agudo arrivismo dos séculos" [29]. Em Paulo Barreto, a crônica oferece o cotidiano perscrutado e perenizado, é um "espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro" [30].

Outro cronista que também guardou, nas crônicas, as imagens do Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX foi Lima Barreto. Escreveu para o *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde* e para o *Correio da Noite*. Ácido nas críticas, ele ainda reinventava o cotidiano, usando, por exemplo, o recurso da narração, como na crônica "O caso do Mendigo", de 1911, em que o cronista narra como teria sido a vida de um mendigo estrangeiro, deficiente visual, que fora apanhado pela polícia. Nesse texto, Barreto comenta a notícia da prisão do mendigo, com o qual a polícia encontrou boa quantidade de dinheiro. O cronista, a partir do fato informado pelo jornal, não censura a mendicância e discute a situação de miséria da maior parte do povo brasileiro, a necessidade de se economizar porque não há trabalho estável para todos – inclusive no caso do mendigo – e chega

---

[27] RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 5-6.
[28] SIQUEIRA, op. cit., p. 90.
[29] RIO, 1997, op. cit., p. 155.
[30] RIO, João do. *Pall-MallRio: inverno mundano de 1916*. Rio de Janeiro: Villas Boas, [19--], p. 10.

à crítica ao governo e à política; as considerações são feitas entremeadas pela narrativa baseada em suposições. Já em outra crônica, “De Cascadura ao Garnier”, de 29 de julho de 1922, Barrego registra com narração e comentários o percurso pela cidade num bonde e observa a transformação da cidade:

> Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou ocupar o banco da frente, junto ao motorneiro [...] Em grande trecho, perlustra a velha Estrada Real de Santa Cruz, que até bem pouco vivia esquecida. Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomerim, Estrela e outros "portos" do fundo da baía. [...] Mas... o bonde de Cascadura corre; "Titio Arrelia", manejando o "controle", vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado. [31]

O trajeto pela cidade torna-se trajeto textual, em que se vê a paisagem, os costumes, a memória do cronista, sua nostalgia – o quadro urbano se pinta sobre a realidade que Lima Barreto muito condenava, a modernidade massacrando e tentando esconder a pobreza e encobrindo a beleza natural:

> Imploremos aos senhores capitalistas para que abandonem essas imensas construções, que irão, multiplicadas, impedir de vermos os nossos purpurinos crepúsculos do verão e os nossos profundos céus negros do inverno [32].

Se os fatos e as notícias servem freqüentemente como matéria-prima para a crônica, os percursos urbanos o são em proporção semelhante. Aparecem em inúmeras crônicas e se caracterizam pela tentativa de recriação da experiência do contato com o espaço físico representado no texto, em que a subjetividade do observador aparece com relevância e a eventual crítica serve como alfinetada no leitor e na sociedade. A cotidianidade é apreendida pelo olhar do cronista em direção às pessoas que circulam nas ruas, aos estabelecimentos e edificações, ao que aparece e ao que desaparece no fluir do tempo e das transformações urbanas. O espaço e os costumes, o comportamento das pessoas, a

---

[31] BARRETO, Lima. *Marginália:* artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 54.
[32] Ibid., p. 54.

situação ridícula, o momento de contemplação, tudo o que ocorre nos lugares públicos pode ser convertido para o plano textual.

Explorar essas cenas diárias, conferindo-lhe alguma emoção, e construir sentido com isso são o trabalho do cronista, que conserva a experiência, torna-a memorável, guardada do tempo. Exemplo disso é a crônica de Manuel Bandeira. Em “Fragmentos”, ele transforma em texto o estar em um espaço urbano e o deslumbramento que este provocava aos visitantes:

> Um aquário é um verdadeiro encantamento para os olhos de um menino. De um menino? Creio que para os de toda a gente. Eu por mim confesso que sou freqüentador assíduo do pequeno aquário do Passeio Público. E ainda da última vez que lá estive fui testemunha da alegria imensamente divertida que despertava num gurizinho de 27 meses apenas o espetáculo dos peixes cambalhotando atrás das paredes de vidro do aquário. A pesada tartaruga incutia-lhe um arzinho sério. Mas como êle se ria do cardume claro, ágil, nítido das pequeninas cocorocas! dos camarões batendo as patinhas dorsais incessantemente! [33]

O fato é trivial: uma visita ao aquário, a criança divertindo-se ao ver os animais. Todavia, o olhar para as miudezas e a forma subjetiva de registrar proporcionam emoção ao momento comum – a confissão do eu do cronista de sempre freqüentar o local, a afetividade com que fala do menino (“gurizinho”) e dos movimentos dos animais. A trivialidade, estampada de diferentes maneiras na prosa cronística, perde a carga de automatismo; assim, também a linguagem, seja pelo efeito lírico ou humorístico. Este, constante nos textos do Barão de Itararé (pseudônimo do cronista Apparício Torelly), propicia a reflexão acerca dos comportamentos – veja-se a crônica “Conselho Médico (como devemos tomar nossos remédios)”:

> Quando estamos doentes, afinal não temos outro remédio senão tomar remédio. O remédio, aliás, sempre faz bem. Ou faz bem ao doente que o toma com muita fé; ou ao droguista que o fabrica com muito carinho; ou ao comerciante que o vende com um pequeno lucro de 300 por cento.
> Mas apesar do bem que fazem, devemos convir que há remédios verdadeiramente repugnantes, que provocam engulhos e violentas reações de repulsa do estômago. [...]
> O melhor meio de vencer as náuseas, quando temos que ingerir um remédio repelente, consiste em recorrer à lógica dos rodeios, adotando os métodos indiretos, até chegar à auto-sugestão, transformando assim o

[33] BANDEIRA, Manuel. *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*. Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1966, p. 57.

> remédio repugnante numa coisa que seja agradável ao paladar. Numa palavra, devemos tomar o remédio com cerveja. [34]

Enquanto brinca com a aversão do paladar ao sabor ruim dos medicamentos, o cronista desaprova com ironia a prática de se explorar o consumidor que, doente, é obrigado a pagar caro por um remédio – o humor e a ironia conduzem o leitor a refletir sobre a questão. Também desautomatizando a linguagem e guiando o leitor à problematização, Cecília Meireles, na crônica "Compras de Natal", trata do hábito consumista de comprar presentes:

> Todos vamos comprar presentes para os amigos e parentes, grandes e pequenos, e gastaremos, nessa dedicação sublime, até o último centavo [...] Grandes e pequenos, parentes e amigos são todos de gosto bizarro e extremamente suscetíveis. [...] Não poderemos adquirir a primeira coisa que se ofereça à nossa vista: seria uma vulgaridade. Teremos de descobrir o imprevisto, o incognoscível, o transcendente. Não devemos também oferecer nada de essencialmente necessário ou útil, pois a graça destes presentes parece consistir na sua desnecessidade e inutilidade. [...] São as cestinhas forradas de seda, as caixas transparentes, os estojos, os papéis de embrulho com desenhos inesperados, os barbantes, atilhos, fitas, o que na verdade oferecemos aos parentes e amigos. Pagamos por essa graça delicada da ilusão. E logo tudo se esvai, por entre sorrisos e alegrias. Durável — apenas o Meninozinho nas suas palhas, a olhar para este mundo. [35]

A estrutura antitética do texto, em que ironia e crítica se tornam aparentemente leves devido à poeticidade dos enunciados e particularmente a antítese do final do texto – efemeridade das ações humanas x permanência da ação divina, exatamente numa comemoração sagrada – desestabilizam o leitor e o levam a refletir. O hábito, considerado normal, é repensado a partir da plurissignificação da linguagem da crônica.

Por outro lado, além de promover o questionamento dos hábitos na tessitura da crônica e a partir dela, de diferentes formas, o cronista tem a possibilidade de transcendê-lo. Dessa maneira, algo tão comum tal qual um telefone tocando no mês de maio transforma-se na contemplação do tempo e das pessoas, registrada na crônica "O mês e o telefone" por Lêdo Ivo:

---

[34] ITARARÉ, Barão de. *Máximas e Mínimas do Barão de Itararé*. SOUZA, Afonso Félix (org.). Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 33.

[35] MEIRELES, Cecília. Compras de Natal. In: _____. *Quatro Vozes*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 80.

> Estamos em maio e um telefone toca. Maio escorre das janelas [...] A mulher que sobe o morro, com a lata de água na cabeça; a môça do autolotação cujos belos cabelos são atiçados pelo vento do mar; o homem que ouve música em qualquer parte, todos carregam maio, leve carga, embrulho invisível. [36]

O texto apresenta uma imagem que define a suavidade do mês e recaracteriza as atividades simples de anônimos, que recebem intensidade e emoção ao serem acrescidas de outra menos banal, carregar o mês, o tempo, invisível, mas sentido. Os enunciados dispostos em gradação desenham a cena: imagina-se o peso maior da lata de água da mulher que está subindo um morro e passa-se, na seqüência, aos cabelos da moça agitados pelo vento e, depois, à música ouvida pelo homem; da localização precisa e da concretude do carregar água, vai-se à densidade menor do vento na moça no ônibus e, então, à abstração da arte apreciada por um homem indefinido, “em qualquer parte”. Chega-se então, à leveza e à invisibilidade do mês de maio que, mesmo com essas definições, escorre – o tempo é sentido tanto quanto a lata d’água e, ao mesmo tempo, é mais suave e impalpável que a música. Ademais, de todas as outras atividades o ser humano pode prescindir, não de carregar o tempo. A crônica, pois, empresta lirismo a um momento do cotidiano e ainda instaura o paradoxo do peso do tempo.

Um momento ou uma notícia: o lirismo na crônica pode reconfigurar o acontecimento miúdo. Assim o faz Rubem Braga, em “Como se fora um coração postiço...”. Ele parte de uma nota sobre o nascimento de um menino com o coração fora do peito em Budapeste, o qual não havia sido o primeiro, já que havia nascido, sete anos antes, uma criança assim em São Paulo e vivido quatro horas. O eu do cronista criado por Braga discorre sobre como teria sido o nascimento e a morte deste menino, supondo que ele houvesse nascido de madrugada.

> As esquinas piscam. O olho vermelho do sinal sonolento, tonto na cerração, pede um poema que ninguém faz [...] Nasceu, em uma casa distante, em um subúrbio adormecido, um menino com o coração fora do peito. Ainda é noite dentro do quarto fechado, abafado [...] 6 horas. O coração fora do peito bate docemente. 7 horas – o coração bate... 8 horas – que sol claro, que barulho na rua! – o coração bate.... 9 horas [...] Está morto [...] O anjinho está no céu [...] Os outros anjinhos olham espantados [...] Eu nasci com o coração fora do peito. Queria que ele batesse livre, bem na vista de toda a gente, dos homens, das moças. Queria que ele vivesse à luz, ao

[36] IVO, Lêdo. *Rio, as cidades e os dias*: crônicas e histórias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965, p. 43.

> vento, que batesse a descoberto, fora da prisão da escuridão do peito [...] vi que não tinha jeito. Lá embaixo [...] o coração trabalha sem ninguém ver.[37]

Braga ilumina as esquinas, personifica o semáforo. Faz nascer o menino num lugar fechado e escuro, em oposição à madrugada nas ruas. Trabalha com o ritmo ao colocar, lado a lado, os batimentos do coração do menino, os sons das horas batendo (como um relógio que bate) e da manhã movimentada da cidade. Só até aí já se tem uma boa amostra de como a prosa do cronista pode ser lírica e reinventar os eventos. O menino, que morre, estaria no céu explicando aos anjos porque nasceu daquela maneira e morreu. Mais uma oposição, complementando aquela há pouco comentada: o desejo de que o coração batesse livre contrastou com o comum, o coração batendo num lugar escuro, escondido, apertado. Tem-se a metáfora da falta de liberdade para sentir, para amar, e a reinvenção, por meio da poesia, do fato divulgado na mídia.

A poesia da crônica pode enriquecer, também, a opinião do cronista em relação a algum comportamento comum. Eneida, no texto “Conversas de mulher”, comenta sobre a cirurgia plástica:

> [...] outro dia subitamente perguntou-me se não cogito de fazer uma operação plástica facial, que acabe com as minhas rugas, devolvendo-me ao rosto a louçania de passadas eras [...] Não desaprovo essas operações nem nego às mulheres o direito de defender e conservar a beleza, mas depois dessa conversa pensei um pouco nas minhas rugas, pobres rugas que jamais serão desfeitas e que até aquele momento não tinham vivido um minuto sequer em minhas cogitações. [...] Operando minhas rugas [...] se eu me procurasse e não me encontrasse? [...] daqui a pouco só serão velhas as mulheres trabalhadoras como eu e centenas de outras, e as mulheres operárias, aos milhares. Manteremos as rugas: elas contam nosso destino.[38]

O objetivo da plástica aparece com linguagem grandiloqüente, ironia fina de Eneida em relação à promessa de rejuvenescimento da cirurgia. Da ironia, ela passa ao lirismo, quando seu eu do cronista fala de suas “rugas, pobres rugas”. A sentimentalidade na referência às rugas aumenta à medida que se vão tornando, no texto, metáfora da experiência e da identidade, a qual tem o ápice no trecho final, quando se afirma a manutenção das rugas porque elas contam o destino das

---

[37] BRAGA, Rubem. Como se fora um coração postiço. In: CAMPOS, Paulo Mendes et. al. *Para gostar de ler: crônicas.* São Paulo: Ática, 1978, p. 41-43.

[38] ENEIDA. *Aruanda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 145.

pessoas. O comentário, como se nota, é subjetivo, reveste-se de lirismo para exprimir valores e pontos de vista.

De maneira similar à expressão da opinião, olhar para o passado não é incomum entre os cronistas, visto que a operação de rememorar faz parte da cotidianidade do homem. A subjetividade envolvida nesse processo é outra possibilidade de a crônica ser arquitetada; a lembrança é ressignificada nas palavras do cronista. Em “Mal-estar de um anjo”, de Clarice Lispector, o eu do cronista narra o dia em que foi surpreendido pela chuva ao sair para a rua:

> Ao sair do edifício, o inesperado me tomou. O que antes fora apenas chuva na vidraça, abafado de cortina e aconchego era na rua a tempestade e a noite. Tudo isso se fizera enquanto eu descera pelo elevador? Dilúvio carioca, sem refúgio possível, Copacabana com água entrando pelas lojas rasas e fechadas, águas grossas de lama até o meio da perna, o pé tateando para encontrar calçadas invisíveis [...] E o pior era o temor ancestral gravado na carne: estou sem abrigo, o mundo me expulsou para o próprio mundo, e eu que só caibo numa casa nunca mais terei casa na vida, esse vestido ensopado sou eu, os cabelos escorridos nunca secarão, e sei que não serei dos escolhidos para a Arca, pois já selecionaram o melhor casal da minha espécie. [39]

A chuva forte e repentina no momento de sair é experiência corriqueira; contudo, a subjetividade com que Clarice Lispector relembra a sensação de ver a tempestade potencializa o registro, ampliando a gama de sentidos a serem construídos a partir dos enunciados: a falta de refúgio, as conseqüências disso e o sentimento de impotência, de abandono. Como se vê, a sensibilidade do cronista realça a memória do fato passado e permite a ele a abertura para outras perspectivas de percepção do mundo, de si e mesmo para fazer críticas ao presente.

É o que faz Graciliano Ramos, na crônica “Um velho cartão-postal”, de 1938, poucos meses após sair da prisão. Ele resgata um acontecimento da infância, quando, no primário, teve acesso a um baralho de cartões-postais de todos os países e ficou revoltado com a imagem do Brasil no exterior. Graciliano Ramos deixa evidente como aquilo lhe permanecera na memória e utiliza o expediente da rememoração para ir além do fato e criticar a sociedade brasileira no presente.

---

[39] LISPECTOR, Clarice. Mal estar de um anjo. In: _____. *Para não esquecer*. São Paulo: Ática, 1979, p. 27.

> Querem saber o que tinha imaginado para caracterizar a nossa querida pátria? Isto: – um índio nu, de argola no beiço e penas de arara na cabeça, balançando-se numa rede vermelha, armada entre ramos, no meio da floresta e, junto a ele, de farda e boné com algarismos, um carteiro, entregando-lhe a correspondência. [...] Passou-se o tempo; [...] Parece que o cartão postal, que vi na escola primária, estava certo. Dois tipos: – um vestido, carregado de papel impresso; outro nu, feroz, com os dentes pontudos, cacete na mão. [40]

Faz-se claro que, enxergando pelo prisma da subjetividade os eventos comuns do passado ou do presente, o cronista se investe, por vezes, do ideal de propiciar a reflexão do tempo histórico com que estabelece diálogo e, no tecido do texto, projeta sentidos e as impressões subjetivas que seu olhar diferenciado capta do dia-a-dia. Registrando a memória por meio da linguagem, de seus recursos, o cronista preserva as experiências do esquecimento e oferece mais dimensões para a vida diária.

Mais um caminho de inscrição da subjetividade na crônica é a metalinguagem, linguagem que aborda seu próprio conteúdo. A crônica que trata do ato de escrever, de estilo e do gênero aviva as dimensões da atividade habitual do cronista e é espaço para este expressar ao leitor conceitos e pensamentos sobre seu trabalho ou exprimir sua opinião sobre o gênero e suas especificidades. Vinicius de Moraes, em “O exercício da crônica”, sustenta que o “prosador do cotidiano” tem o dever de “injetar um sangue novo” num fato, numa notícia e produzir a crônica.

> Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. [41]

A subjetividade aparece pela via do confessional, mas sem sentimentalismo, num tom informal. Surgem do texto o conceito sobre que tipo de prosa o gênero crônica é, a estreita relação do cronista com a vida diária e sua intenção de deflagrar novas significações para um acontecimento e uma possível diferença entre o cronista e “um ficcionista”, cuja prosa compõe-se do conto e do

---

[40] RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas:* obra póstuma. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980, p. 172-173.
[41] MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: _____. *Para viver um grande amor.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.17.

romance: com a afirmação de que este ficcionista se sujeita a sua criação ("levado meio a tapas pelas personagens e situações"), subentende-se que o cronista, por mais ligado que seja ao factual, ao jornalismo, é livre.

A idéia de prosa leve, bate-papo, dá espaço à qualificação de inutilidade da crônica. No entanto, Carlos Drummond de Andrade, no texto "O frívolo cronista", em resposta a um leitor, defende essa aparente inutilidade do gênero, afirmando que este não tem a obrigação de tratar de assuntos graves ou sérios – isso ficaria para o jornalismo objetivo.

> O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) [...]. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral [...] No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranqüilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo [...] É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. [42]

Drummond, quando declara não ter nenhuma "eficácia social", despista o leitor com sua modéstia, visto que isso contradiz a utilidade que ele mostra ter a crônica. O cronista usa contradições e despistes como uma estratégia textual para esclarecer o papel da crônica como "pausa" de emoção e sensibilidade e defender o ofício da cobrança de objetividade e de tensão que recai sobre o jornalismo e a literatura, respectivamente.

Esse "refrigério" da racionalização da cotidianidade pode ser alcançado por meio da ficção aliada à "prosa fiada". A subjetividade do cronista transfigura-se no artifício da imaginação e a instância narrativa que surge relata um fato inventado ou real, porém reinventado. Sem a tensão de um conto, o cronista não dispensa, entretanto, a elaboração da linguagem e do enredo com vistas a tocar o leitor, seja com uma situação dramática ou triste, que causa indignação, seja com uma situação ridícula ou absurda.

Em "Já não se fazem pais como antigamente", de Lourenço Diaféria, crônica de agosto de 1976, tem-se um narrador distanciado, onisciente, que relata a

---

[42] ANDRADE, Carlos Drummond de. O frívolo cronista. In: _____. *Boca de luar*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 178-180.

chegada de uma grande caixa na casa de uma senhora e seu filho. O narrador conta a satisfação da mãe, a impaciência do menino e a chegada dos técnicos, no dia seguinte, para montar o conteúdo da caixa, um boneco, igual a um homem adulto. Era um robô que fazia muitas atividades humanas, mas que, para decepção do garoto, não contava histórias. A mãe, "encantada", enganando a si mesmo, apenas pediu para o filho deixar o pai descansar. [43] Não há uma intriga propriamente dita; há, sim, a robotização, a desestruturação familiar, as mudanças nas relações afetivas e os estereótipos do homem e da mulher sendo discutidos por meio da ficção na crônica.

Fernando Sabino usa a situação ridícula para elaborar a "pausa" do leitor. Em "O homem nu", um homem avisa a mulher que está sem dinheiro para pagar a prestação da televisão e, por isso, os dois devem se esconder dentro de casa, fingindo não estar quando o cobrador bater à porta. Os elementos do cotidiano – a falta de dinheiro e o costume de esconder-se da cobrança – são o ponto de partida para a crônica. O homem tira a roupa para tomar banho, a mulher havia ido primeiro. Ele, completamente nu, resolve adiantar o café e buscar o pão deixado do lado de fora do apartamento pelo padeiro. A porta se fecha e o pobre, totalmente nu, tenta fugir dos que circulam no prédio; sua mulher não abre a porta, conforme o combinado, e o vêem. Quando finalmente consegue entrar no apartamento, alguém bate e ele, achando ser a polícia, abre: "Não era: era o cobrador da televisão". [44] A reinvenção de uma atitude comum em uma narrativa curta mostra-se eficiente para o entretenimento do leitor e para a crítica sutil. A ficção na crônica, logo, é mais um recurso que permite ao gênero compor e remexer o acontecimento miúdo ou o comportamento usual.

Outro recurso estético, um dos mais utilizados pelos cronistas para potencializar esse efeito, é o humor, o qual aparece mesmo nos textos em que predomina o comentário. Em níveis maiores ou menores, sarcástico, irônico ou jocoso, o humor usado pelos cronistas visa ao resultado de divertir e, principalmente, de provocar o riso que expressa a indignação do leitor com as situações e suas arbitrariedades.[45]

---

[43] DIAFÉRIA, Lourenço. Já não se fazem pais como antigamente. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 26-28.

[44] SABINO, Fernando. O homem nu. In: CAMPOS, Paulo Mendes et. al. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1978, p.15-17.

[45] SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 42-43.

A crônica “A mensagem”, de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto) é um exemplo do uso do humor jocoso. O narrador relata que um avião norte-americano estava sobre a Bahia, a caminho do Rio de Janeiro, quando precisou fazer uma aterrissagem de emergência. O piloto solicitou o pouso numa pista pouco usada da cidade de Barreiras, já que a “situação dele estava muito mais pra urubu do que pra colibri” [46]. Da torre de controle, uma pessoa falando inglês e português com carregado sotaque não queria permitir, pois a pista estava em estado precário. O piloto insistiu e o controlador afirmou que “que estava bem, mas que não se responsabilizava pelo que desse e viesse” [47].

O humor da situação banal dá-se pelo tratamento da linguagem ao longo da crônica, com comparações coloquiais como a de a situação estar “pra urubu” e não “pra colibri”, mas principalmente pela resposta do controlador: “— Ok. You land. But se der bode, I'il take my body out.” [48]. O regionalismo lingüístico e a atitude de pouca responsabilidade, não incomum, ficam hilários na construção do cronista.

Outro exemplo de humor, agora provocando um riso irônico, é a crônica ficcional de “Kni e Giv”, de Carlos Eduardo Novaes. O narrador conta o envio de uma nave à Marte com o objetivo de conferir a existência de vida naquele planeta e a chegada de dois marcianos à terra, com o mesmo fim. Ao discutir sobre a dúvida da existência de vida na terra, os dois marcianos caíram com sua nave no Rio de Janeiro. Começa então uma série de referências irônicas à vida dos brasileiros. “Eu nunca soube que havia tanta cratera na Terra” [49], espanta-se Kni, que logo é recebido por um “crioulo” pedindo para tomar conta da nave. Os extraterrestres perguntam ao Juvenal Ouriço e Boca se há vida na terra, qual a composição do ar, quantos habitantes há no planeta... Os rapazes respondem com total ignorância os simples questionamentos e levam Kni e Giv para a favela da Rocinha. O irmão de um dos rapazes também foi interpelado e começou a contar sua vida,

> [...] desfiando toda a sua existência, desde o dia em que nasceu naquele mesmo barraco. Ao terminar, Kni, incrédulo, perguntou-lhe: “Isso que você

---

[46] PORTO, Sérgio. A mensagem. In: FERNANDES, Millor et. al. *10 em Humor*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968. p. 42.
[47] Ibid., p. 42.
[48] Ibid., p. 42.
[49] NOVAES, Carlos E. Kni e Giv. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 40.

> acabou de contar: é essa a vida que existe na Terra?" O irmão do crioulo disse que sim.
> – Não. Não é possível – disse Kni. – Você está brincando. Isso não é vida.
> Os dois saíram. Voltaram à nave e de lá informaram a Marte que não havia vida na Terra[50].

A ficção e o humor irônico são os expedientes utilizados por Novaes para criticar as dificuldades sociais da vida brasileira. Estruturando esse humor, estão as referências irônicas à ignorância, ao subemprego (o "tomar conta" da nave) e até à devastação ambiental (a Terra é comparada à Lua). Já Mário Prata, em crônica publicada originalmente no jornal *Estado de São Paulo* a 03/12/94, "Antigamente mentia-se apenas de mentirinha", ao comentar sobre a mentira no Brasil, usa o humor sarcástico:

> Mente-se muito no Brasil. Nunca se mentiu tanto como agora. Só que agora a mentira é transmitida por satélite, ao vivo, em cores, para milhões de boquiabertos famintos. Vivemos numa loteria de mentiras onde ganha mais quem mente mais. Ou mente mais quem ganha mais? Mas nada é absurdo neste país onde se rifa um (e apenas um) cílio do Michael Jackson. E não acharam nenhum pentelhinho para rifar entre os garotinhos?[51]

A alusão à suposta pedofilia do cantor americano para alargar a apreciação negativa que o cronista faz dos comportamentos e fatos brasileiros tem o efeito de sarcasmo. Como se pôde averiguar, o humor é recurso muito empregado pelos cronistas para tecer as mais variadas críticas sem o peso e a gravidade que certos assuntos podem suscitar. Com efeito, em crônicas cujo enfoque é a política, isso se verifica continuamente.

Luis Fernando Veríssimo, numa crônica de meados da década de 80 intitulada "Debaixo da cama", ironiza as correntes ideológicas e o comportamento dos envolvidos com elas durante e após a ditadura militar. "Uma cama larga, simbolizando o país. Sobre a cama, não me pergunte como, um reacionário, simbolizando as classes dominantes, sua mulher frívola e infiel, simbolizando a inconsciência nacional, e um doido, simbolizando um doido".[52] O diálogo criado pelo cronista começa por causa do silêncio que reina debaixo da cama, tido pelo doido como indicativo da presença de um jacaré (!). O reacionário indaga sobre esse silêncio do jacaré; o doido acusa o jacaré de ter comido o comunista. " – Que

---

[50] NOVAES, op. cit., p. 42.
[51] PRATA, Mario. *100 crônicas de Mario Prata*. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997, p. 150.
[52] VERISSIMO, Luis Fernando. *A velhinha de Taubaté*. Porto Alegre: L&PM, 1983, p. 31.

comunista? – Tem sempre um comunista debaixo da cama”[53]. Olhando debaixo da cama, um “moço de pijama novo [...] sorri sem jeito” [54] e o doido chega à conclusão de que o comunista comeu o jacaré. Os absurdos desmandos políticos ocorridos durante o período ditatorial ficam ridicularizados nas circunstâncias criadas pelo cronista no texto.

O universo da política, que faz parte do cotidiano público, aparece remoldado nos textos, ficcionais ou não. Alguns cronistas o elegem eventualmente ou fazem dele seu assunto chave, seu tema constante. Carlos Heitor Cony é exemplo do primeiro grupo; num texto de 13/09/2005, “PT e PM”, para a coluna *Pensata*, no site *Folha Online*, ironiza a hipocrisia dos políticos nas eleições: “Com a cruzada em favor da moral e dos bons costumes políticos, está aberto o espaço para a fundação de um novo partido, o Partido dos Moralistas ou da Moral” [55]. Arnaldo Jabor representa o segundo grupo, com crônicas debochadas e fortemente irônicas:

> **Ilmo. Governador do**
> **Estado do Rio de Janeiro**
>
> Venho por esta colocar humildemente minha colher na sopa de bode preto que o Rio virou. Venho também desejar que o senhor consiga interromper os desastrosos 40 anos de populismo sinistro que nos afligem.
> Há uns cinco anos, critiquei-o na TV, dizendo que o senhor, jovem, poderia ser mais “romântico”, mais idealista e menos ligado a manobras fisiológicas da Alerj, sendo filho de um carioca imenso, que sempre defendeu a grandeza espiritual do Rio.
> Hoje, romanticamente, confio no senhor. Confio mesmo; vejo determinação em seu rosto. E é até bom que o senhor tenha lidado com as lacraias da Alerj, pois há que conhecer a doença para ser sadio [56].

Na crônica “Prezado senhor Sérgio Cabral”, de 09/01/2007, para sua coluna semanal no jornal *O Estado de São Paulo*, Jabor utiliza um gênero dentro de outro, a carta dentro da crônica (recurso bastante explorado pelos cronistas), para convocar Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, a resolver os sérios problemas daquele estado. Cada enunciado dos textos de Jabor (inclusive os veiculados na imprensa televisiva) contribui, tanto pela seleção vocabular, quanto pela força da crítica subjetiva, no todo da crônica para expressar indignação em relação aos procedimentos políticos no Brasil.

---

[53] VERISSIMO, op. cit., p. 32.
[54] Ibid., p. 32.
[55] CONY, Carlos Heitor. PT e PM. *Folha Online*. 13 set. 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u212.shtml>. Acesso em 15 fev. 2007.
[56] JABOR, Arnaldo. Prezado senhor Sérgio Cabral. *Estado de São Paulo*. 09 jan. 2007, c. 2, p. D8.

Bem conhecido dos repórteres e geralmente alvo de sensacionalismo, o universo policial/social, também parte da vida diária de grandes e pequenas aglomerações humanas, é comentado por cronistas. Esse comentar, contudo, pode ser entremeado de certo humor e/ou ficcionalização, elegendo perspectivas distintas do jornalismo objetivo. É o caso de Antônio Maria, na coluna que mantinha no início da década de 60 no jornal *Última Hora*. Na crônica "Você, hein?...", de 28/04/1961, Maria narra a história de uma mulher que, após trair o marido, confessou a traição simplesmente porque ele teria chegado e dito a frase do título e, em conseqüência, foi espancada. O eu do cronista zomba ao afirmar que "O engraçado da história" estava no significado da reprimenda do marido, um botão que não fora pregado. [57] O acontecimento banal ganha sentido de narrativa exemplar à medida que o eu do cronista se posiciona, chegando a dizer que "este caso serve de lição a todos os maridos" para que estes não digam à esposa "Você, hein?..."[58], correndo o risco de ouvir algo não desejado nem esperado e de provocar uma agressão.

O trivial (embora triste) fato policial é um aspecto da vida cotidiana transfigurado na crônica, como no texto "Aluga-se", de Moacyr Scliar, publicada na *Folha de São Paulo* em 18/01/1996. Baseado numa notícia da semana anterior sobre uma família que morava dentro de uma ponte em Pinheiros, São Paulo, o cronista cria um anúncio fictício que oferece as "vantagens" de se morar na ponte. Usando, como Jabor ao falar de política, um outro gênero dentro da crônica, Scliar ironiza a condição precária de vida daqueles moradores:

> Local vago, recentemente liberado, e à completa disposição de novos inquilinos. Tem as seguintes características:
> 1) Espaçoso. Espaçoso, dissemos? Fomos modestos em nossa afirmação. Para que se tenha idéia das dimensões, uma família de 14 – repetimos – 14 pessoas habitava ali. Que apartamento, pergunta-se, receberia 14 pessoas? [...] 2) Em andar elevado [...] 3) Bem localizada. [...] 4) Perto de qualquer condução. [...] 5) Construção de primeira [...] 6) Segurança [...] 7) E agora vem o melhor: o aluguel; grátis, absolutamente grátis. [59]

Tanto o formato de carta do texto de Jabor quanto o formato de anúncio do texto de Scliar ilustram a flexibilidade da crônica em relação aos outros gêneros, assim como no que se refere à temática e ao uso de expedientes

---

[57] MARIA, Antonio. *Benditas sejam as moças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 25.
[58] Ibid., p. 26.
[59] SCLIAR, Moacyr. Aluga-se. *Folha de São Paulo*. 12 jun. 1996, c. 3, p. 2.

lingüísticos. Essa condição flexível permite inúmeras possibilidades de elaboração da linguagem para o cronista reinventar a vida diária.

Diversos temas cotidianos se mostraram presentes nos textos citados, trabalhados pelos cronistas com variados recursos estéticos, confirmando que podem ser matéria da crônica e terem nela superação, pois, segundo a filósofa húngara Agnes Heller, a arte é uma das formas de elevação acima da cotidianidade[60]. A crônica, pois, concretiza-se como espaço para a ressignificação ora do fato particular, como a chuva repentina numa tarde, ora das relações humanas e sociais, ora das manifestações culturais, como a variação regional da língua ou a arte de escrever. Os problemas e comportamentos sociais, a política, os eventos particulares ou públicos, de menor ou maior repercussão, enfim, todas as esferas da "estrutura pragmática da vida cotidiana"[61] oferecem assunto para o gênero.

Com a percepção subjetiva dos eventos comuns dessa estrutura, a partir de uma notícia ou de "recordações pessoais, cenas prosaicas, histórias contadas por amigos, leituras variadas [...] e inovações tecnológicas"[62], o cronista dá sentidos novos ao pragmatismo do cotidiano, de fato reinventando-o. Desse modo, a crônica torna-se, "pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética e pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história"[63].

---

[60] HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 26.
[61] Ibid., p. 46.
[62] SIMON, Luiz Carlos Santos. O cronista e a notícia. In: *Anais do IX Congresso Internacional da ABRALIC 2004*. Porto Alegre, 2004, CD-ROM. p. 3.
[63] ARRIGUCCI JR., op. cit., p. 53.

2 FUTEBOL – UM ESPORTE DO COTIDIANO

Espetáculo no gramado. Ou na terra, na areia, na rua, no videogame. Vinte e dois jogadores rolando a bola. Ou dez, ou trinta, ou dois, ou virtuais. Profissional, amador ou como brincadeira, o futebol é uma das manifestações culturais mais populares na atualidade, tendo tornado-se uma atividade cotidiana, para quem o pratica e para quem é espectador. Durante o século XX, ele converteu-se, na maioria dos países e principalmente no Brasil, em festividade e profissão, produto cultural e elemento identitário, tendo sido registrado pela mídia, amplamente, e pelas artes.

Introduzido no Brasil no final do século XIX, esse esporte era praticado apenas em alguns colégios e nas companhias militares com o objetivo de disciplinar o corpo e a conduta dos jovens, sendo considerado pedagogicamente viável e eficiente[64]. Alguns jovens brasileiros tiveram também contato com o futebol na Inglaterra, quando iam a este país fazer a conclusão de seus estudos. Esses jovens, como Charles Miller, incentivaram a prática do esporte nos clubes da elite paulistana e carioca. Embora essa prática fosse a princípio restrita à elite, logo na primeira década do século passado, houve uma disseminação gradual do esporte entre a alta sociedade nas maiores aglomerações urbanas brasileiras.

No entanto, em locais onde a comunidade não tinha opções de lazer ou condições financeiras e *status* social para freqüentar clubes, o futebol se difundiu como atividade lúdica. As partidas na várzea, nas ruas, em campos improvisados e, inclusive, no espaço livre (horário de almoço, por exemplo) do dia-a-dia das fábricas da área industrial de São Paulo, popularizaram rapidamente o esporte e suas características de diversão e socialização, conforme comentário da socióloga Fátima Antunes.

> Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo de jogo. Logo, só o intervalo para o

[64] ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol.* Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, Edusp; Campinas: Unicamp, 1993, p. 78-80.

> almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana. [65]

Muitas cidades e diversos segmentos sociais incorporaram o futebol como uma prática cotidiana. Bairros pobres e de operários fundaram associações desportivas e clubes, geralmente ligados a empresas e indústrias. Gradativamente, as partidas improvisadas nos centros urbanos e nos espaços fabris estenderam-se a lugares no interior da região Sudeste e em outras regiões brasileiras. Essa fase inicial da difusão do futebol nas áreas urbanas de diferentes regiões foi sintetizada por Gilmar Mascarenhas de Jesus em trabalho sobre a geografia histórica do futebol. O pesquisador denomina o espaço de tempo durante o qual se deu a incorporação do esporte ao cotidiano das principais cidades brasileiras de "*fase gestacional* do futebol: período que decorre entre a fundação [...] da primeira agremiação permanente e a posterior constituição de uma liga local de caráter perene" [66], o que se pode ver na tabela abaixo[67].

Tabela 1 – Difusão do futebol nas principais áreas urbanas brasileiras entre1898 e 1915.

	1898	1899	1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915
Belém	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■		
São Paulo			■	■	■													
Salvador				■	■	■	■	■										
Rio de Janeiro					■	■	■	■	■									
Porto Alegre						■	■	■	■	■	■	■						
Recife								■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Belo Horizonte											■	■	■	■	■	■	■	■

Fonte: JESUS, 1998, p. 2.

É curioso perceber que em algumas cidades, como Belém e Recife, o contato com estrangeiros propiciou a introdução da prática do futebol, mas a efemeridade das agremiações fez com que o período gestacional fosse maior, sendo mais lento o processo de consolidação de ligas e campeonatos. Já em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, essa consolidação se deu mais rapidamente e,

---

[65] ANTUNES, Fátima Martin R.F. O futebol nas fábricas. *Revista USP.* Dossiê Futebol. São Paulo, n. 22. jun./ago. 1994, p. 104.

[66] JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol e modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma inovação. *Lecturas: Educación Física y Deportes.* Ano 3, n. 10. Buenos Aires, maio 1998, p. 2. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/geo1.htm>. Acesso em: 28 fev. 2007.

[67] Ibid., p. 2.

em poucos anos, não só foi difundido entre as elites, mas chegou também às classes populares.

Com a popularização, a atividade esportiva em questão passou a atuar de maneira incisiva no cotidiano e no imaginário dos brasileiros. Entretanto, esse fato não parecia positivo a todos. Graciliano Ramos, por exemplo, em sua crônica "Traços a esmo", escrita sob o pseudônimo J. Calisto em 1921, acreditava que o futebol seria "por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente [...] um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês" [68]. Visto por ele como um "intruso" em terras brasileiras, o esporte não seria assimilável, não preencheria nenhuma lacuna cultural: "Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza"[69].

Lima Barreto foi mais longe: fundou uma Liga Contra o Futebol. Em crônica de 1922, "Como resposta", ele considera "um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele"[70] e afirma que combateria sempre o esporte. Em outra crônica, "Bailes e divertimentos suburbanos", Barreto enfatiza que "o tal de futebol pôs [...] grosseria no ambiente, [...] desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura, [...] brutalidade de maneiras, de frases e de gestos" [71].

Mesmo sendo contrários ao esporte, esses cronistas reconheciam a popularidade do futebol. Além de jogar, assistir e torcer terem ficado rotineiros já no fim da segunda década do século passado, as poucas vantagens que os jogadores-operários obtinham (como freqüentar reuniões da sociedade, ter horários diferenciados e receber pequenos incentivos financeiros em virtude de seu desempenho) e a fama incipiente deles em seus espaços de convivência deram ao futebol a imagem de vitória e superação social, tornando-se o esporte sonho e mesmo luta diária de meninos e rapazes. Nicolau Sevcenko completa:

> Ele surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *sportsmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade). Ao se apropriar dele a burguesia o traduziu em termos de agressividade, competitividade e imperativo de

---

[68] RAMOS, Graciliano. Traços a esmo. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 165.
[69] Ibid., p. 167.
[70] BARRETO, Lima. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 63.
[71] Ibid., p. 54.

> vitória. O seu prestígio crescente garantiu que as conversões prosseguissem ao longo da escala social. Daí a sua rápida popularização dos fins do século XIX até o boom dos anos 20. [72]

Os clubes da alta sociedade evitaram ao máximo ter em suas equipes jogadores de outras classes sociais e negros ou mulatos; há, por exemplo, o conhecido caso do clube carioca Fluminense, que maquiava com talco e pó de arroz jogadores mulatos e negros para eles atuarem nas partidas. Apesar disso, os contornos de uma democratização se delineavam pouco a pouco, abrangendo imigrantes, operários, negros e brancos pobres [73], visto que esses jogadores eram justamente os que mais tinham o que se chama hoje de qualidade técnica. Alguns deles inclusive saíam do país para jogar por salários na Europa, onde a profissionalização dos atletas estava em processo. O esporte passou a ser tratado como uma forma de ascensão social – "dar pontapés numa bola era um ato de emancipação" [74]

Os clubes elitistas tentaram impedir tanto o acesso dos jogadores negros, mulatos e de classes trabalhadores ao esporte quanto a profissionalização no Brasil. No entanto, a crescente necessidade de bons jogadores em razão de campeonatos e torneios cada vez mais sólidos e o interesse do governo de Getúlio Vargas pelo apelo popular do esporte culminaram na regulamentação do pagamento de salários aos jogadores. Além disso, os interesses intelectuais e políticos a partir da década de 20 pela construção de uma identidade cultural brasileira[75], bem como de uma imagem de democracia racial, e a participação da imprensa pressionaram os clubes a ceder gradativamente às mudanças. Essas ocorrências foram muito importantes para a consolidação do esporte em sua ligação com o cotidiano brasileiro.

A dimensão popular do futebol foi ampliada com o significativo acesso ao rádio e com o crescente espaço ocupado pelo esporte nos jornais impressos. De acordo com Rocco Júnior, já havia em 1913, em São Paulo, jornais especialmente destinados ao esporte, como *O Brasil Esportivo, São Paulo Esportivo*

---

[72] SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (org.) *República: da belle époque à era do rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 575-576.
[73] ROSENFELD, op. cit., p. 81-84.
[74] Ibid., p. 85.
[75] LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe B. (org.) *Futebol e cultura, coletânea de estudos.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982, p. 26.

e Sport. Segundo ele, “o aumento da circulação dos jornais coincidiu com o aumento da cobertura do futebol pela imprensa, já estabelecendo uma relação entre o esporte e as massas” [76].

Essa relação passou a produzir ídolos e a constituir a imagem do Brasil, para o próprio brasileiro, como o país do futebol. Tanto era mais e mais forte a paixão pelo esporte que, já na década de 20, havia partidas com até 40 mil espectadores na cidade de São Paulo[77]. É natural que os estádios da época tornaram-se insuficientes para comportar a cada vez maior popularidade do esporte. Assim, na década de 30, partidas inteiras eram transmitidas, além de haver a produção de noticiários e comentários sobre os jogos, ampliando o público e prolongando as atividades futebolísticas, que não mais se resumiam ao tempo do jogo. A vida diária enchia-se de futebol.

Para Sevcenko, essa prática desportiva veio preencher o tempo das horas de lazer nos centros urbanos, especialmente, e baralhar as posições relativas da estrutura social[78]. Se por um lado o futebol incomodava alguns grupos, por outro atraía multidões e permitia aos torcedores, ao dar vida, corpo e voz ao esporte, identificarem-se com ele e com o espaço, visto que as partidas e as

> [...] imagens, mil vezes reproduzidas em jornais e revistas, desse novo panteão atlético, despertavam nos seus admiradores, quaisquer que fossem suas etnias, nacionalidades, condição social, sexo ou convicções, uma nova identidade e um peculiar orgulho compulsivo de se sentir parte da cidade. [79]

A conexão identitária futebol – povo brasileiro foi fortalecida devido ao proclamado jeito de jogar dos atletas do Brasil. O resultado disso foi a intensificação dos laços entre jogadores, times e torcedores, o que ampliou a identificação, não só com a cidade e com o esporte, mas com os clubes, mobilizando um número cada vez maior de público nas partidas e aumentando a intensidade da relação entre o esporte e o cotidiano brasileiro. A construção dessa carga simbólica do esporte era reforçada pela imprensa e pelo meio intelectual, sendo a definição do futebol brasileiro dada nesses termos por Gilberto Freyre:

---

[76] ROCCO JUNIOR, Ary José. “Todos juntos vamos, pra frente Brasil” – o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. *Anais do CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro*, p. 6.. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
[77] Ibid., p. 6.
[78] SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole.* São Paulo, Cia. Das Letras, 2003, p. 60.
[79] Ibid., p. 57.

> Dança dionisíaca. Dança que permite o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo - o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha. [80]

A possibilidade de ouvir e imaginar as jogadas "dionisíacas" dos primeiros grandes jogadores, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva na Copa do Mundo de 1938 da França, deram imensa audiência à primeira transmissão de um Mundial pela Rede Verde-amarela[81]. Nas duas décadas seguintes, o apogeu do rádio, a imprensa especializada no esporte e a chegada da televisão ao Brasil (TV Tupi, em 1950) estreitaram os laços do futebol com o dia-a-dia e com a identidade dos brasileiros. A participação do país em competições internacionais desde 1914, os campeonatos brasileiro e regionais e a celebrada maneira brasileira de jogar foram constantemente registrados pela mídia.

A habilidade dos jogadores brasileiros em campo era – e é – tão ou mais importante do que o resultado da partida. Nas crônicas sobre futebol e em todo o jornalismo esportivo isso é verificável. Veja-se Mário de Andrade, em crônica de 1939 para o *Diário de Notícias*, de São Paulo, ao comentar uma partida entre Brasil e Argentina. A rivalidade entre equipes e torcida, a ansiedade, a certeza da vitória – "vamos ganhar na maciota" [82] – e as atitudes do torcedor desanimando ao quarto gol argentino e à derrota não encobrem a beleza que ele vê no esporte:

> Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jôgo de futebol! Asiaticamente, cheguei até a desejar que os beija-flôres sempre continuassem assim como estavam naquele campo, desorganizados mas brilhantíssimos, para que pudessem eternamente se repetir, pra gôzo dos meus olhos, aquêles hugoanos contrastes. Era Minerva dando palmada num Dionísio adolescente e já completamente embriagado. Mas que razões admiráveis Dionísio inventava pra justificar sua bebedice, ninguém pode imaginar! Que saltos, que corridas elásticas! Havia umas rasteiras sutis uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aquêles voleios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas! [83]

O cronista diviniza os atletas e o esporte, fazendo a aproximação com o Olimpo. O futebol também é aproximado à arte; a fruição do esporte

---

[80] FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 432.
[81] ROCCO JUNIOR, op. cit., p. 8.
[82] ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha.* São Paulo: Martins, [1963], p. 78.
[83] Ibid., p. 82-83.

assemelha-se à fruição de uma obra de arte para o cronista. No entanto, tanto o divino quanto a arte a que alude o cronista estavam já fazendo parte do cotidiano das pessoas. Verifica-se que o futebol brasileiro propicia(va) não só as emoções da atividade lúdica, da competição e da identificação para o espectador, mas também a beleza plástica das jogadas, o que tornou maior o apreço do povo pelo futebol do Brasil. Justamente em partidas como a presenciada por Mário de Andrade, entre um selecionado brasileiro e equipes estrangeiras, mais se destacava a qualidade dos jogadores brasileiros, mesmo quando não alcançavam a vitória. Começava a construção da noção de superioridade dos jogadores brasileiros em relação aos estrangeiros.

Devido a isso, a maior concentração de torcida e de atenção ao futebol se dá, ainda hoje, em relação às Copas do Mundo. Acrescente-se que o governo Vargas e posteriores, ao apoiarem o esporte, aproveitaram a tese freyreana de que a mestiçagem era responsável pelo estilo original de jogar dos brasileiros para legitimar a idéia de que o futebol era a síntese da democracia racial no futebol e da originalidade brasileira. Em conseqüência, desde então, a seleção brasileira carrega a responsabilidade não só de jogar bem e vencer, mas também de representar o povo e a imagem do Brasil em competições internacionais. Nelson Rodrigues o declara: o "escrete representa nossos defeitos e as nossas virtudes [...] E cada gol do escrete é feito por todos nós" [84]. Embora não tenha conseguido bons resultados nas primeiras edições do maior evento futebolístico do mundo, as duas primeiras copas, do Uruguai (1930) e da Itália (1934), na citada copa da França o time que representava o Brasil ficou em terceiro lugar. O sentimento popular era tão grande que, meses antes do torneio de 38, as expectativas, as conversas e a imprensa se voltavam para a seleção e sua futura trajetória.

A coesão emocional provocada por esse esporte no povo brasileiro faz(ia) parte da vida diária das pessoas, tanto em nível nacional, como se assinalou acima, quanto em nível local, particular. Mário de Andrade evidencia os estreitos vínculos do esporte em questão com a vida cotidiana dos brasileiros em outra crônica de 1939, "Esquina": "De-noite, após a janta, ou nos domingos de camisa limpa, eles têm que descansar e divertir um bocado [...] Os bondes passam cheios

---

[84] RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras:* novas crônicas de futebol. CASTRO, Ruy (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 179.

do futebol que nos faz esquecer de nós mesmos” [85]. Entranhada no cotidiano, a prática futebolística se mostrava espetáculo e lazer.

A medida do fenômeno na rotina dos brasileiros, que se alargava nas competições internas e principalmente nas internacionais, foi sentida com mais clareza a partir da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil (as Copas de 42 e 46 não foram realizadas em virtude da Segunda Guerra Mundial). Um estádio monumental foi construído para ser palco do evento: o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, depois denominado Mário Filho, em homenagem ao jornalista cujo papel foi muito relevante na afirmação do futebol brasileiro e do jornalismo esportivo. A boa campanha do Brasil e jogadores como o artilheiro Ademir de Menezes deixaram todos certos da vitória brasileira. Na final, disputada contra o Uruguai e assistida por cerca de 200 mil pessoas, a seleção anfitriã só precisava de um empate, mas perdeu por 2 x 1. O *Diário do Povo* de 18 de julho de 1950 comparou a cena da tristeza dos brasileiros no final do jogo a um enterro; é até lugar-comum identificar o ocorrido como tragédia e o dia seguinte como o luto de maior proporção do país – o evento era assunto e tornou-se memória para a maioria dos brasileiros.

Depois do choque da derrota em 50, a seleção, que contava com Djalma Santos, Didi e Julinho Botelho, novamente fez os torcedores brasileiros sofrerem: na Copa de 1954, disputada na Suíça, foi desclassificada nas quartas-de-final pela aplaudida seleção húngara (que acabou perdendo o título para a Alemanha Ocidental). A esperança que se tinha na qualidade e na beleza do futebol brasileiro, mantida pelos torneios internos do país, é visível neste texto de Carlos Drummond de Andrade, crônica publicada no Correio da Manhã em 17/06/1954, comentando a vitória de 5 x 0 sobre o México no início da Copa. A partida é narrada de forma épica, sendo destacada a qualidade do time brasileiro:

> Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeitoso Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada [...] A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, quem com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga [...] e é quando o divino Baltazar a quem Zeus infundiu sua energia e

[85] ANDRADE, M., op. cit., p. 288-289.

> destreza arremete com a submissa pelota e vai plantá-la qual pomba mansa, entre os pés do siderado Carbajal. [86]

O cronista salienta, com a elaboração da linguagem e a divinização dos atletas, a habilidade dos jogadores do selecionado nacional, os quais, mesmo assim, foram desclassificados. Se essa derrota minimizou as expectativas em relação ao futebol internacional, não diminuiu, contudo, o envolvimento dos brasileiros com o esporte. As Copas ocorriam de quatro em quatro anos, mas, no período entre elas, havia os torneios amadores, regionais, estaduais, o nacional, além da prática do esporte nas escolas e nas ruas e da prática sobre o esporte, as conversas, o jornalismo... Também, havia a contínua atenção aos craques, pois além de ídolos do povo torcedor, eram eles que representavam o Brasil; vale lembrar que esse envolvimento constante, mesmo que com alguns aspectos modificados em função de fatores históricos, econômicos e sociais, prossegue até a atualidade.

Tanta ligação com o esporte teve contrapartida à altura na conquista do primeiro título de campeão do mundo para o Brasil com um selecionado em que figuraram ícones do futebol – Djalma e Nilton Santos, Didi, Garrincha, Pelé, Pepe, Vavá, Zito e Zagallo são alguns deles. A seleção venceu a Copa e o pessimismo que rondava a torcida, superando o “complexo de vira-latas”, como dizia Nelson Rodrigues. Em crônica anterior ao Mundial, de 31/05/58, para a *Manchete Esportiva,* ele comenta o sentimento de inferioridade dos atletas brasileiros que, mesmo sabendo de sua qualidade e fazendo bons jogos nos campeonatos nacionais, sofriam derrotas internacionais:

> Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda nos faz sofrer, na cara e na alma qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada pode curar... A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:- temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades [...] Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol [...] Na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo

[86] ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 27.

> muito simples:- porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. [87] (RODRIGUES, 1993, p. 51)

Para o cronista, a seleção de futebol, o povo brasileiro e a pátria eram uma unidade, naquele momento desanimada, já que a esperança de vencer era pequena – o complexo de vira-latas do brasileiro, que Rodrigues afirma permear todos os setores do país. Após o título, um "deslumbrante baile do Brasil"[88], Drummond comenta a vitória na crônica "Celebremos", de 01/07/1958 para o *Correio da Manhã*, e demonstra compartilhar das idéias de Nélson Rodrigues:

> A vitória do selecionado brasileiro na Suécia foi perfeita [...] Quando partiram daqui, quem esperava a taça do mundo? Mas à proporção que se desenrolavam as partidas [...] a confiança era tamanha que já não se afetaria com um mau resultado... Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização [...] Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou das tristezas [...] O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo. [...] permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo [...] por nos sentirmos iguais a outros. [89]

Drummond confirma a imagem de país do futebol e a intensidade da ligação do povo com esse esporte, questão sublinhada também por Ferreira Gullar, na crônica "Campeões", texto de 1958, para o *Jornal do Brasil*:

> Não sei quem terá escapado à atmosfera de alegria e pânico em que o Rio mergulhou nestas últimas semanas com os últimos jogos da Copa do Mundo. [...] Vivia o drama de quase 60 milhões de expectativa e emoção [...] quanto me sentei para ouvir o jôgo de domingo [...] tinha a impressão de que, se perdêssemos aquêle jôgo, haveria suicídios coletivos, o Palácio da Alvorada daria um estalo e cairia em pedaços, o Rio sumiria engolido pela Guanabara. [...] devemos também a eles um domingo de felicidade nacional e a euforia com que todos acordaram esta semana para recomeçar a vida. [...] Viva o Brasil de Pelé! [90]

---

[87] RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. CASTRO, Ruy (org.) São Paulo: Companhia das Letras: 1993, p. 51.
[88] RODRIGUES, N., 1994, op. cit., p. 45.
[89] ANDRADE, C., op. cit., p. 37-38.
[90] GULLAR, Ferreira. Campeões. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 157-158.

A emoção de que fala Gullar não se vê apenas em tempos de Copa do Mundo. Vê-se na pelada do fim de semana, na torcida pela partida do campeonato estadual, no garoto que joga futebol no videogame, enfim, no cotidiano. O torcedor, assíduo ou eventual, identifica-se social e culturalmente com o time para o qual torce e frui do entretenimento propiciado pelo espetáculo. Seu discurso e comportamento, mesmo tendo traços objetivos, têm predominante a percepção subjetiva do universo do esporte.

Isso pode ser constatado nos relatos dos eventos feitos pelos cronistas, como a feita com humor por Millôr Fernandes na crônica "A Peléja", publicada na revista *O Cruzeiro* em 1958. O fato: na "disputa do Sexto Campeonato Mundial de Futebol, a equipe representante do Brasil venceu a equipe representante do país organizador do campeonato, a Suécia" [91]. Em seguida, o cronista fantasia as diversas visões sobre o acontecimento:

> *O rei* Gustavo – Às vezes penso que não é mesmo certo superorganizar um país. Somos o maior índice de suicidas do mundo. Essa gente parece muito mais alegre e... venceu. [...]
> *A bola* – Com chute na trave eu já estava acostumada, mas, êsse negócio de folha seca me deixou completamente tonta. [...]
> *Juscelino* – No meu governo! Por que eu não disse que uma das metas principais do meu governo era exatamente a meta dos suecos? [...]
> *A multidão brasileira* - Gooooooooooooooooooooollllllllllllll! Gooooooooooollllllll do Brasil!) Gooooooooollllllll. Vavá é o maior! Mais um, mais um, mais um! Pau nêles, Belini! [92]

O futebol é reinventado no texto; o cronista brinca com o esporte, a linguagem, a política e com a emoção do torcedor, que chama a atenção do leitor pela intensidade. Nelson Rodrigues também registra, em suas crônicas, os momentos do esporte no Brasil e destaca o derramamento do torcedor. Em "O escrete de loucos", de 1962, crônica na qual comenta o bicampeonato brasileiro na Copa do Mundo de 62, a intensidade da relação dos torcedores com o esporte se confirma: "o brasileiro "vive" cada lance e sofre cada bola na carne e na alma"[93]. Nesse torneio, disputado no Chile, a seleção era quase a mesma de 1958 e, por isso, o Brasil era favorito. A confiança na vitória, dessa vez, era grande e a alegria da boa atuação completava-se com o fato de os torcedores poderem ver, pela

---

[91] FERNANDES, Millôr. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 192.
[92] Ibid., p. 192-193.
[93] RODRIGUES, N., 1994, op. cit., p. 81.

primeira vez, as partidas na televisão. Os jogos eram gravados em *video-tape* e exibidos dois dias após sua realização. Mesmo com o desfalque de Pelé, contundido na segunda partida, Garrincha brilhou nas jogadas, nos gols e na irreverência e a seleção foi bicampeã – o "toque de molecagem brasileira é que deu à vitória uma inconcebível luz" [94].

Depois de um torneio sem tanto sofrimento, a Copa seguinte trouxe uma decepção para os torcedores que ilustra as decepções cotidianas quando o "time do coração" perde um jogo. Sofrer é um verbo sentido pelo torcedor de futebol rotineiramente, assim como as sensações de angústia, nervosismo e tristeza. Nelson Rodrigues afirmou que "realmente nós sofremos e, repito, pagamos alguns dos nossos mais consideráveis pecados. Todavia, é mais doce a vitória sofrida"[95]. A dimensão do sofrimento do torcedor é o tom da crônica "A derrota", de Fernando Sabino, escrita para a revista *Manchete* logo após o Brasil ser eliminado por Portugal ainda na primeira fase do Mundial de 1966:

> Derrotados! [...] na porta da venda, Tutu Caramujo medita na derrota incomparável.
> Procuro esquecer o jogo, afastar o pensamento - deixo pender a cabeça, fecho os olhos. Não tenho preparo físico para jogar tanto futebol na imaginação. O melhor é falar de outras coisas - do tempo, por exemplo, que em Londres voltou a ser quase de inverno, com uma chuvinha miúda e um vento frio a expulsar de vez os brasileiros em bandos desarvorados pelas ruas. Alguns querem voltar imediatamente, a todo custo. Outros se deixarão ficar por aí, curtindo a mágoa da derrota. [...] toda uma era de grandes campeões ali se encerrava. Ia-se para sempre a época em que o futebol do Brasil era a alegria do povo. Deixavam o gramado e se recolhiam ao vestiário alguns vultos cabisbaixos, de camisa amarela, como sombras que evocavam outras sombras: as de Nílton Santos, Didi, Garrincha dos velhos tempos. Findava-se para sempre a glória dos reis do futebol - eram apenas os homens ocos do poeta que se recolhiam ao esquecimento. E não com um estrondo, mas com um gemido. [96]

Sofrem com o futebol também o elenco das equipes, a comissão técnica e até os dirigentes. A pressão dos torcedores e da imprensa faz parte da vida diária desses profissionais e torna-se maior quando a motivação de críticas é uma derrota. Ocorreu isso com a seleção que disputou a Copa de 1970, no México, marcada pela desclassificação em 1966. Segundo a crônica "O escrete do sonho", escrita por Nelson Rodrigues após a disputa da final do campeonato, o "escrete

---

[94] RODRIGUES, N., 1994, op. cit., p. 82.
[95] Ibid., p. 155.
[96] SABINO, Fernando. A derrota. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p.155-156.

sofrera [...] provações só comparáveis às de Jó. Para a maioria, sabem o que Zagalo era textualmente? Uma *besta quadrada,* a *maior burrice* do futebol brasileiro" [97]. Mas se a melhor vitória é a que vem depois do sofrimento, como disse o cronista, o tricampeonato mundial foi especial para os torcedores, que mudam de postura depois do resultado positivo:

> O Brasil deu um banho de bola, de arte, de beleza [...] Diante do gênio, da graça, da magia, do sortilégio do futebol brasileiro, todas as outras seleções são mais fracas. Em resumo: – a Copa do México desmontou a gigantesca impostura que a maioria criara em torno do futebol europeu. [98]

Tão comum quanto o sofrimento é a superstição. Confiando ou não no time para o qual torcem, os torcedores buscam o apoio de elementos de um determinado evento futebolístico para garantir "sorte" em outro. É essa característica dos hábitos e do cotidiano do torcedor que João Ubaldo Ribeiro enfatiza em sua crônica "Defendendo a Pátria":

> Lá em casa, nós sempre colaboramos muito com a Seleção Brasileira e, se falhamos em 50, 54 e 66, não terá sido por falta de esforço nosso. Em 58, inclusive, meu pai descobriu uma rotina infalível para provocar gols do Brasil e secar o adversário. Era coisa simples, que qualquer baiano entende. Consistia em repetir todas as circunstâncias que cercaram o jogo contra a Áustria, que nós ganhamos por três a zero. Facilitamos no jogo contra a Inglaterra e foi o que se viu: empatamos de zero a zero e o goleiro deles, se não me engano um tal de MacDonald, pegou tudo. [99]

No dia-a-dia, é freqüente ouvir-se, antes, durante e depois das partidas de futebol, os comentários sobre os atletas, o técnico, as jogadas, a atuação do árbitro, a rivalidade entre torcedores, a presença ou falta de sorte em algum momento. Mesmo quando um time ou seleção não consegue títulos, quando a superstição não ajuda, essa prática social continua ocorrendo, o futebol continua sendo parte do cotidiano e este prossegue com as outras atividades também. São as circunstâncias tratadas por Carlos Drummond de Andrade, em crônica publicada após a eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 82, "Perder, ganhar e viver":

> Vi gente chorando na rua, quando o juiz apitou o final do jogo perdido [...] vi tanta coisa, senti tanta coisa nas almas. E chego a conclusão de que a derrota, para a qual nunca estaremos preparados, de tanto não a

---

[97] RODRIGUES, N., 1994, op. cit., p. 158-159.
[98] Ibid., p. 159-160.
[99] RIBEIRO, João Ubaldo. *Sempre aos domingos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 265.

> desejarmos nem a admitirmos previamente, é afinal instrumento de renovação da vida. Tanto quanto a vitória, a derrota estabelece um jogo dialético que constitui o próprio modo de estar no mundo. Se uma sucessão de derrotas é arrasadora, também a sucessão constante de vitórias traz consigo o germe de apodrecimento das vontades, a languidez dos estados pós-voluptuosos, que inutiliza o indivíduo e a comunidade atuantes. Perder implica remoção de detritos: começar de novo. Mas será suficiente fazer tudo e exigir da sorte um resultado infalível? Não é mais sensato atribuir ao acaso, ao imponderável, até mesmo ao absurdo, um poder de transformação das coisas, capaz de anular os cálculos científicos? [...] A verdade é que não voltamos de mãos vazias [...] Suplantamos quatro seleções [...] A Itália não tinha obrigação de perder para o nosso gênio futebolístico. Em peleja de igual para igual, a sorte não nos contemplou [...] E agora, amigos torcedores, que tal a gente começar a trabalhar que o ano está na segunda metade? [100]

A ligação entre torcedor, clubes/seleções e futebol, perceptivelmente, é um envolvimento emocional de grandes proporções e o esporte de fato é também uma construção simbólica, uma metáfora da vida, como se vê na crônica de Drummond. Tal é a dimensão da ligação com o esporte e o pessimismo que advém da derrota e influencia o estado de espírito das pessoas, que o eu do cronista busca explicar como a derrota é positiva, tentando mesmo confortar os leitores. Nesse sentido, lembra aos torcedores que, mesmo sendo o futebol parte do cotidiano dos brasileiros, tamanho envolvimento com o esporte deve, contudo, ser conciliado com a necessidade de se dar atenção a outras atividades do dia-a-dia.

O forte vínculo emocional e simbólico com o futebol também aparece na crônica “O torcedor”, de José Carlos Oliveira:

> Jogam Flamengo e Botafogo, e meu coração se divide. Como qualquer brasileiro, nasci Flamengo; mas, aos 18 anos, decidi romper com todos os preconceitos, e mesmo com as crenças mais sensatas que vinha acumulando. Para começar tudo de novo. Resultado: fiquei sem um céu para onde ir depois da morte, e sem um time de futebol que me fizesse experimentar simbolicamente, nos fins de semana, as alternativas de vitória e derrota em que se resume a aventura humana. [101]

Depois de presenciar o amor de um torcedor e sua família pelo Botafogo, no entanto, o eu do cronista se decidiu: “A partir daquele dia o meu time seria o Botafogo” [102]. O torcedor pode não ter retornado às crenças religiosas, mas voltou a ter sua experiência simbólica e lúdica. O simbolismo evocado pelo cronista

---

[100] ANDRADE, C., op. cit., p. 179-181.
[101] OLIVEIRA, José Carlos. O torcedor. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 74.
[102] Ibid., p. 75.

pode ser explicado pelo “aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte” [103]. Essa característica do esporte, além de contribuir para o elo dos torcedores com o futebol, também contribui para a transformação de jogadores em heróis, em ídolos.

Partidas competitivas e/ou tradicionais, jogadas e atuações decisivas podem dar projeção a um jogador desconhecido ou não que colabora com um resultado positivo para um determinado time. As ações do jogador podem recuperar a auto-estima de toda a equipe e da torcida. O homem ordinário é metamorfoseado em herói. Armando Nogueira mitifica o que leva um homem a tornar-se jogador: “A vida de um jogador começa numa bola de meia. Nunca ninguém soube ao certo quem, abaixo de Deus, dispõe sobre a sorte dessa mágica aliança entre um menino e um brinquedo” [104]. Nelson Rodrigues exalta as qualidades de Rivelino, colocando-as em gradação crescente de forma que a mostrá-las grandiosas: “Além de ser um virtuose, um estilista, tem aquela bomba santa que Deus lhe deu. [...] É uma força da natureza. Quando ele enche o pé, a bola sai ventando, chovendo, trovejando, relampejando” [105].

A mídia é a maior responsável pela construção da idolatria, mas, como se pode ver, os cronistas também contribuem para isso[106]. Muito embora a torcida seja a incentivadora desse processo, são os registros, a repetição de imagens e narrativas que ratificam o heroísmo de um jogador. Por outro lado, se o ídolo já está feito, recebe homenagens, inclusive a de cronistas. É o caso Carlos Drummond de Andrade, que, na crônica “Pelé 100”, de 28/10/1969, homenageia Edson Arantes do Nascimento: “O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto fazer, que nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não se deixa fazer. O gol.”[107].

Destaca-se nessa questão o fato de que, principalmente depois da década de 80, com a acelerada alteração do tratamento de mercado em relação ao futebol e a supremacia da televisão, os jogadores e o próprio esporte foram alçados

---

[103] HELAL, Ronaldo. Mídia e Esporte, a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003*, p. 1.. São Paulo: Intercom, 2003. CD-ROM.
[104] NOGUEIRA, Armando. *Bola de cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1994, p. 11.
[105] RODRIGUES. N., 1994, op. cit., p. 169.
[106] HELAL, op. cit., p. 1-3.
[107] ANDRADE, C., op. cit., p. 195.

também à categoria de celebridade midiática e produto. O jogador ícone do momento – e cada vez mais rápido é o momento de cada um deles – estrela campanhas publicitárias, é alvo de *paparazzi*, vende sua imagem e objetos particulares e é vendido entre clubes como mercadoria. O futebol, por sua vez, é produto a ser comercializado pelo seu valor de espetáculo, de atração de público – são direitos de transmissão de campeonatos e publicidade. O futebol brasileiro, tetracampeão em 1994 e pentacampeão em 2002, é uma mercadoria de luxo. Já o torcedor, frente ao produto futebol, é consumidor. Os fatores socioeconômicos e midiáticos que estruturam o esporte na atualidade provocam inúmeras críticas, como as feitas por Arnaldo Jabor aos jogadores em crônica de 04/07/2006, "As chuteiras sem Pátria". O texto, publicado depois da desclassificação do Brasil, que adiou a conquista do título de hexacampeão do mundo, repreende a ligação meramente econômica dos atletas com o esporte e com o que ele significa para a nação brasileira:

> Não adianta berrar no botequim que o Parreira é uma besta ou que o Ronaldo é um gordo perna-de-pau. Não. Nosso fracasso começou antes, porque esta seleção não foi a pátria de chuteiras, foram as chuteiras sem pátria. Para nossos jogadores ricos e famosos, o Brasil é a vaga lembrança da infância pobre, humilhada. O país virou um passado para os plásticos negões falando alemão, francês, inglês, todos de brinco e com louras vertiginosas. Não são maus meninos, ingratos, não, mas neles está ausente a fome nacional, a ânsia dos vira-latas querendo a salvação. O povo todo estava de chuteiras, [...] mas nossos craques não perderam quase nada com a derrota, tiveram apenas um mau momento entre milhões de dólares e chuteiras douradas pela Nike. [108]

As questões mercadológicas do futebol, especialmente, também alvo da crítica de Jabor na crônica, permeiam as relações do esporte em todos os seus níveis. Desde a escolinha de futebol particular ou beneficente que alimenta o sonho de fama e dinheiro de crianças e adolescentes, passando por agremiações amadoras e clubes de pequenas cidades, até os grandes clubes, o futebol é mais do que entretenimento ou símbolo da identidade nacional: é possibilidade de ascensão social e instrumento de lucro, principalmente para dirigentes, empresários de jogadores, patrocinadores e emissoras de rádio e TV. Contudo, quem aprecia o futebol, praticante e/ou torcedor, continua vivenciando-o em sua vida diária; as conseqüências das relações de mercado que se estabelecem no âmbito do futebol

[108] JABOR, Arnaldo. As chuteiras sem Pátria. *O Estado de São Paulo*. 04 jul. 2006, c. 2, p. D.

profissional e a partir dele e as críticas a isso não inviabilizam o vínculo emocional com o esporte.

Nesse sentido, na infância ou na vida adulta de grande parte dos indivíduos, o futebol mantém, lado a lado com os aspectos financeiros ou técnicos do esporte, suas funções lúdica e simbólica, constituindo memória, identidades e interações sociais e sendo parte da vida cotidiana. Esse esporte, como João Antonio afirma em sua crônica "Uma banana para os valentes", "atua como uma espécie de arroz-e-feijão obrigatório até nas mesas dos ricos"[109]. A cotidianidade do esporte, principalmente como diversão para os adultos, é rememorada por Rubem Braga na crônica "A companhia dos amigos":

> O jogo estava marcado para as 10 horas, mas começou quase 11. O time de Ipanema e Leblon tinha alguns elementos de valor, como Aníbal Machado, Vinícius de Morais, Lauro Escorel, Carlos Echenique, o desenhista Carlos Thiré, e um cunhado do Aníbal que era um extrema direita tão perigoso que fui obrigado a lhe dar uma traulitada na canela para diminuir-lhe o entusiasmo. Eu era beque do Copacabana e atrás de mim o guardião e pintor Di Cavalcanti [...] Não havia juiz, o que facilitou muito a movimentação da peleja [...] Assim nos divertíamos nós, os cavalões, na areia. [110]

Ressalta-se no texto a socialização provocada pela prática do esporte e seu caráter lúdico. Dentre as tarefas diárias, a que diverte os homens de tantas responsabilidades é o futebol. A aura de divertimento também cerca a crônica de Luis Fernando Veríssimo, "Futebol de rua", em que o narrador comenta sobre as regras do futebol de rua jogado pelas crianças, "ainda mais rudimentar do que a *pelada*"[111]. A crônica toma a forma de regulamento, um bem humorado regulamento do futebol como brincadeira:

> DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve [...]
> DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola [...]
> DA DURAÇÃO DO JOGO – Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro.
> DA FORMAÇÃO DOS TIMES – O número de jogadores em cada equipe varia, de um a 70 para cada lado [...]
> DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

---

[109] ANTONIO, João. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 77.
[110] BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 40-41.
[111] VERISSIMO, Luis Fernando. Futebol de rua. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 64.

> DA TÁTICA – [...] O goleiro só é intocável dentro da sua casa [...] É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner.[112]

Divertido, sem grandes obrigações, o futebol de rua preenche o dia-a-dia dos meninos. A imaginação infantil transforma a rua em campo, objetos diversos em equipamentos e o esporte em jogo, brincadeira. O texto é interessante: o cronista cria uma interessante manifestação do gênero crônica, usando o gênero do regulamento. Nesse jogo de gêneros, depreende-se a presença do jogo de futebol nos momentos de socialização e diversão, o que colabora para a força do elo entre o futebol e a vida corriqueira dos brasileiros.

Ao longo deste capítulo, foi possível notar que o futebol faz parte da vida diária das pessoas e que o gênero crônica foi e é o espaço para se registrar não as informações, mas o olhar subjetivo dos cronistas ao futebol. Estes buscam expressar nos textos as emoções do futebol, ressignificam o esporte tão popular, flagrando dele cenas engraçadas, de alguma forma marcantes, rememoradas ou ficcionalizadas, propiciando ao leitor textos que vão além da mera análise de uma partida ou de um fato. O cronista capta e constrói a tradução na linguagem não apenas de um jogo em si, mas também de outros elementos do futebol, alguns dos quais indicados pelo antropólogo Arlei Sander Damo:

> De um lado há os 90 minutos de jogo, do ritual disjuntivo propriamente dito [...] De outro lado existem a história, a tradição e a memória. São o resultado de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico, num tempo e espaço que não é o do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, em que se "discute futebol". Nesse espaço-tempo é que circulam as anedotas, as informações, as lembranças, os mitos, enfim, no qual se aproximam futebol e sociedade, dando a este esporte um encadeamento com outras esferas do social e aos agentes sociais - por intermédio daqueles que se dizem torcedores - uma sociabilidade vivida de modo particularíssimo.[113]

Foram muitos os cronistas que, com seu olhar curioso, perscrutaram o dia-a-dia e fixaram dele o futebol, dando a essa manifestação cultural incorporada na vida cotidiana sentidos diferentes dos construídos pela imprensa esportiva, pois, na crônica, “fatos e notícias reconstruídos adquirem contornos carregados de

---

[112] VERISSIMO, 1982, op. cit., p. 64-66.

[113] DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. *São Paulo Perspectivas*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2001, p. 89. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2007.

subjetividade”[114]. Alguns deles foram citados neste capítulo; textos sobre futebol de Luis Fernando Veríssimo, Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade já foram objeto de estudo acadêmico. Nos próximos capítulos, serão analisadas crônicas de Paulo Mendes Campos e José Roberto Torero, cuja abordagem do futebol ainda não foi contemplada pela academia. Em campo, os novos sentidos dados por eles ao futebol e sua presença no cotidiano.

[114] MARQUES, op. cit., p. 15.

3 PAULO MENDES CAMPOS – O AMOR PELA BOLA

Colaborador de jornais como *O Diário, Estado de Minas, Correio da Manhã, Diário Carioca* e da revista *Manchete*, Paulo Mendes Campos consagrou-se nas letras brasileiras como cronista. Também foi tradutor e poeta. Nascido em 1922 na cidade de Belo Horizonte/MG, iniciou-se no jornalismo em 1942, quando dirigiu o suplemento literário da *Folha de Minas* e começou a escrever para *O Diário* e *Estado de Minas*. Entre 1941 e 1945, iniciou três cursos de graduação, Odontologia, Direito e Veterinária, não tendo concluído nenhum deles.

Campos mudou-se para o Rio de Janeiro em 1945, a princípio sendo funcionário do Instituto Nacional do Livro. Em 1946, passou a ser redator do *Correio da Manhã* (até 1948) e a colaborar com o *O Jornal* e com o *Diário Carioca*. Neste, assinou a "Semana Literária" e, posteriormente, o espaço diário de crônicas "Primeiro Plano". Lançou seu primeiro livro, de poesia, em 1951, *A palavra escrita* (Ed. Hipocampo). Neste mesmo ano, casou-se com Joan, com quem teve dois filhos. Com a publicação da revista *Manchete*, passou a ser um dos cronistas efetivos deste periódico.

Em 1958, publicou outro livro de poesia, *Domingo Azul no Mar* (Civilização Brasileira). Organizou a antologia de crônicas *Páginas de Humor e Humorismo* (1957; reedição em 1965 com o título de Antologia Brasileira de Humorismo). Seus primeiros livros de crônica foram *O Cego de Ipanema* (Ed. do Autor, 1960); *Homenzinho na Ventania* (Ed. do Autor, 1962) e *O Colunista do Morro* (Ed. do Autor, 1965). Paulo Mendes Campos teve editados ainda *Hora do Recreio* (Ed. Sabiá, 1967); *O Anjo Bêbado* (Ed. Sabiá, 1969); *Rir é o Único Jeito: Supermercado* (Ed. Ediouro, 1976, reedição de *Hora do Recreio*); *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira* (Ática, 1980), *Diário da Tarde* (Civilização Brasileira, 1981) e *Trinca de copas* (Achiamé, 1984). Em 1990, a Editora Global lançou *Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos*.

A editora Civilização Brasileira, a partir de 1999, reeditou crônicas de Paulo Mendes Campos, com organização de Flávio Pinheiro. Em 1999, *O amor acaba: crônicas líricas e existenciais*; em 2000, *Murais de Vinícius e Outros Perfis*; *Brasil Brasileiro: Crônicas do País, das cidades e do Povo*; *O Gol É Necessário: Crônicas Esportivas*; *Cisne de Feltro: Crônicas Autobiográficas*; *Alhos e Bugalhos:*

Crônicas Humorísticas; *Artigo Indefinido* e *De um caderno cinzento — Apanhadas no chão*. Saíram ainda *Balé de Pato e Outras Crônicas* (Ática, 2003) e *Quatro Histórias de Ladrão e mais 26 histórias* (Agir, 2005).

Paulo Mendes Campos recebeu, em 1966, o prêmio Alphonsus de Guimaraens, concedido pelo Ministério de Educação e Cultura, pela edição conjunta de poesia *Testamento do Brasil* e *O Domingo Azul do Mar* (Ed. do Autor, 1966). Traduziu e adaptou obras de diversos literatos de língua inglesa e francesa, com destaque para Júlio Verne, Oscar Wilde, John Ruskin, Shakespeare, além de ter traduzido obras de Pablo Neruda. É reconhecido pela crítica, no entanto, muito mais por seu trabalho como cronista: ressaltam-se seus traços nostálgicos, líricos e seu humor e ironia sensíveis. Faleceu em julho de 1991, no Rio de Janeiro.

Conforme o comentário de Flávio Pinheiro, Paulo Mendes Campos era "um escritor de muitas facetas. Escreveu crônicas-ensaios e crônicas-poemas, mas também notáveis crônicas de puro humor"[115]. Uma dessas facetas, objeto deste capítulo, é a escrita de textos cuja temática é o futebol. Pinheiro classifica de "esporádicas e brilhantes incursões na grande área"[116] as crônicas de Campos que têm esse esporte como tema, escritas a partir de meados da década de 1940 e reunidas no volume *O gol é necessário: crônicas esportivas*.

Como "foi um peculiar observador do Brasil e do caráter brasileiro"[117], Campos compôs na linguagem cenas, fatos e experiências relacionadas ao futebol, manifestação cultural tão enraizada na vida cotidiana dos brasileiros. Lirismo, humor e ironia sutis são usados por Campos para a ressignificação de aspectos do universo do futebol e da relação com o esporte. É o futebol observado pelo cronista, que representa, em "sua prática escritural, os "acontecimentos vivos da rua" e os "acontecimentos da misteriosa máquina humana" [...] ambos filtrados pelo Eu, que dosa proximidades e distâncias para registrar o cotidiano subjetivo e o coletivo social"[118].

---

[115] PINHEIRO, Flávio. Apresentação. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. PINHEIRO, Flávio (org.). 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 9-10.
[116] Ibid., p. 10.
[117] Ibid., p. 10.
[118] GOMES, op. cit., p. 2.

3.1 "O BOTAFOGO E EU"

Há, no texto, um desnudamento de características do torcedor e do clube com o qual se compara. Com a descrição do sujeito que torce e do time, a subjetividade e identidade do eu do cronista são construídas no texto. A crônica apresenta, no primeiro parágrafo, uma comparação geral: "que partilhamos defeitos e qualidades comuns, não há dúvida" [119]. A afirmação categórica, "não há dúvida", é justificada em cada uma das comparações com o time carioca, as quais estruturam toda a crônica.

O Botafogo de Futebol e Regatas surgiu oficialmente em 08 de dezembro de 1942, numa fusão entre o Club de Regatas Botafogo, fundado em 1894, e o Botafogo Football Club, organizado em 1904. As duas agremiações tinham suas sedes no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. Antes da fusão, o Botafogo Football Club havia ganhado oito vezes o campeonato estadual (1907, 1910, 1912, 1930, e de 1932 a 1935). Após a fusão, o Botafogo de Futebol e Regatas venceu o estadual em 1948, 1957, 1961, 1967 e 1968 (Taça Guanabara), 1989 (Taça Rio de Janeiro), 1990, 1997 e 2006. O clube venceu o Torneio Rio-São Paulo quatro vezes (1962, 1964, 1966 e 1998), a Taça Brasil, equivalente ao campeonato nacional na década de 60, em 1968, e o Campeonato Brasileiro em 1995.[120]

Nas décadas de 50 e 60, o clube carioca de futebol teve seu auge e alguns ídolos do futebol em sua equipe principal, como Nilton Santos, Didi, Zagallo e Garrincha. O lateral esquerdo Nilton Santos, bicampeão mundial (1958 e 1962), chamado de "Enciclopédia do Futebol", jogou 718 partidas pelo Botafogo. Também bicampeão mundial ao lado de Nilton Santos, Didi, famoso pelo seu estilo de cobrar faltas, dando efeitos inesperados à bola, chamado de "folha seca", disputou 313 partidas pelo clube. Zagalo, também campeão mundial, jogador e posterior técnico de futebol, jogou no clube no início da década de 60. Um dos mais habilidosos jogadores de todos os tempos também jogou no Botafogo: Mané Garrincha jogou

---

[119] CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. PINHEIRO, Flávio (org.). 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 13.

[120] BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS. *Website oficial*. Disponível em: <www.botafogonocoracao.com.br/historia>. Acesso em: 29 mar. 2007.

579 partidas pelo clube. O clube é recordista de convocações de seus atletas para a seleção brasileira (97 jogadores convocados). Apesar disso, teve períodos ruins, sem títulos e, geralmente, com problemas internos e financeiros: entre 1912 e 1930, entre 1968 e 1989 e entre 2000 e 2002, quando foi rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro. A partir da volta à série A, em 2003, o time vem se reestruturando.

As dificuldades enfrentadas pelo time fazem sofrer jogadores e torcida. Numa analogia do esporte com a vida, nesta também as dificuldades cotidianas fazem sofrer o homem. “Nos meus torneios, quando mais preciso manter os números do placar, [...] comprometo, tal qual o Botafogo, uma difícil campanha”[121]. Na segunda parte do primeiro parágrafo, o eu do cronista fala de um traço de seu comportamento e afirma que também o clube de futebol tem o mesmo: quando mais precisam obter uma vitória – identificada aqui em sentido tão amplo quanto possível – falham e fazem a si e aos outros sofrerem. O homem que falha quando já passa por dificuldades e tem a necessidade de conseguir vencer ou obter algo experimenta a frustração, sente-se diminuído. Em relação ao clube de futebol, a alusão parece ser ao pior período pelo qual passou o Botafogo, quando não conseguia grandes vitórias e nenhum título, intervalo de tempo que totalizou 21 anos (entre 1968 e 1989). Para os torcedores botafoguenses, a má fase do time fazia-os motivo de chacota entre os torcedores de times rivais do Rio de Janeiro e mesmo de torcedores de outros times brasileiros.

O torcedor, que assume suas falhas, é equiparado pelo cronista, na escolha das palavras e no sentido conotado por elas, ao time de futebol – “bobeio num lance, faço gol contra”[122] – e sua fragilidade como ser humano é exposta, também sendo equiparada à fragilidade de um time de futebol: “A mim e a ele soem acontecer sumidouros de depressão, dos quais irrompemos eventualmente para a euforia de uma tarde luminosa”[123]. O ritmo da frase, conferido pela sonoridade dos vocábulos, pelas duas imagens e pela organização daquela em duas gradações, uma decrescente e outra crescente, é marcante. Os períodos tristes ou difíceis são nomeados como sumidouros. Em sentido denotativo, esse vocábulo é uma abertura por onde se escoa algo ou sarjeta. Na primeira imagem, há o fato de costumar (soer)

---

[121] CAMPOS, op. cit., p. 13.
[122] Ibid., p. 13.
[123] Ibid., p. 13.

acontecerem, com o torcedor, momentos em que ele se sente na “sarjeta”, infeliz ao extremo. Isso é posto no mesmo plano que as más fases do time de futebol; é um plano bastante íntimo, pessoal e emotivo. Depreende-se, logo, que o eu do cronista vê as dificuldades do time da mesma forma que vê as suas, emocionalmente.

Isso é confirmado pela outra imagem, visto que os dois, torcedor e Botafogo, segundo aquele, irrompem, surgem impetuosamente dos sumidouros. Não acontece sempre (eventualmente), mas, quando acontece, é “para a euforia de uma tarde luminosa”. As situações são extremas e contrapostas – estar no sumidouro, sarjeta escura, em depressão, e depois sentindo euforia, alegria intensa numa tarde luminosa, clara, brilhante – e caracterizam o torcedor e o time de futebol carioca: os dois vão da escuridão dos piores momentos da existência à alegria intensa. A linguagem poética dá forma aos opostos; time e homem igualmente possuem, em si, lados e momentos contrários.

O cronista continua comparando time e torcedor na crônica:

> Sou preto e branco também, quero dizer, me destorço para pinçar nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo, não aceito o maniqueísmo do bem e do mal, antes me obstino em admitir que no branco existe o preto e no preto, o branco. [124]

Mais uma imagem, na qual uma alusão às cores representativas do clube de futebol carioca é feita nesse parágrafo e a oposição preto-branco ganha outro sentido, numa progressão da noção se ter aspectos opostos, elaborada no parágrafo anterior da crônica. “Pinçar nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo” pode ser entendido como uma atitude do eu do cronista de tentar unir, nas mesmas representações do mundo, seus dualismos; por outro lado, o Botafogo também uniria a dualidade perder e ganhar que tem o futebol, assim como os dois são preto e branco. Ainda no mesmo período, essa confluência de opostos no homem e em suas práticas inclui a rejeição ao maniqueísmo; vale lembrar que a crônica é um terreno privilegiado para isso. Expõe-se, no texto, que o homem e o futebol não aceitam o maniqueísmo, porque percebem a convivência dos antagonismos, nos seres e nas ações.

A fragilidade volta a aparecer na crônica: “Sou um menino de rua perdido na dramaticidade existencial da poesia; pois o Botafogo é um menino de rua

---

[124] CAMPOS, op. cit., p. 13.

perdido na poética dramaticidade do futebol" [125]. O cronista usa parte do conceito de menino de rua que se refere à idéia de vulnerabilidade, abandono e ausência de proteção e a amplia, na metáfora, com o adjetivo "perdido". De um lado, coloca o torcedor como um menino vulnerável, frágil, que está perdido no que ele chama de "dramaticidade existencial da poesia". Para o eu do cronista, a poesia contém a ação, o embate da existência, e ele se sente desprotegido e perdido, como produtor de poesia, ante a grandiosidade desse embate. De outro lado, o Botafogo é considerado, na crônica, abandonado ao poético embate do futebol, vulnerável às emoções da ação que se desenrola no "palco" futebolístico. Nota-se que o cronista exprime, por meio do texto, sua visão sobre o futebol – uma manifestação cultural caracterizada por dramaticidade, emoção e beleza estética.

Da dramaticidade à superstição: "Há coisas que só acontecem ao Botafogo e a mim"[126]. O ditado popular referente ao time de futebol é estendido ao torcedor. Esse ditado existe devido ao clube carioca e seus torcedores terem a fama de supersticiosos. A história representativa da superstição botafoguense é a de um dos presidentes do Botafogo, Carlito Rocha, e o cachorro Biriba. Rocha era um homem extremamente supersticioso que administrou o clube entre 1948 e 1952. Num jogo contra o Bonsucesso pelo Campeonato Carioca de 1948, Biriba foi levado pelo jogador Macaé a passear em General Severiano, sede social do clube. O cãozinho escapou de Macaé, foi para o campo e urinou em umas das traves, causando distração ao goleiro do Bonsucesso. A conseqüência foi um gol do Botafogo. A partir daí, Biriba esteve presente, por ordem de Carlito Rocha, em 19 partidas, das quais o Botafogo venceu 17 e empatou duas, sendo campeão carioca daquele ano.[127]

A superstição do clube e, por extensão, de sua torcida, aparece em outro trecho da crônica de Paulo Mendes Campos: o "Botafogo põe gravata e vai à macumba cuidar de seu destino; eu meto o calção de banho e vou à praia discutir com Deus"[128]. Tem-se aí uma referência não só ao clube, mas também, via metonímia, aos torcedores que têm o costume de buscar proteção e ajuda para o time em credos e manifestações religiosas, pois se verifica uma invocação do divino

---

[125] CAMPOS, op. cit., p. 13.
[126] Ibid., p. 13.
[127] MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 114-115.
[128] Ibid., p. 14.

feita pelo torcedor, mas de maneira diferente do time: embora haja atitude semelhante, o comportamento é diverso. Enquanto o Botafogo põe gravata, o torcedor mete o calção de banho; ao passo que aquele vai cuidar de seu destino, este vai discutir com Deus. O comportamento do time é de quem tem aquilo como um procedimento formal, mas corriqueiro, que faz parte do futebol; o poder divino é obediente à determinação do time. Já para o torcedor, a discussão parecer ser um hábito particular, íntimo; a natureza, o mar e o poder divino não são submissos. Notam-se também a convivência das crenças nas relações entre sujeitos e agremiações de futebol e a representação da superstição como um hábito cotidiano; é comum a busca de torcedores pelo religioso e/ou místico para que seu time ou a seleção de seu país vença uma partida ou campeonato.

Pode-se entender o referido comportamento do Botafogo como prova de sua determinação; o eu do cronista confirma-se, a cada comparação, como torcedor do clube carioca. A paixão, a emoção e a identificação provocadas pelo futebol e, mais especificamente, por uma determinada agremiação são expressas nessa crônica. Identificação mesmo nos defeitos, pois fragilidades e forças alternam-se no texto. A crônica traz, sobretudo, as dualidades do homem e de suas manifestações, no caso, o futebol.

Nessa perspectiva, outros momentos da crônica são significativos. O eu do cronista declara que “Também a minha cidadela pode ruir ante um chute ridículo do pé direito do Escurinho”[129]. A referência ao chute do jogador do Fluminense, Benedito Custódio Ferreira, é ambígua. Ferreira (1930-), cujo apelido era Escurinho, foi um ponta-esquerda que jogou no Fluminense Football Club entre 1954 e 1964, tendo sido ídolo neste clube. Afora a qualidade desse jogador, que fez 111 gols pelo Fluminense, rival do Botafogo, há a metáfora. Mesmo estando protegidos por uma fortaleza (cidadela), seja ela qual for, time e homem podem tê-la destruído, por força de algo irrisório, aparentemente sem importância. Novamente, a noção da vulnerabilidade; novamente, a crônica enfoca a fragilidade e, pouco depois, o poder de reação: “Reagimos ambos quando menos se espera; forra-nos, sem dúvida, um estofo neurótico”[130]. O tecido grosso (sentido denotativo de estofo) de energia e firmeza (sentido conotativo) reveste de potência obsessiva (neurótico) o homem e o clube de futebol.

---

[129] CAMPOS, op. cit., p., 13.
[130] Ibid., p. 14.

Vê-se na afirmação de que o “Botafogo é capaz de cometer uma injustiça brutal a um filho seu, e rasgar as vestes com as unhas do remorso; como eu”[131] uma outra fragilidade da agremiação e do homem é exposta: a suscetibilidade ao erro. O adjetivo brutal para o substantivo injustiça, o fato de essa injustiça ser direcionada a um filho, a eloqüência da seleção vocabular e a imagem elaborada, o rasgar as vestes com as unhas, alargam a dimensão do erro e, em conseqüência, do remorso sentido. Mais uma vez, pouco depois, uma prova de força: “O Botafogo conquistou um campeonato esmagando inesperadamente o Fluminense de 6 a 2 uma vez, enfrentei um dragão enorme e entrei no castelo encantado”[132]. A referência é ao Campeonato Carioca de 1957, em que o clube alvinegro sagrou-se campeão carioca após oito anos sem o título. A ampliação da força e da glória do time é conseguida pela comparação com a atitude do eu do cronista, fantástica, impossível pela razão e, por isso mesmo, tão copiosa. Idas e voltas, momentos gloriosos e tristes: a dinâmica apresentada pela crônica pode ser tida como símbolo da dinâmica do futebol e da relação entre o torcedor e o esporte.

Na descrição e comparações nas quais a crônica é estruturada, o comportamento e as reações do time e do homem são indicados, tendo destaque a vulnerabilidade e a força, presentes no mesmo ser, estabelecendo-se uma alusão à dualidade das ações humanas, como se percebe em vários pontos do texto e neste trecho, em que alguns detalhes do comportamento do time e do torcedor são listados:

> O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; o Botafogo sem Garricha seria menos Botafogo, como eu; O Botafogo tem um pé em Minas Gerais, como eu [...] o Botafogo é mais surpreendente do que conseqüente, como eu; ultimamente, o Botafogo anda cheio de cobras e lagartos, como eu.
> O Botafogo [...] alterna o fervor com a indolência; às vezes sai de uma derrota feia mais orgulhoso e mais botafogo do que se houvesse vencido; tudo isso, eu também[133].

O time, noção de um grupo, é humanizado como se fosse um só ser, que se maltrata, é boêmio, “tem um pé” em Minas Gerais, é mais surpreendente que coerente, tem seus problemas e crises e seria menos se não fizesse parte de si o jogador Mané Garrincha. É tanto dedicado quanto negligente e a derrota para ele,

[131] CAMPOS, op. cit., p. 14.
[132] Ibid., p. 15.
[133] Ibid., p. 15-16.

por vezes, aumenta seu brio. Assim se mostra também o torcedor, próximo e semelhante ao clube pelo qual torce, identificado com ele. Em outro momento da crônica, há uma identificação do “eu” com o esquema tático do Botafogo:

> O Botafogo pratica em geral o 4-3-3; como eu, que me distribuo assim em campo; no arco, as mãos, feitas para proteger minha porta; na parede defensiva, meus braços, meu peito aberto, meus joelhos e meus pés; no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou à ofensiva com a cabeça, a loucura e o coração. Falta um, Zagalo. Em mim, essa energia sem colocação definida é a alma, indo e vindo, indistinta, atônita, sarrafeada, desmilingüindo-se até o minuto final.[134]

No trecho metafórico e cheio de ritmo, nota-se a menção ao 4-3-3, um esquema tático, popular nas décadas de 1960 e 70, em que atuam quatro jogadores na defesa (dois laterais e dois na região da grande área do campo), três jogadores no meio-campo e, no ataque, dois pontas e um atacante. Para funcionar eficientemente, é preciso que os pontas sejam atletas de velocidade, que auxiliem a marcação e ajudem o meio-campo. É importante haver pelo menos um bom volante, habilidoso na marcação e talentoso na criação de jogadas para os atacantes.

Além disso, o cronista constrói a imagem do torcedor que se revela na crônica a partir dessa configuração: um indivíduo que vive intensamente, mas que, possivelmente, apóie-se no cigarro e na bebida – “no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou à ofensiva com a cabeça a loucura e o coração”[135]. A alma deste torcedor é comparada a Mário Jorge Lobo Zagallo (1931-), ponta-esquerda que jogou no Flamengo, no Botafogo e pela seleção brasileira, tendo sido bi-campeão mundial (Copas do Mundo de 1958 e 1962) e, posteriormente, treinador de vários times e da própria seleção brasileira de futebol. Zagallo era um ponta que armava, auxiliava na marcação, iniciava contra-ataques, recuava para o meio-campo, movimentava-se muito em campo – o eu do cronista pensa sua alma dessa maneira, indefinida, confusa, sacrificando-se todo o tempo.

A emoção sobrepondo-se à razão fica evidente na crônica, o que é justificado desta maneira: “Se a vida fosse lógica, o Botafogo deixaria de levar o futebol a sério, fechando suas portas; eu, se a vida fosse lógica, deixaria de levar o mundo a sério, fechando os meus olhos” [136]. A vida não é racional, nem totalmente

---

[134] CAMPOS, op. cit., p. 14.
[135] Ibid., p. 14.
[136] Ibid., p. 14.

coerente; pelo fato de a razão não ser predominante no mundo, o futebol e a existência do torcedor têm sentido, permanecem abertas as portas do clube, havendo futebol, e mantêm-se abertos os olhos do cronista, havendo crônica, literatura.

Por isso, “Enfim, senhoras e senhores, o Botafogo é um tanto tantã (que nem eu). E a insígnia de meu coração é também (literatura) uma estrela solitária” [137]. O escudo do Botafogo e o coração do eu do cronista têm a mesma insígnia, uma estrela que brilha sozinha, por si. A referência ao símbolo do Botafogo, a Estrela Solitária, e ao fato de os dois serem “um tanto tantã” – registrem-se a aliteração e a ligação do som das duas palavras com “meu coração” – reforça o fato de que eles compartilham desde características até o mesmo símbolo para suas atividades, a literatura e o futebol. Sublinhe-se o uso da metalinguagem, tanto no excerto comentado no parágrafo anterior, quando neste em que o eu do cronista expõe uma outra paixão além do futebol, a literatura, seu ofício e marca de sua individualidade.

Em outro momento do texto, o cronista associa artistas canonizados, pintores e literatos, a times de futebol cariocas. Clubes, rivalidades e jogos clássicos são transpostos para a esfera artística:

> Miguel Ângelo é botafogo, Leonardo é flamengo, Rafael é fluminense; Stendhal é botafogo, Balzac é flamengo, Flaubert é fluminense; Bach é botafogo, Beethoven é flamengo, Mozart é fluminense. Sem desfazer nos outros, é com eles que eu fico, Miguel, Henrique, João Sebastião. Dostoievski é botafogo, Tolstoi é flamengo (na literatura russa não há fluminense); Baudelaire é fluminense, Verlaine é flamengo, Rimbaud é botafogo; Camões não é vasco, é flamengo, Garrett é fluminense, Fernando Pessoa é botafogo. Sim, Machado de Assis é fluminense, mas no fundo, no fundo, debaixo da capa cética, Machado, um bairrista, morava onde? Laranjeiras![138]

A relação feita entre arte e esporte não é incomum. A criação, a inventividade, são aspectos do futebol muito valorizados pelos torcedores e nas crônicas de Paulo Mendes Campos; a invenção do futebol é aproximada da arte. O pesquisador Victor Andrade Melo assevera que é possível essa aproximação, pois

> Há uma série de similaridades até mesmo nas suas formas de organização, eivadas de elementos simbólicos e se desenvolvendo em lugares

[137] CAMPOS, op. cit., p. 16.
[138] Ibid., p. 15.

> específicos, regulados por normas próprias: sejam teatros, museus, cinemas ou estádios. Ambos causam um enorme fascínio, porque nos permite o acesso a elementos de identificação, de proximidade. A diferença é que o esporte é uma arte popular, mais acessível, mais facilmente apreciável[139].

O homem vincula ao futebol sua identidade; o literato, cronista, identifica-se com o clube de futebol, cujo esporte é praticado com arte. A crônica reinventa o fato de o torcedor organizar sua subjetividade por meio da identificação com o time pelo qual ele torce, pois, de acordo com Édison Gastaldo,

> Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas [...] de comunidade reunida em redor do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo time do coração. [...] Pertencer a uma torcida é muito mais uma questão afetiva (freqüentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios. [140]

O pertencimento ao time do eu do cronista desse texto é muito intenso; produz identificação dele com o clube em um expressivo número de aspectos, dos mais íntimos àqueles os quais entremeiam as relações sociais. Na crônica, são aproximados time e homem, futebol e literatura por meio do trabalho do cronista com a linguagem, da estruturação do texto em descrições ritmadas, sem uma seqüência narrativa, da manifestação do estado de espírito e das imagens e metáforas: o lirismo de Campos ressignifica o esporte no texto.

3.2 "ADORADORES DA BOLA"

A paixão pelo futebol desponta já no título dessa crônica, o qual exprime a noção de adoração, idolatria pela bola. O cronista inicia o texto afirmando que o "brinquedo essencial do homem é a bola"[141]. A bola, de objeto, passa a ser

---

[139] MELO, Victor Andrade de. O esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens. *Movimento*. Porto Alegre: UFRGS, v. 11, n. 2, 2005, p. 35-55. Disponível em: <www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/esporte_arte_movimento_2005.pdf>. Acesso em 23 jan. 2007, p. 47.

[140] GASTALDO, Édison Luis. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. *Cadernos IHU Idéias*. São Leopoldo, v. 1, n. 10, 2003, p. 3.

[141] CAMPOS, op. cit., p. 17.

metonímia para o jogo com ela, mais especificamente o futebol, a partir da imagem contida no parágrafo seguinte:

> Um psicólogo do futebol imagina a seguinte cena: meninos jogam na rua; a bola sobra para o cavalheiro que passa. Que fará o austero transeunte? Ficará indiferente? Devolverá a bola com as mãos? Já vimos todos nós o que ele irá fazer: o homem, sem perder a gravidade, rebate a bola com o pé, aparentemente para prestar um serviço à garotada, mas na verdade porque não resiste ao elástico e impulsivo prazer de dar um chute. É sempre um grande prazer, uma das coisas agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada.[142]

A afirmação é explicada pela imagem de uma cena comum, da vida cotidiana, meninos jogando na rua, a bola escapando e ficando próxima a um transeunte. Os questionamentos são respondidos por “todos nós”, expressão pronominal que, implicitamente, abrange o eu do cronista e o leitor da crônica que se identifica com o apreço pelo futebol. No prosseguimento da imagem, tem-se o homem, sério, devolvendo a bola com os pés às crianças. A ação é esclarecida: ele faz isso porque o prazer de chutar a bola é colocado como irresistível e fruto de um impulso humano, mesmo que tenha que disfarçá-lo sob a gravidade. Esse sentimento é partilhado pelo eu do cronista, que diz ser uma ação agradável chutar a bola, especialmente “quando conseguimos” colocar a bola na meta (objetivo é o gol, no jogo de futebol) desejada.

Justificando a afirmação inicial, duas personalidades são convocadas no texto, o poeta Rainer Maria Rilke e o pedagogo alemão Friedrich Fröbel. O primeiro, de acordo com o texto, “intuiu bem os símbolos contidos na bola e no jogo da bola: a lei da gravidade e a liberdade do vôo são valores atuantes da realidade humana. Atirar e agarrar são formas fundamentais do nosso comportamento diante da existência”.[143] O segundo

> [...] havia escrito “A esfera é para mim um símbolo da plenitude realizada; é o símbolo de meus princípios fundamentais de educação e de vida, que são do tipo esférico. A lei esférica é a lei fundamental de toda formação humana verdadeira e satisfatória”.[144]

---

[142] CAMPOS, op. cit., p. 17.
[143] Ibid., p. 17.
[144] Ibid., p. 17.

A poética de Rilke, segundo a crônica, continha a lei da gravidade e a liberdade do vôo (em sentido figurado) como fatores que dimensionam a existência e a realidade humanas, o que, para o eu do cronista, também há no jogo da bola, pois tanto as leis físicas quanto a possibilidade de criação são intrínsecas ao futebol. Fröbel (1782-1852) tinha como princípio de sua pedagogia a liberdade e a atividade, tendo valorizado a atividade lúdica como imprescindível para o sucesso da aprendizagem das crianças. Ele entendia a educação ainda como um processo de apropriação do mundo pelo homem, de forma concreta, chamada de modelo de educação esférica, em que o homem estrutura sua realidade e constrói, então, seu conhecimento[145].

A associação desses conceitos ao futebol se dá, no texto, pelos princípios de liberdade e atividade, presentes no esporte, e principalmente pelo caráter lúdico do jogo com a bola, o qual oferece entretenimento e é importante para o desenvolvimento do ser humano, seja motor, seja cognitivo, visto que, conforme a pesquisadora Maíra Lombardi, o "lazer não é apenas divertimento ou descanso. Nele podemos encontrar também uma grande possibilidade de desenvolvimento, tanto dos aspectos biológicos e psicológicos das pessoas, bem como da relação do indivíduo com a sociedade."[146]. Usando dois consistentes argumentos de autoridade, o cronista dá ao texto uma forma próxima ao ensaio, bem humorado e subjetivo, correlacionando essa necessidade humana com uma atividade esportiva específica e fundamentando a proposição de que o futebol é a atividade lúdica essencial ao homem.

Passando do embasamento intelectual para firmar a posição à experiência pessoal, o cronista intercala narrações e declarações sobre a medida da relação do homem com o futebol. Ele apresenta, a partir desse trecho, um "nós" que se refere ao eu do cronista e a pessoas de sua convivência, que também jogam, nomeados no final do texto como "veteranos"[147]. É relatado o início da prática cotidiana do esporte na vida adulta do narrador:

---

[145] ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. *Cad. CEDES*., Campinas, v. 24, n. 62, 2004, p. 9-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2007.

[146] LOMBARDI, Maíra Ivone. *Lazer como prática educativa: as possibilidades para o desenvolvimento humano.* 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Unicamp, Campinas, p. 31.

[147] CAMPOS, op. cit., p. 20.

> As nossas peladas adultas começaram há mais de vinte anos no quintal dum apartamento térreo em Ipanema [...] Passamos depois a jogar no parque dum laboratório farmacêutico da Rua Marquês de São Vicente, estraçalhando as flores [148]

A idéia do jogo da bola como a atividade lúdica fundamental para o ser humano se articula à noção da necessidade do lazer para o homem. Segundo estudos dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, especialmente nas sociedades industriais e capitalistas, as restrições sociais e individuais promovidas pelos processos culturais e socioeconômicos ocasionam um grande autocontrole emocional e o lazer seria a forma de o indivíduo adulto compensar as tensões advindas desse autocontrole, por meio de ações que permitam a produção controlada de emoção.[149]. O esporte como lazer propicia, nesse sentido, ativação emocional, sociabilidade, mobilidade física e imaginação (numa perspectiva mimética das atividades lúdicas em relação à vida).[150] Ressalve-se que essa visão do esporte universaliza a atividade, tomando as relações entre todos os praticantes e ela como equivalentes. Apesar disso, não se pode descartar a função compensatória do esporte, um dos aspectos que podem ser depreendidos do texto (futebol como prazer, brinquedo). A crônica aduz o futebol como um esporte cuja carga simbólica é análoga à existência e à realidade humanas, importante para o desenvolvimento humano e entretenimento prazeroso.

Adicionando-se a esses aspectos do futebol e reafirmando-os, o apreço apaixonado dos “adoradores da bola” permeia as histórias narradas na crônica. Com a primeira das narrações, o esporte é tratado ainda como uma espécie de conexão com a infância. O relato se refere a um “zagueiro de recursos”[151] que reservou parte de um loteamento de uma propriedade sua para fazer um campo de futebol. O eu do cronista explica: os que não entenderam a atitude do referido companheiro “tinham perdido irremediavelmente (danem-se) a infância. A infância é apenas isto: a sensação de que viver é de graça”[152]. Na simplicidade dessas frases,

---

[148] CAMPOS, op. cit., p. 18.
[149] PILATTI, Luiz Alberto; RUGISKI, Marcelo. Lazer e tempo livre: um olhar sobre a teoria elisiana. *IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização. Anais*. Ponta Grossa, 2005, p. 1-4. Disponível em: < http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/workshop/art11.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2007.
[150] Ibid., p. 4-5.
[151] CAMPOS, op. cit., p. 18.
[152] Ibid., p. 18.

a leveza e o prazer da meninice são expressos de maneira sublime e ligados às sensações oportunizadas pela prática do futebol.

A busca por essas excitações emocionais pode sofrer oposição dos outros adultos, o que é destacado na crônica:

> Sofremos oposição de todos os setores: o familiar, o profissional e o social. Usaram contra nós todos os instrumentos de combate, os perfurantes, os cortantes e os achatantes. Levantaram contra nós a intimidação médica [...], a declarada suspeita sobre a nossa integridade mental, o sarcasmo salgado e grosso, as explicações mais ou menos freudianas e as mais ou menos adlerianas. Eram contra nós sobretudo os que haviam amado a bola e não tinham mais a coragem de voltar à delícia da grama.[153]

Há, neste excerto, mais uma manifestação subjetiva a respeito da ligação com o futebol – amor pela bola, delícia da grama. Também há uma crítica irônica do cronista às limitações impostas pela sociedade e à racionalização das atividades e sentimentos humanos, a qual está presente nos comentários sobre o sarcasmo dos que não aprovam as peladas e sobre as explicações psicológicas que deram baseadas nas teorias de Sigmund Freud e nos estudos comportamentais do psicólogo austríaco Alfred Adler. A partir dessa situação, os adoradores da bola tentaram refrear a resistência: “Por abominável respeito humano, passamos a inventar as desculpas que fossem tranqüilizando os outros”[154]. O próprio eu do cronista fez o mesmo, apesar de considerar covardia: “Também eu, com pusilanimidade, escrevi por aí que estávamos correndo atrás dum restinho de infância – o que é apenas parte da verdade”[155].

As razões para a conexão homem-futebol, examinadas nesta subseção, seriam, portanto, evidências parciais, porque “A verdade integral é a bola. O futebol paixão. Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos anos sofrear o sono da fadiga para rememorar em câmara lenta o gol de cobertura que fez pela manhã”[156]. Esse poético trecho da crônica – perceba-se o ritmo, a sonoridade e a imagem – é o clímax da gradação iniciada no trecho citado no parágrafo anterior. Acima das justificativas, é expressa nesse excerto a paixão pela prática do esporte, com o qual o eu do cronista mostra total afinidade, identificando-se como um adorador da bola, a ponto de resistir ao cansaço para relembrar um belo lance feito

---

[153] CAMPOS, op. cit., p. 19.
[154] Ibid., p. 19.
[155] Ibid., p. 19.
[156] Ibid., p. 19.

no jogo, tal é o prazer propiciado por isso. Em seguida, ele ainda categoriza a conexão homem-futebol, da relação mais superficial à apaixonada:

> Futebol divide os homens como o álcool: há os que jogam moderadamente na adolescência, sem muito gosto, só para passar o tempo e desentorpecer a musculatura; há os jogaram com algum fervor e esqueceram de todo o passado; existem afinal os alcoólatras do futebol, os viciados irreversíveis, membros duma sociedade fanática, homem que adoram a Bola como os fenícios adoravam Baal.[157]

A paixão torna-se, na crônica, sinônimo de vício, fanatismo e adoração. O cronista elabora uma imagem a partir da qual se entende o amor pela bola como um culto semelhante ao dos semitas ocidentais e fenícios a Baal, originariamente deus da terra, da chuva e das forças ativas da vida. O objeto esférico usado no jogo de futebol torna-se substantivo próprio, como se fosse uma entidade, um deus; até a sonoridade do nome se liga ao som da denominação da divindade. Os fenícios, principalmente os cartagineses, tinham como hábito fazer grandes sacrifícios a Baal (ofereciam desde animais a crianças). O sentimento exacerbado do futebol e suas conseqüências são expostos na crônica de forma semelhante ao procedimento fenício; o amor à bola instiga os homens a fazer constantemente sacrifícios, tomar qualquer atitude.

Com postura irônica, o cronista faz lembrar que os viciados em futebol “são capazes de horrores: trocam a repousante feijoada na casa do melhor amigo por um arranca-toco em Curicica. Trocam tudo”[158]. O juízo de valor, no início do excerto, ironiza a reação da sociedade, moderada, às atitudes dos adoradores da bola. Em seguida, são narrados três eventos que dão a medida do modo de agir dos fanáticos pelo esporte.

> Conheço um que voou de Paris para Roma a fim de pegar o avião que o depositasse no Rio a tempo de apanhar nosso torneio dominical. Outro convidado para apadrinhar um casamento em tarde de sábado, foi rude, porém sincero, colocando a noivinha nesta sinuca: um presente de duzentos no sábado ou um cheque de mil se o casamento fosse transferido para outro dia da semana. Um terceiro dava um vestido caro à mulher (a própria), contanto que ela o deixasse agarrar no gol no fim de semana, em vez de subir para as elegâncias de Petrópolis.[159]

---

[157] CAMPOS, op. cit., p. 19.
[158] Ibid., p. 19.
[159] Ibid., p. 19-20.

Os relatos bem-humorados figuram, em detalhes particularizados, esses indivíduos, com os quais se identifica o eu do cronista: “são assim os veteranos, irremovíveis”[160]. As ações dos veteranos divergem do comportamento esperado pelos grupos sociais com os quais eles se relacionam; no texto, o efeito é o humor, visto que a “transgressão desse código não escrito é, ao mesmo tempo, a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele [...] suscita o riso”[161].

Se havia pusilanimidade para assumir por inteiro a paixão pelo futebol, o eu do cronista vence-a, declarando seu sentimento e idenficiando-se como adorador da bola na crônica. Desconsiderando a idade, que avança, e a ridicularização que sofre, mostra-se firme: “Às vezes, línguas más dizem que estamos fazendo o vestibular para o Asilo São Luís. Pouco nos importa. Estejam todos certos de que levaremos uma bola para o pátio do asilo”[162]. Como se pôde verificar, o futebol é considerado em toda a crônica uma atividade não só cotidiana, mas objeto de paixão, de adoração e fonte de prazer lúdico, desde a infância até a velhice.

A crônica caracteriza-se pelo lirismo, humor e leve ironia com que o cronista fundamenta a importância e intensidade da relação homem-futebol e constrói a subjetividade e a identidade do eu do cronista como um apaixonado pelo esporte, inclusive por praticá-lo cotidianamente. Este é mostrado como um objeto de paixão, de vício e adoração, e como um jogo que proporciona lazer e contém símbolos importantes da existência humana.

É significativo, ademais, que o eu do cronista não apenas comente sobre o assunto ou defenda sua convicção, mas também posicione-se como um narrador, ao relatar experiências de pessoas de seu convívio. O cronista o desenha como um narrador que tem, de acordo com Walter Benjamin, “a faculdade de intercambiar experiências”[163], que “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”[164]. A partir da estruturação da subjetividade e identidade e dos

---

[160] CAMPOS, op. cit., p. 20.
[161] PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992, p. 60.
[162] CAMPOS, op. cit., p. 20.
[163] BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 198.
[164] Ibid., p. 201.

relatos particularizados, o cronista possibilita ao leitor identificar-se com a relação entre homem e futebol e mesmo ter integradas a si outras experiências, as representadas no texto.

3.3 "SALVO PELO FLAMENGO"

Contendo o relato de uma experiência do narrador, esse texto de Paulo Mendes Campos tem como motivo o pedido de perdão a respeito de um fato ocorrido em uma viagem à capital da Suécia, Estocolmo, ocasião em que o narrador levou um amigo a um hotel. Ao solicitar o quarto previamente reservado, foi surpreendido pela atitude de um sueco alcoolizado que reclamava por não conseguir se hospedar enquanto os estrangeiros sim. O homem julgou que os dois brasileiros eram americanos; o mal entendido só se resolveu quando o sueco associou o Brasil ao clube de futebol Flamengo e o narrador, numa situação a qual costuma-se chamar de saia-justa, teve de colocar-se como torcedor do time carioca.

O eu do cronista, ao narrar uma experiência própria ou próxima a si, configura-se como o narrador tradicional, o qual, para W. Benjamin, perde muito espaço na literatura na era da informação, como comenta Davi Arrigucci Jr.

> Não se pode esquecer a observação de Walter Benjamin de que os narradores desse tipo são uma espécie em extinção; estão cada vez mais distantes, porque o que nos contam está cada vez mais ralo nos tempos modernos: a sua própria experiência.[165]

Na contramão do imediatismo e da objetividade da informação, a crônica contém a reflexão e o relato plurissignificativo das experiências particularizadas; caso do texto em questão. O evento é rememorado e contado ao leitor como uma espécie de mea-culpa do eu do cronista: "Desde garotinho que não sou Flamengo, mas tenho pelo clube da Gávea uma dívida séria, que torno pública neste escrito" [166]. Ao estruturar sua subjetividade nesse texto, ele identifica-se como

---

[165] ARRIGUCCI JR., Onde andará o velho Braga? In: _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 149.

[166] CAMPOS, op. cit., p. 37.

não torcedor do referido time, afirmando sua identidade pela negação do outro. Em seguida, inicia a narração.

> Em 1956, passei uma semana em Estocolmo, hospedado em um hotel chamado Aston. Era primavera, pelo menos teoricamente, havia um congresso internacional na cidade, os hotéis estavam lotados, criando contratempos para turistas do interior ou estrangeiros [...] Estava há dois ou três dias na cidade, quando me pediram para receber um brasileiro e encaminhá-lo ao hotel, onde lhe fora reservado de fato um apartamento.[167]

O funcionário do hotel, "homem de uns sessenta anos e de uma honesta cara escandinava, tomou uma atitude estranha e difusa [...] não confirmava a existência da reserva, nem deixava de confirmar"[168]. Em face da insistência do brasileiro, o recepcionista entregou a ficha de identificação, mas isso gerou a indignação de um homem que estava próximo, numa saleta. Uma imagem inicia a caracterização do homem: "Se o leitor conhece um homem forte, mas muito forte mesmo, imagine uma pessoa duas vezes mais forte, e terá uma vaga idéia desse gigante que veio andando até nós, botando ódio pelos olhos e espetacularmente bêbado"[169]. O narrador ainda se refere a ele como monstro, ciclope rosnando, bêbado que pode trucidar, que vocifera, homem de testa granítica. As circunstâncias de uma "traição" se delineiam.

O gigante reclama violentamente ao funcionário em sueco e o narrador, após a saída daquele, perguntou ao funcionário o que estava ocorrendo. Este,

> [...] sussurrando desamparadamente, explicou-me que o gigante estava a pensar: primeiro, que não conseguira vaga no hotel por ser sueco e estar embriagado; segundo, que nós conseguíramos por ser americanos, norte-americanos [...] Só mesmo um sueco bêbado em uma madrugada de neve e vento iria supor que fôssemos americanos.[170]

A escolha vocabular e a narração da situação dão efeito humorístico ao texto; o cronista mostra um funcionário indefeso, um homem monstruoso, no físico e no comportamento e um julgamento tolo. Depois da conversa entre brasileiros e o rapaz do hotel, o sueco "bradava [...] com sarcasmo e ira: —

---

[167] CAMPOS, op. cit., p. 37.
[168] Ibid., p. 37.
[169] Ibid., p. 38.
[170] Ibid., p. 38-39.

American! American! [...] American! Dollar! No like!”[171]. O brasileiro tentou convencê-lo, em inglês, de que ele e o amigo eram do Brasil. A “versátil discussão”, como ironicamente é classificada na crônica, teve seu rumo alterado quando “a palavra “Brazilian” havia penetrado por fim em sua testa granítica”[172]. A expressão do homem mudou para deslumbrada e infantil, ele ainda confirmou duas vezes se não eram americanos e sim brasileiros e, então, sorrindo, gritou o nome do clube Flamengo, “como se saudasse o nascimento de um mundo novo”[173]. Sua reação é inesperada:

> Imediatamente, o gigante entrou em transe e começou a fazer problemáticas firulas com uma bola imaginária, mas dando a entender cabalmente o quanto ele admirava (admirava é pouco: o quanto ele amava) o malabarismo dos nossos jogadores. O gigante se desencantara, virando menino. A certa altura, depois de fazer um passe de letra, parou e confessou-me com um orgulho caloroso:
> — I Flamengo! I Rubens![174]

Rubens é o jogador Rubens Josué da Costa (1928-1987), que atuou no meio-campo do time carioca entre 1951 e 1957 e ficou famoso na época pela habilidade com que armava jogadas e cobrava faltas, tendo sido tricampeão carioca pelo Flamengo (1953, 54 e 55). A referência ao Brasil levou o sueco a associar o país, a nação, ao time Flamengo e ao jogador Rubens. É interessante perceber que, nesse momento, a grande incomunicabilidade dá lugar a uma proximidade entre os brasileiros e o antes encolerizado sueco. Este identifica o futebol como símbolo do Brasil, em oposição, por exemplo, ao dinheiro como símbolo dos Estados Unidos da América, conforme sinalizado na própria crônica, em excerto já citado. Isso representa a força do futebol como símbolo da identidade nacional brasileira.

Além disso, nessa crônica, o futebol emblematiza a união e a interação entre diferentes povos; uma forma de linguagem entendida pela maioria, independente de sua língua ou nação. Nessa perspectiva, afirma a socióloga Clara Freitas: “o futebol tem sido um fator de aproximação entre as regiões e nações. Vínculos de estima e de camaradagem estreitam-se facilmente entre os fiéis a um

---

[171] Ibid., p. 39.
[172] CAMPOS, op. cit., p. 39.
[173] Ibid., p. 40.
[174] Ibid., p. 40.

mesmo jogo”[175]. O esporte ainda é tratado como a atividade lúdica que propicia uma volta à infância, de forma semelhante ao que ocorre em “Adoradores da bola” – o homem vira menino, com o prazer, a alegria e a criatividade pueril.

Por outro lado, o homem que fora caracterizado como um monstro, encorpado e violento, passa a ser identificado de outra maneira: ele “não era sueco, não era gigante, não era bêbado, não era um ex-campeão de hóquei (conforme soube depois), era Flamengo, era Rubens”[176]. A identidade do sueco não é mais a determinada pelo local em que vive ou nasceu, nem mesmo por suas características ou profissão, mas sim por seu apreço pelo time tricampeão do Rio de Janeiro, conhecido no mundo todo por ter uma das maiores torcidas do futebol, e pelo jogador em destaque.

A identificação com um time implica, de modo geral, em rivalidade com outros times ou cumplicidade com outro indivíduo que compartilhe do apreço por um clube, outro que faça parte do mesmo clã, visto que o “esporte opera como uma forma de organização e classificação da realidade, através da divisão do mundo em times-clãs”[177]. Assim, as circunstâncias obrigam o narrador, amedrontado pelo comportamento e pelo aspecto físico do sueco, a fingir ser também flamenguista quando interpelado a respeito:

> — You! Flamengo?
> Que o Botafogo me perdoe, mas era um caso de vida ou de morte, e também gritei descaradamente:
> — Flamengo! Yes! Flamengo! The greatest one![178]

É possível perceber, no texto, a verdadeira identidade de torcedor do eu do cronista/narrador: este é botafoguense. Percebe-se ainda a intensidade da relação com o time Botafogo, a quem o eu do cronista pede perdão pela traição necessária a fim de não sofrer nenhum tipo de violência do homem sueco. Verifica-se que o apreço do sueco pelo futebol foi vantajoso para o eu do cronista, num momento em que a situação se complicava; sua autopreservação foi garantida por

---

[175] FREITAS, Clara M. S. M. de. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. *Rev. Port. Cien. Desp.*, vol.5, no.3, set. 2005, p. 331. Disponível para download em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v5n3/v5n3a08.pdf>. Acesso em: 14 abr. 07.

[176] CAMPOS, op. cit., p. 40.

[177] MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582000000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 abr. 2007.

[178] CAMPOS, op. cit., p. 40.

celebrar o time rival. Nesse contexto, entende-se o trocadilho com o ditado “salvo pelo gongo” no título da crônica, “Salvo pelo Flamengo”,

A rememoração do episódio é feita com base no sentido pelo indivíduo que o viveu e sua narração é balizada pelo objetivo de quem a narra; nesse caso, o eu do cronista narra o que ocorreu buscando mostrar ao leitor o perigo representado a ele pelo homem insatisfeito com o insucesso em hospedar-se no hotel e o que viveu em relação ao futebol. Por outro enfoque, a experiência contada tem um efeito cômico, dado o motivo tão incontestável para a “infidelidade” do eu do cronista com seu time; “o efeito nos parece tanto mais cômico quanto mais natural considerarmos sua causa”[179].

Ademais, a crônica apresenta o futebol como símbolo do Brasil, manifestação cultural tão vinculada ao cotidiano e à imagem do país que representa o povo brasileiro. O antropólogo Igor José de Renó Machado explica que

> [...] o futebol se tornou um dos instrumentos brasileiros de pensar e de, sobretudo, classificar o mundo. Nesse sentido, a nação brasileira não é apenas metaforizada no futebol, ela passa a "existir" como algo concreto e palpável através das imagens constituídas a partir desse esporte. Vale dizer: a nação brasileira como uma coletividade moderna, cívica, baseada em um território soberano, com bandeira, hino, ordem social e política fundada no indivíduo, nasce para o povo ao lado do nosso futebol-arte no século XX. Entender o futebol é entender uma dimensão importante da nação brasileira; é entender nossa cultura, nos termos de Marshall Sahlins (1988, esp. introdução e conclusão), como um princípio arbitrário de ordenação da realidade. [...] mais do que uma figura de retórica, o futebol, além de ser um sistema de pensamento, é também um dos princípios concretos (ou reais) de organização da realidade brasileira. Um sistema que foi se formando ao longo do século XX, a partir da imensa popularidade do futebol[180].

O futebol é apresentado ainda como fator de sociabilidade, de tal modo que o sentimento de pertencimento e a coesão social ultrapassam limites geográficos – o sueco sentia-se parte do time Flamengo – o que até mesmo evitou uma situação de violência, no caso do evento narrado no texto. Para Freitas, no que se refere a questões como sociabilidade e civilidade no futebol, os laços cordiais e informais de união são avigorados pelos princípios de igualdade e identidade[181]. Segundo a socióloga, “cabe ressaltar que os indivíduos [...] fazem parte do mesmo

---

[179] BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 9.
[180] MACHADO, I., op. cit..
[181] FREITAS, op. cit., p. 331.

mundo – o mundo futebolístico”[182]. O futebol e a identificação entre indivíduos que têm apreço pelo mesmo esporte e/ou time teria, então, uma função congregadora e mesmo civilizadora.

3.4 “COPA 1958”

A rememoração de eventos ou experiências é bastante comum nas crônicas de Paulo Mendes Campos. Ele cria um eu do cronista que registra o trivial e constrói outros sentidos para os acontecimentos, relembrando-os e narrando-os ao leitor. Como nota Davi Arrigucci Jr., “a força da prosa do cronista parece residir no fato de que, para ele, cada pessoa, cada coisa tem ainda história, uma história que ele contempla sob a perspectiva do que passa” [183]. Prosa que pode contar também com a presentificação das experiências passadas e dos estados de espírito, o vislumbre de diferentes dimensões de um fato ou tema e a narração da experiência humana.

Em “Copa 1958”, há todos esses aspectos da crônica. A experiência humana cotidiana é narrada pelo eu do cronista, começando pelo comentário feito acerca da implicância de Ari Barroso, compositor que também foi locutor esportivo entre as décadas de 1930 e 60, com o jogador Mané Garrincha:

> Antes de 1958, Ari Barroso implicava muito com o futebol do Garrincha. Dum episódio característico me lembro muito bem. Ari transmitia na tevê um jogo do Botafogo e dizia pausado: “Garrincha com a bola. Vai driblar. É claro. Vai driblar de novo. Vai perder a bola [...] Garrincha vai driblar de novo. Vai perder. Porque ele não centrou logo? Claro que vai perder. Gol de Garrincha.” A última frase veio seca e mal-humorada: também o Ari fora driblado lá na tribuna.[184]

O eu do cronista rememora e relata, na crônica, eventos cotidianos – as transmissões de jogos, principalmente pelo rádio e, na segunda metade do século XX, pela TV, faziam parte da rotina de grande parte dos brasileiros; eram rotineiros também a polêmica em relação a Garrincha e os dribles dele nos

---

[182] Ibid., p. 331.
[183] ARRIGUCCI JR., 1999, op. cit., p. 149.
[184] CAMPOS, op. cit., p. 43.

adversários, dentro e fora de campo. O jogador Manuel dos Santos (1933-1983) provocava inúmeras discussões; hoje, é considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos. O ponta-direita estreou no futebol profissional em 1953, no Botafogo, clube no qual jogou por doze anos (1953-1965); campeão mundial brasileiro nas Copas de 1958 e 1962, ele tinha uma imperfeição física: sua perna esquerda era seis centímetros mais curta que a direita e as duas pernas eram flexionadas para o lado direito.

No entanto, o problema físico não era o único fator da polêmica em torno dele. Seu estilo de jogo era o elemento central disso. Driblador ousado, Garrincha desconcertava seus adversários, gerava dúvidas nos especialistas e encantava a torcida, uma espécie de anti-herói do futebol. O eu do cronista comenta a respeito das conversas motivadas pelo ídolo brasileiro entre ele e Ari Barroso:

> Principalmente por causa de Garrincha, ele e eu pegávamos discussões animadíssimas, que não só acabavam alegremente: já eram entremeadas de brincadeiras. Uma vez, no aceso da paixão, apelei para a linha dura e lhe disse a sentença fatal: "Você não entende nada de futebol!" Ari, apanhado de surpresa, achou engraçadíssima minha (falsa) opinião e ficou sacudido por tremores de riso durante mais de meia hora.[185]

As discussões comentadas na crônica são o que Édison Gastaldo chama de relações jocosas futebolísticas, comuns no dia-a-dia de torcedores e mesmo profissionais do esporte,

> [...] um tipo especial de performance, seja em atitude, desafio ou teatralização, em que a regra é manter o bom humor, mesmo – e principalmente – na derrota, suportando com paciência ou, de preferência, com uma resposta afiada e engraçada, as alfinetadas dos oponentes[186].

O cotidiano do futebol, tanto das reuniões de amigos para acompanhar transmissões de partidas quanto das discussões cheias de humor, são representados por Paulo Mendes Campos nesse texto, sendo abordada, dessa maneira, a sociabilidade provocada pelo futebol, "estabelecida em torno do consumo coletivo de jogos de futebol e a tematização dos fatos do jogo em interações sociais

---

[185] CAMPOS, op. cit., p. 43.

[186] GASTALDO, Édison Luis. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, n. 3, jul. – out. 2006. Disponível em: < http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>. Acesso em: 30 abr. 2007, p. 4.

cotidianas”[187]. Vale frisar que sociabilidade é entendida a partir da formulação do sociólogo Georg Simmel, que a conceituou como “a forma lúdica da sociação”[188], uma forma de interação entre sujeitos que se mostram interessados e descomprometidos ao mesmo tempo. Outras cenas dessa sociabilidade, ocorridas num bar de Ipanema durante a Copa de 1958, são relatadas na crônica:

> Aí veio a Copa da Suécia. Ouvi as irradiações num bar de Ipanema na companhia de amigos. Ari ainda não dera as caras. João Condé, tendo aparecido apenas no jogo com a Inglaterra (0 a 0), fora proibido de voltar. Terminada a partida com os suecos... Bem, não é difícil imaginar.[189]

O povo acompanhou a transmissão da Copa de 58 pelo rádio. O eu do cronista se refere às reuniões para ouvir os jogos do torneio mundial, com traços de oralidade e informalidade. Ele comenta, no seguimento do texto, sobre a festa realizada no bar depois da partida final, em que a Seleção Brasileira sagrou-se, pela primeira vez, campeã do mundo. O registro da época fica evidente – o rádio, as personalidades; o registro do fato também aparece – o primeiro título mundial de futebol do Brasil. No entanto, nem o objetivo do texto é só registrar a época, nem informar ou comentar a conquista da seleção em si, mas sim expor o olhar para outras dimensões desse fato. Desse modo, as comemorações e o comportamento dos torcedores predominam no texto, sendo narrados de forma subjetiva, a partir da experiência do sujeito que narra. Isso porque a crônica não visa a reconstituir os fatos, mas mostrar os significados que o jornalismo informativo não explicita.[190]

Campos busca recriar, no texto, o estado de espírito no momento da celebração do título naquele bar. A euforia é representada pelo “senhor desconhecido, que ouvira o jogo a suar frio e extremamente pálido, como se fora *ao vivo* a descrição do Apocalipse, continuava em transe, hirto e bestificado, enquanto a turma o arrastava [...] pela dança carnavalesca”[191]; pelo condutor e o motorneiro do bonde, que “já vinham do Bar Vinte com uma garrafa de pinga”[192] e pelos que “tinham fugido da raia, por prudência de ordem coronária, e pescavam sem rádio na Barra da Tijuca. Ouvindo o foguetório, vieram em desabalada para Ipanema.

---

[187] Ibid., p. 3.
[188] SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 168.
[189] CAMPOS, op. cit., p. 43-44.
[190] MELO, J. op. cit., p. 147.
[191] CAMPOS, op. cit., p. 44.
[192] Ibid., p. 44.

Invadiram o bar com quilos de talco”[193]. É claro o caráter de entusiasmo dos torcedores, dançando, bebendo e brincando. São reuniões festivas comuns ainda hoje, seja no cotidiano dos torcedores assíduos que acompanham os campeonatos em que “seus” times jogam, seja no dia-a-dia durante as Copas do Mundo.

Os diferentes comportamentos a que o cronista se refere aludem à variedade de emoções provocadas pelo futebol e, mais especificamente, pelo resultado positivo de uma partida, de um campeonato. Uns ficam nervosos, sem ação; outros dançam; outros ainda, evitando o sofrimento de acompanhar a partida, juntam-se aos amigos somente depois do final do jogo. Em comum, a bebida e a alegria: seja durante a partida, seja na comemoração de uma vitória, “os torcedores, de modo geral, têm uma atitude ativa, participando intensamente do espetáculo”[194].

A recriação da atmosfera de festividade da vitória brasileira culmina com o registro da atuação brilhante de Garrincha na Copa. O episódio rememorado e narrado ao leitor pode ser visto não só como mais um elemento da comemoração do primeiro título mundial brasileiro no futebol, mas também como símbolo da aceitação de Mané Garrincha pela área técnica do esporte e pela imprensa. A emoção provocada pelo jogo e pela genialidade de Garrincha levou Ari Barroso ao bar:

> Uma cortina branca envolvia tudo e todas as pessoas quando ouvi uma voz que vinha da porta a clamar meu nome e sobrenome. Era o Ari, que continuou à porta gesticulando. Atenuada a cerração de talco, vi que sua expressão era dessa rara plenitude que limpa do rosto humano o desencanto, a decepção, o medo. Ainda na porta, ele gritava para mim, escandindo as sílabas a seu modo:
> — Estou aqui para penitenciar-me! É o maior! É o maior! Que beleza, meu Deus! Que beleza! O Garrincha é maior gênio que já houve neste país! Que beleza! Que beleza!! [195]

O cronista salienta a expressão de Barroso, encantado com a atuação do grande jogador, com que lembra o potencial do futebol de afetar não apenas os torcedores, mas inclusive os profissionais, muitos dos quais tentam ser imparciais para assistir a um jogo. Enfatize-se o fato de a crônica mostrar o futebol

---

[193] Ibid., p. 45.
[194] DAMO, op. cit., p. 86.
[195] CAMPOS, op. cit., p. 45.

como um tipo de jogo absorvente, nos dizeres de Arlei Sander Damo[196], o qual leva as pessoas a participarem ativamente e que provoca diferentes reações e emoções.

Alegria e sociabilidade são os sentidos apreendidos das conversas sobre futebol e Garrincha e da comemoração do título na Copa. A atmosfera e o ritmo da festa reconstituídos, a descrição do estado dos sujeitos e a elaboração das diferentes imagens do momento vivido conferem poesia à narrativa da experiência. Não se pode deixar de perceber ainda o registro da admiração por Mané Garrincha e a satisfação do eu do cronista em ver o jogador sendo reverenciado até por quem o criticava. A crônica, reinvenção dos hábitos dos torcedores de futebol, das festividades incitadas pelo esporte e das polêmicas em torno de um ídolo, apresenta mobilidade temática e a narração das experiências cotidianas, com "linguagem simples e comunicativa, o tom [...] do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária" [197].

3.5 "DESCANSO DE FUTEBOL"

Uma decisão considerada drástica pelo eu do cronista é explanada nessa crônica – "aposentar-se" do futebol, da prática social de torcedor e espectador. O texto inicia com uma notável crítica. Ao comentar que "devia ou pelo menos merecia estar aposentado"[198], fica implícito que não está nessa situação devido a sua afirmação de que "a idéia sombria da invalidez, e não do ócio com vivacidade, orientou os criadores do instituto de aposentadoria"[199]. Ele se refere ao conceito de aposentadoria vigente na sociedade, um descanso permanente, a idéia de que a velhice chegou e o ser humano não mais tem utilidade – uma forma de invalidez, quando a aposentadoria deveria ser apenas um descanso, mas no sentido de um repouso do trabalho apenas, um ócio que permita a atividade.

Se a aposentadoria do labor remunerado não apraz e a forma aprazível não é viável, uma outra, especial, foi possível:

---

[196] DAMO, op. cit.
[197] ARRIGUCCI JR., 1987, op. cit., p. 55.
[198] CAMPOS, op. cit., p. 71.
[199] Ibid., p. 71.

> Deu-se que um dia, há uns três anos, vislumbrei de súbito que uma aposentadoria especial estava ao alcance de minha mão. Foi uma coisa drástica, mas lúcida: exonerei-me do futebol. Descobri num relance que eu somava trinta e cinco anos de futebol e podia muito bem fazer outra coisa nos fins de semana [...] Sim, já vi o futebol. Já vi, vivi, sofri e morri o futebol. Valeu muitíssimo a pena e o prazer, mas não tinha mais sentido me perder no tráfego de sábado e domingo a fim de presenciar do alto da arquibancada um espetáculo já visto e revisto.[200]

A aposentadoria é especial e drástica devido à relação entre o eu do cronista e o futebol, trinta e cinco anos de prática cotidiana – "nos fins de semana" – de espectador de futebol, experiência vivida intensamente. Segundo ele, valeu a pena e o prazer, tiveram sentido o sofrimento e a satisfação advindos do esporte, mas não têm mais; ele se retira do espetáculo, não quer mais lhe assistir. O tom confessional do texto, a tensão da decisão, a sonoridade dos vocábulos e a nostalgia visível já antecipam o lirismo dessa crônica.

Esses excertos iniciais do texto, além de mostrarem traços líricos, permitem vislumbrar as proporções da ligação do torcedor com o futebol, refreada após tanto tempo. Este ganha conotação de espetáculo, vida – pela analogia com o ciclo vital, "vi, vivi, sofri e morri" – e hábito que propicia dor e prazer; aquele aparece como o espectador assíduo, apaixonado, que vivencia aquilo por que tem apreço. Nesse sentido, o texto pode ser analisado a partir de dois eixos: um eixo da ressignificação da prática de torcer e outro da ressignificação do que é o futebol.

Em face do afeto pelo futebol, os torcedores de futebol estabelecem um vínculo sólido com o esporte, em que lealdade, seja ao futebol, seja a um time, é um dos valores preponderantes. Aqueles que faziam parte do círculo de relações do eu do cronista opuseram-se à decisão dele de afastar-se das arquibancadas: os "velhos irmãos de opa, sobretudo os de opa alvinegra, ficam irritados com esse meu raciocínio, que consideram um desvio do entendimento, e com essa retirada, na qual farejam uma apostasia"[201]. Com a escolha vocabular, "irmãos", "opa", "apostasia", o exercício de torcer toma a dimensão de uma fé, uma prática solene, cujos praticantes têm laços estreitos entre si.

No entanto, a censura é suportada e a paixão pelo esporte sustentada "folhando ainda as páginas esportivas, participando do papo, assistindo a um ou outro vetê vadio, mas decidido a só comparecer ao estádio em caso de

---

[200] CAMPOS, op. cit., p. 71.
[201] Ibid., p. 71.

compulsão emotiva”[202]. Isto é, realmente a aposentadoria do futebol não tem o sentido de invalidez, mas sim de descanso com vivacidade, conforme é afirmado no início da crônica, mas uma vivacidade mesclada com certa melancolia. Isso porque, para torcedor tão apaixonado, cuja rotina durante mais de trinta anos foi ver o futebol, abandonar totalmente o esporte é inviável; o amor faz com que o eu do cronista continue em contato com o objeto de seu apreço. É interessante notar que a rememoração do contato com o esporte faz parte desse processo que se dá na presente vida cotidiana do eu do cronista:

> Já vi o futebol. Hoje prefiro e só me cabe rever as fitas da lembrança, onde se gravam os grandes lances do meu aturado exercício de espectador. Não me cansei do futebol, retirei-me dele, insisto, para preservar meu patrimônio de memórias, sem o desgaste da ansiedade de quem continua, em idade canônica, a esperar nas arquibancadas um milagre maior.[203]

O relembrar na crônica traz à tona as agruras do torcedor, expressas com uma interessante seleção de palavras para conotar a necessidade de preservação emocional da experiência de torcer. O exercício de espectador é aturado – persistente e empenhado – e desgasta o homem pela ansiedade e sofrimento de aguardar, dia após dia até a velhice, os milagres, ou seja, os grandes lances do futebol.

O eu do cronista afirma que, dada sua idade, só lhe cabe rever as lembranças do futebol. A partir de um enfoque, é possível associar tal afirmação à crônica “Adoradores da bola”, em que Paulo Mendes Campos representa a intensidade de se viver o futebol, praticando-o e amando-o no cotidiano, da infância à velhice, e ao “Já vi, vivi, sofri e morri o futebol”[204], comentado há pouco: depois de vivida a experiência, só resta ao torcedor relembrar o vivenciado, rememorar. Por outro enfoque, vê-se que a visão do esporte, em “Descanso de futebol”, é menos entusiástica que em outras crônicas. Se o torcedor não quer esperar por um milagre maior no futebol, se já viu o futebol, como se confirma no excerto da crônica, pode-se pensar que o futebol já não é mais o mesmo.

O sofrimento de torcer e as poucas expectativas em relação ao esporte, no entanto, não são os únicos fatores da prática de torcedor comentados no texto. Numa imagem grandiloqüente do cronista, o prazer de ser torcedor: “conheço

---

[202] Ibid., p. 71.
[203] CAMPOS, op. cit., p. 72.
[204] Ibid., p. 71.

bem a experiência calorosa de sentir-me uno e soldado à alma da multidão”[205]. A atividade de torcer é representada no texto, a partir de uma perspectiva intimista, como uma ligação tão intensa que se aproxima da ligação espiritual, da adoração – de forma parecida com o que ocorre na crônica “Adoradores da bola”, em que Campos associa a paixão pelo futebol a um culto religioso, e em “O Botafogo e eu”, que alude à superstição na relação cotidiana homem-futebol.

Sentindo o torcer como uma experiência mística e cotidiana, o torcedor de longa data acredita ser pouco adequado, na sua idade, continuar com isso: “Na idade magoada em que me encontro, torcer como se deve torcer, com o desvario da alma toda, seria um despudor”[206]. Mais do que uma prática social, do que uma atividade rotineira, o torcer assume um significado ritualístico na crônica. O cronista, assim, registra, por meio de imagens plurissignicativas, a atuação do homem como espectador envolvido com o futebol:

> Vivi até onde pude minhas tardes olímpicas e minhas noites de dança ritual ao pé do fogo. Retiro-me com a sensação saciada de que cumpri o dever para com a tribo e não driblei o meu destino.[207]

As partidas e tudo o que envolve o torcer antes, durante e depois dos jogos, especialmente o vivenciado pessoalmente, na arquibancada, são situados na crônica como um conjunto de ritos de um cerimonial. Quando as tardes de jogos são chamadas de olímpicas, a referência é às Olimpíadas, em sua origem competições esportivas disputadas em homenagem aos deuses. Quando o comentário é sobre jogos noturnos, Campos arquiteta a idéia do jogo como o fogo em torno do qual os torcedores fariam uma performance sagrada. Símbolo da alma, da divindade (fogo eterno), da ligação entre homens e deuses, da inspiração, da criação humana e de purificação, o fogo é associado ao futebol. Este, no centro do estádio, em torno do qual um anel – as arquibancadas – de pessoas vibra com as partidas. Certa catarse nos torcedores propiciada pelo futebol e a noção de adoração já comentada explicam a metáfora elaborada pelo cronista ao falar das partidas nas quais o velho homem exercitou a torcida, a qual é reforçada pela identificação do eu do cronista como membro de uma tribo, para com a qual cumpriu o dever. A tribo, os torcedores; o dever, torcer nos jogos de futebol. União,

---

[205] Ibid., p. 72.
[206] CAMPOS, op. cit., p. 72.
[207] Ibid., p. 73.

sociabilidade, identidade social e mesmo devoção são os ângulos pelos quais é visto, nessa crônica, o exercício de torcer.

Pode-se ainda observar, na crônica, de que maneira o futebol é observado pelo cronista. Conforme já comentado anteriormente, esse esporte, nesse texto, é principalmente tido como um espetáculo análogo à vida, que oferece vitórias e derrotas, dor e prazer. Para Murilo Machado, é peculiar ao futebol

> [...] o fato de sua dinâmica determinar que os atores estejam submetidos à imponderável possibilidade do sucesso ou do fracasso, da vitória ou da derrota, dentro do "jogo", da realização e da frustração. E esta "imponderabilidade" ocorre num nível lógico muito próximo ao da "realidade" da vida cotidiana, principalmente ao da realidade brasileira.[208]

Também já foi comentado que há um significado místico e ritualístico dado ao futebol. Ademais, o esporte é apresentando como um drama, já não mais desejado pelo eu do cronista: "não quero mais exercer o pileque dionisíaco da vitória e nem a ressaca autopunitiva da derrota"[209]. A metáfora do exercício de torcer traz o conceito de futebol como confronto dramático que propicia a euforia da vitória e a dor "autopunitiva" da derrota, em que as ações geram uma ou outra, mas paira sobre o espetáculo a força da sorte, de um *Deus ex machina* que faz com que as situações sejam demudadas, resolvidas, invertidas. Isso se confirma em outros trechos da crônica; em um deles, o eu do cronista admite que "as possibilidades de uma partida qualquer são infinitas"; em outro, afirma que "a mágica pode ganhar da lógica".

A noção de uma intervenção ilógica que resolva a situação de um time ou complique a de outro numa partida de futebol – um "fator" sorte – conjuga-se bem com a idéia do improviso. O quê pode acontecer de repente e modificar os rumos do embate esportivo é associado pelo eu do cronista, via metáforas, à música feita de improviso, especialmente o *jazz*: "vi maviosos conjuntos sinfonicamente arranjados, e vi o *jam-session* das improvisações talentosas"[210]. As partidas seriam conjuntos harmônicos de fazer futebol e sessões de lances habilidosos dos jogadores. Por outro enfoque, pode-se entender que há certo sentido de arte dado ao referido esporte, nesse trecho e também no momento em que o eu do cronista

---

[208] MACHADO, Murilo d'Almeida. *O êxtase no futebol: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais.* Tese de doutorado. Campinas: [s.n], 2005, p. 225.
[209] CAMPOS, op. cit., p. 72.
[210] Ibid., p. 72-73.

chama sua atividade de torcedor de “contemplação futebolística”[211]. Associar esporte à arte é pensar não só na plasticidade dos movimentos do jogo, mas também nos significados simbólicos evocados por sua dinâmica e por características como imprevisibilidade e *performance*.

A contemplação do esporte, indicada na crônica, dá-se para o eu do cronista num grau tão íntimo e emotivo que este afirma ser o futebol parte de sua vida, seu caminho inexorável:

> Meu destino era amar o futebol. Amei-o. Desde criancinha, quando espiava da lonjura da janela a bola que dançava no capim do clube aldeão. Até hoje, não é o perfume de *aubépine* ou de qualquer outra planta altiva que me proustianiza; é o aroma rasteiro da grama que me espacia [212].

O fatalismo latente, a imagem da bola “dançando” no gramado de um clube periférico, a memória da infância e olfativa, a sinestesia da tranqüilidade sentida com o passeio pela lembrança a partir do cheiro da grama (também metáfora para o futebol) e a expressão do interior do “eu” conferem mais lirismo à crônica. Luzia Tofalini explica que

> Na narrativa poetizada, [...] o discurso é narrado à luz da interioridade do narrador. Essa interioridade é dominante e não pode ser dissociada da instância narrativa. Dessa forma, o mundo narrado configura-se no mundo do "eu". É que a ótica pela qual o ser percebe o mundo, e pensa a existência, passa necessariamente por um mergulho na própria interioridade, que funciona como prisma. O discurso, desse modo, não pode deixar de estar completamente impregnado das cores individuais do poeta.[213]

Entre o que a pesquisadora chama de “cores individuais do poeta”, além do lirismo, é perceptível a nostalgia, nesse trecho e no texto como um todo, nostalgia que aparece freqüentemente na produção de Paulo Mendes Campos e que se caracteriza, nesta crônica, pelo saudosismo de lances e ídolos esportivos e pelo pessimismo, no presente. Esse pessimismo tem um tom ofendido; é viável depreender que a idade não permite mais, ao eu do cronista, torcer como ele fez

---

[211] Ibid., p. 72.
[212] CAMPOS, op. cit., p. 73.
[213] TOFALINI, Luzia Aparecida Berloffa. A arte de dizer e silenciar: dialética-gênese da prosa poética. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna*, [S.l.], ano 3, n. 5, 2. sem. 2006. Disponível em: <http://www.letramagna.com/dialetica.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2007.

cotidianamente durante toda a vida e que isso lhe traz nostalgia e certo ressentimento.

Tais sentimentos podem ser observados na frase inicial da crônica "Eu devia ou pelo menos merecia estar aposentado" [214], ou em "Hoje prefiro e só me cabe rever as fitas da lembrança[215]"; ou ainda em "Na idade magoada em que me encontro, torcer como se deve torcer [...] seria um despudor"[216], ou "Vivi até onde pude minhas tardes olímpicas[217]". Em outros trechos, o pessimismo fica mais claro: "já testemunhei os milagres todos que podiam acontecer em campo. Vi nessa longa temporada lances magistrais que possivelmente não se repetirão nos dias de minha vida"[218]; e no momento em que o eu do cronista diz que "em matéria de contemplação futebolística, minhas chances de novidade e plenitude são mínimas"[219].

Novamente, a crônica indica uma mudança no futebol, pois se as chances de novidade e plenitude do eu do cronista em relação ao futebol são pequenas, é porque o futebol já não é mais o mesmo, o que fica mais claro nas crônicas "O gol é necessário" e "Nostalgia", analisadas na seqüência.

Na crônica de Paulo Mendes Campos examinada nesta subseção, um texto nostálgico e marcadamente lírico, destacam-se o trabalho com a linguagem; a recriação do cotidiano pela memória do sujeito; a interiorização da expressão da forte relação afetiva com o futebol e a apresentação deste como drama e espetáculo, capaz de exercer um poder quase religioso sobre seus apreciadores, mas que apresenta sinais de mudança.

3.6 "O GOL É NECESSÁRIO" E "NOSTALGIA"

O futebol oferece entretenimento ao torcedor, que espera não só a vitória, mas ver lances interessantes e gols; "no futebol, o gol é o pão do povo"[220] – assim começa a crônica "O gol é necessário". Nesta e em "Nostalgia", crônicas que

[214] CAMPOS, op. cit., p. 71.
[215] Ibid., p. 72.
[216] Ibid., p. 72.
[217] Ibid., p. 73.
[218] Ibid., p. 72.
[219] Ibid., p. 72.
[220] Ibid., p. 21.

se assemelham a ensaios, mas subjetivos, há um posicionamento do cronista contra a “nova escola”[221] do futebol, que privilegia o esquema defensivo e a força física dos jogadores: “o torcedor não mudou, continuando como sempre com fome de gol: mudou o futebol. Vai-se tornando avaro esse esporte” [222].

A avareza comentada se refere às transformações no estilo de jogar promovidas no Brasil a partir do final da década de 1960, visto que, segundo o sociólogo Francisco Xavier F. Rodrigues,

> O estilo brasileiro de jogar entra em crise a partir das últimas décadas do século XX, quando o processo de modernização e comercialização do espetáculo futebolístico implica [...] mudar-se a forma de jogar futebol, [...] baseado na aplicação tática e na preparação física, em detrimento da habilidade, magia, ginga. A preparação física é intensificada, formando jogadores mais fortes do que habilidosos. O polêmico debate entre futebol-arte e futebol-força divide os especialistas no assunto, criando correntes antagônicas.[223]

As correntes antagônicas de que fala Rodrigues se mantêm na atualidade: de um lado, aqueles que defendem o futebol-força, ou futebol-tático, tido como o estilo europeu de jogar[224]; de outro, os que defendem o futebol-arte, consagrado como o futebol brasileiro[225]. Na crônica “O gol é necessário”, os jogadores, comissão técnica e administradores do futebol são criticados por adotarem o futebol-força, pois este seria retraído.

> [...] todos eles se batem com unhas, dentes e risquinhos no quadro-negro pelo futebol das trincheiras, à base de contra-ataques, o futebol sem a mácula do gol, amarrado, aferrolhado, no qual os jogadores não devem jogar propriamente, mas construir um muro onde a bola chutada pelo adversário repique e retorne: uma nova modalidade da pelota basca com frontão.[226]

É fácil perceber a aversão do cronista ao futebol-tático, que ele considera um futebol de trincheiras, cujos jogadores formam um muro, em oposição a um futebol de investidas e de jogadas habilidosas. Em outros trechos de “O gol é

---

[221] CAMPOS, op. cit., p. 89.
[222] Ibid., p. 21.
[223] RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 11, 2004, p. 277. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 maio 2007.
[224] RODRIGUES, F. op. cit., p. 277.
[225] Ibid., p. 277.
[226] CAMPOS, op. cit., p. 21.

necessário", isso é reforçado: ao falar de "futebol moderninho"[227], o cronista usa o diminutivo num sentido pejorativo; uma série de imagens da "perfeição negativa: o marcador em branco, o plano da alimentação popular sem alimento, o jardim sem plantas, o viveiro sem passarinhos"[228]; a irônica alusão aos esquemas táticos defensivos "o 5-4-1, o 5-5-0..."[229]. A modernidade no futebol não é vista de forma positiva pelo cronista.

Em "Nostalgia", uma interessante relação intertextual atesta essa desconfiança em relação à modernização do esporte.

> O futebol de hoje tem certa monotonia de repartição pública. Os jogadores assinam o ponto, cumprem o regulamento, respeitam o Sr. Diretor, desempenham suas obrigações elementares durante noventa minutos de expediente. [230]

A intertextualidade é com versos do poema de Manuel Bandeira, "Poética", em que o lirismo tradicional é criticado por não ser espontâneo. Enquanto a tradição literária, a que se opõe Bandeira, não oferecia liberdade nem espontaneidade para o poeta, é a modernidade no futebol que não oferece isso ao jogador e, conseqüentemente, ao torcedor. O "novo" futebol seria monótono, previsível e pouco artístico, características consideradas reprováveis, ironizadas e contestadas nas duas crônicas de Paulo Mendes Campos, assim como os atores desse processo.

O técnico de futebol é o que sofre mais críticas nas duas crônicas. O cronista assume a postura de torcedor entendido, habilitado a reprovar as atitudes e decisões de um profissional no comando de um time. No cotidiano, isso é comum; assim, pode-se dizer que o discurso das duas crônicas figuram como recriação do discurso das interações sociais cotidianas que tematizam o futebol e nas quais os torcedores sentem-se autoridades no assunto. De forma semelhante ao dia-a-dia das conversas dos apreciadores de futebol, o técnico é desaprovado, pois o eu do cronista, ironicamente, comenta em "O gol é necessário" que o "técnico não precisa, e nem é aconselhável, entender de futebol: preferível que seja um duro mestre pedreiro, capaz de construir em campo o muro que impeça a bola de passar"[231]. A

---

[227] CAMPOS, op. cit., p. 22.
[228] Ibid., p. 22.
[229] Ibid., p. 22.
[230] Ibid., p. 89.
[231] Ibid., p. 21.

imagem do pedreiro que constrói o muro (este aparece novamente) é significativa para ilustrar a animosidade em relação ao futebol-força e a quem o comanda – o treinador.

Ainda na mesma crônica, os técnicos de futebol são chamados de "generais dessa batalha sem tiros". De acordo com o sociólogo Waldenyr Caldas, durante a ditadura no Brasil, mais especificamente a partir do Campeonato Mundial de 1978, começaram "a surgir no linguajar futebolístico brasileiro alguns termos até então mais familiares ao universo militar. [...] expressões como "canhão", "tanque", "tiro", "explosivo", "batalha" etc., passam a se popularizar na linguagem cotidiana do torcedor"[232]. Na crônica, há o uso proposital desse linguajar no sentido de opor-se ao esquema rigidamente defensivo, justamente abonado pelo comando militar da seleção brasileira à época. Já na crônica "Nostalgia", os técnicos de futebol são responsabilizados pela monotonia do futebol: "o primeiro tempo é chato, o segundo tempo melhora. Por quê? Porque o primeiro tempo, invariavelmente, é jogado pelos dois técnicos dos dois times"[233]; o jogo passa a ser visto como "noventa minutos de expediente"[234]. O futebol "moderninho" e seus comandantes são sumariamente reprovados nas duas crônicas.

Os jogadores de futebol também não escapam às desaprovações do cronista, mas são apresentados como vítimas do processo, visto que, "reduzidos à condição de tijolos e reboco, não precisam ter habilidade: preferível que sejam uns manguarões quadrados, limitando com abundância de espaço material as possibilidades de penetração da bola"[235]. A crítica é à opção pelo treinamento de atletas para que estes atinjam alto nível de preparo físico e massa muscular avantajada; a imagem de "tijolos e reboco" mostra que o cronista julga pouco habilidoso esse tipo de jogador de futebol. No entanto, é justamente o jogador que se consolidou no futebol nas últimas décadas. Conforme Francisco Rodrigues, isso ocorreu em função de se buscar no Brasil

> [...] um alinhamento com os padrões de formação no futebol mundial, padronizando os métodos e técnicas. Estes são elementos da modernização pela qual passa o nosso futebol, e foram proporcionados por parcerias entre os clubes e as empresas. Pode-se pensar esses centros

[232] CALDAS, Waldenyr. *Temas da cultura de massa:* música, futebol, consumo. São Paulo: Arte e Ciência, 2000, p. 146.
[233] Ibid., p. 89.
[234] CAMPOS, op. cit., p. 89.
[235] Ibid., p. 21-22.

> como verdadeiros laboratórios de formação e preparação de atletas, implementando uma nova concepção de futebol competitivo [...] a consolidação do jogador-máquina, produto do esquadrinhamento do corpo do atleta por intermédio da ciência esportiva[236].

Rejeitando a tendência que vinha a se confirmar no treinamento dos atletas do futebol brasileiro, as duas crônicas valorizam o futebol-arte como o ideal, com o qual o eu do cronista se identifica como torcedor e apreciador. Em "O gol é necessário", o comentário final é sobre a seleção húngara de futebol, famosa na década de 1950 pelo seu "conjunto ofensivamente elástico"[237], que "ensinou de novo ao mundo que o gol é a alegria do povo"[238]. Também o Santos Futebol Clube, time de São Paulo, é elogiado pelo eu do cronista. A alusão é à época em que Pelé jogou no time (1956-1974): "Pouco depois o Santos [...] deixou de ser apenas o clube da Vila Belmiro para virar o clube à parte no carinho de todos os brasileiros fiéis ao futebol produtivo mas bonito"[239]. Em "Nostalgia", o comentário que encerra a crônica se refere ao futebol jogado pelos atletas e não pelos técnicos: "Aí, existe realmente um pouco de futebol à maneira antiga, isto é, futebol invenção e amor..."[240].

Fica nítida a oposição entre futebol-força e o futebol-arte, aquele sendo criticado e este valorizado. Pode-se depreender dos dois textos, das imagens e afirmações, a identificação do cronista com o estilo do esporte que se caracteriza por um número elevado de gols e lances habilidosos e certa nostalgia ao referir-se a esse estilo, sentindo a propensão do futebol brasileiro a buscar igualar-se, em termos técnicos, ao futebol estrangeiro, sobretudo o europeu.

Além disso, os comentários irônicos, ora distanciados, ora emotivos, sobre os dois estilos de se jogar o esporte são próximas, nas crônicas, à situação comum das conversas sobre o assunto, em que os torcedores falam a respeito de futebol. Nessas interações sociais, são proferidos opiniões e julgamentos sobre os jogos, atletas, lances, técnicos e suas atitudes, estilos de jogo, dirigentes, torcidas, sentimento de pertencimento a seus clubes, seleções e sobre outros tantos assuntos que podem surgir a partir do universo futebolístico. As duas crônicas, então, recriam

---

[236] RODRIGUES, F. op. cit., p. 279-281.
[237] CAMPOS, op. cit., p. 22.
[238] Ibid., p. 22.
[239] Ibid., p. 22.
[240] Ibid., p. 90.

o que Umberto Eco chama de “falação esportiva” [241], “matéria-prima de interações de sociabilidade [...] por todo o país” [242].

[241] ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 221.
[242] GASTALDO, 2006, op. cit., p. 5.

4 JOSÉ ROBERTO TORERO – A CRÍTICA BEM-HUMORADA

Escritor, jornalista e cineasta, José Roberto Torero Fernandes Júnior nasceu em Santos, SP, em 1963. Em 1982, mudou-se para São Paulo a fim de estudar na USP. Formou-se em Letras no ano de 1985 e Jornalismo em 1986. Também iniciou o curso de Cinema e o Mestrado em Cinema, nos anos de 1986 e 1993 respectivamente, os quais não concluiu.

Torero estreou na literatura com o romance *Galantes Memórias e Admiráveis Aventuras do Virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça*, em 1994 (Companhia das Letras), obra pela qual recebeu os prêmios Aplub (1994) e Jabuti (1995). Em 1995, passou a escrever crônicas para o *Jornal da Tarde* e para a revista *Placar*, veículos com o quais colaborou até 1997 e 1998, respectivamente. Desde 98, escreve crônicas sobre futebol para a *Folha de São Paulo*. Mantém ainda o *Blog do Torero*, no portal UOL, em que comenta sobre o esporte.

Seu trabalho no cinema também foi iniciado na década de 1990. Dirigiu seis curtas-metragens e um filme, escreveu roteiros para cinco curtas e dois longa-metragens. Tem três peças de teatro já encenadas e colabora para a televisão desde 2000, quando fez os roteiros do *Retrato Falado*, exibido no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão.

José Roberto Torero tem ainda outros treze livros publicados: um romance histórico, o *Terra Papagalli* (Companhia das Letras, 1997), um romance para a Coleção Plenos Pecados, *Ira - Xadrez, truco e outras guerras* (Objetiva, 1998), um romance político, *Os vermes* (Objetiva, 2000) e um livro de contos, *Pequenos Amores* (Objetiva, 2003). Em parceria com Marcus Aurelius Pimenta, ele escreveu uma obra sobre o Santos Futebol Clube, *Santos, um time dos céus* (DBA, 1998) e *Futebol é bom pra cachorro* (Panda Books, 2002). Escreveu ainda o *Dicionário Santista* (Ediouro, 2005) e quatro livros infanto-juvenis (todos publicados pela editora Objetiva entre 2004 e 2007).

As crônicas de futebol escritas por Torero foram selecionadas e reunidas em livro – *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso* (Objetiva, 2001) e *Zé Cabala e outros filósofos do futebol* (Objetiva, 2005). Para o primeiro livro, Marcus Aurelius Pimenta selecionou 32 crônicas, as quais foram revisadas pelo

autor[243]. No caso do segundo livro, foram escolhidas as crônicas em que aparece o personagem Zé Cabala, um paranormal que tem contato com jogadores de futebol já falecidos. Pimenta informa que seguiu três critérios para a seleção dos textos do livro de 2001:

> [...] a primeira (mais lúdica, mas não menos importante) foi escolher os que mais me divertissem. A segunda, um tanto mais técnica, foi encontrar crônicas que superassem a natureza efêmera da redação jornalística [...] A última foi privilegiar algumas experiências formais pouco comuns no jornalismo esportivo [...] tudo amarrado pelo fio da digressão cômica.[244]

É interessante perceber, nas palavras do organizador em relação à escolha dos textos, a relevância dada a características valoradas pela crítica literária no gênero crônica, como o humor, a superação do factual e a inventividade formal. Percebe-se ainda a visão de que as crônicas sobre futebol de Torero apresentam essas características, o que se confirma no trabalho analítico efetivado neste capítulo.

4.1 "DIZE-ME QUEM ESCALAS E TE DIREI QUEM ÉS"

Um time de escritores é escalado pelo cronista: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Nelson Rodrigues, Padre Antônio Vieira, Gregório de Matos, Mário de Andrade, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Oswald de Andrade e Graciliano Ramos. A crônica é a escalação em si, mas comentada, a qual é feita com base em características de estilo e/ou personalidade de cada um dos literatos. Com esse procedimento, o cronista apresenta ao leitor seu cânone particular e, ao mesmo tempo, seu time ideal.

O provérbio latino "dize-me com quem tu andas e te direi quem és" é alterado em favor de designar a identificação de um torcedor de futebol a partir dos jogadores os quais ele escalaria para uma seleção ideal. A crônica é iniciada com

---

[243] PIMENTA, Marcus Aurelius. Advertência. In: TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 7.
[244] Ibid., p. 7.

explicação semelhante: “A seleção de cada torcedor funciona como uma espécie de espelho”[245].

O apreciador do esporte apresenta, comumente, um comportamento de autoridade no assunto, ou especialista, conforme sugeriu em um de seus trabalhos o antropólogo Luis Henrique de Toledo[246]; sentindo-se dessa maneira, o torcedor, além de comentar jogos e atitudes dos profissionais, também se coloca ou se imagina como técnico, selecionando atletas para um time que considera bom. O sociólogo Édison Gastaldo explica o forte envolvimento do torcedor em relação ao futebol: “Ser torcedor é estar sujeito aos fatos do jogo, é colocar-se pessoalmente em jogo”[247].

A postura de torcedor, que tende a comentar, analisar e criticar o futebol, fica clara em todos os textos de Torero analisados neste trabalho, pois o cronista elabora os textos visando à crítica e à reflexão acerca do esporte, mas é patente o apreço pelo futebol, visto que o olhar não é distanciado; a ligação subjetiva, emocional, é demonstrada seja no desejo de um futebol mais ético, seja na nostalgia de um futebol jogado com afeto e arte.

Estando a subjetividade envolvida, uma escalação apresentaria, segundo a crônica, traços pessoais de quem a fizesse. Sendo assim, as características do time “formado” pelo torcedor são apontadas, no texto, como índice de sua personalidade, pelo menos do que diz respeito às decisões que tomaria como treinador. Na crônica, há exemplos disso:

> Assim, se ele escolhe um meio-campo formado por Dunga, Galeano, Mauro Silva e César Sampaio, fica evidente que se trata de um precavido, talvez até de um covarde. Por outro lado, se propõe um ataque com Rivaldo, Ronaldinho e Romário, estamos na frente de um ousado, de um destemido. Se a linha é Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, falamos com um saudosista, e se a defesa conta com Carlos Alberto, Figueroa, Domingos da Guia e Nílton Santos, estamos ao lado de um amante dos clássicos[248].

Na perspectiva de que a escalação de um time ideal reflete caracteres do “técnico”, o cronista busca apresentar-se ao leitor selecionando os componentes de um time. No entanto, o time formado não é de futebol, mas sim de

---

[245] TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 9.
[246] TOLEDO, op. cit., p. 278.
[247] GASTALDO, 2006, op. cit., p. 9.
[248] TORERO, op. cit., p. 9.

escritores, numa analogia entre escalação de atletas de futebol e eleição do cânone individual; escalação e exercício metalingüístico estruturam o texto. Essa associação permite pensar que, assim como um torcedor, por mais distanciado que tente ser ao comentar sobre o esporte ou ao imaginar e propor uma escalação, imprime traços pessoais, subjetivos, em seu discurso e opinião, também um indivíduo que comente o estilo/ a obra de um literato ou mesmo eleja um cânone não consegue ser totalmente objetivo e neutro em relação a suas preferências pessoais.

Dessa maneira, a crônica em questão, que conta com a escalação dividida em onze partes referentes a cada posição no campo, oferece ao leitor tanto a reflexão sobre a subjetividade da relação homem-futebol como da relação homem-literatura. A cada escritor escalado, a cada "jogador" indicado, há a indicação de seu estilo, num vocabulário próximo que pertence à esfera do futebol, mas faz alusão às características literárias e biográficas dos autores. A eleição de um cânone, então, não seria puramente científica, mas em grande parte vinculada às características daquele que a faz, assim como a escalação de um time feita por um torcedor.

A associação literatura e futebol também permite pensar ainda na noção de aproximação do futebol com a arte, no sentido de entender a habilidade de se jogar futebol ou mesmo o jogo em si como arte. Victor Andrade de Melo esclarece que

> As relações entre esporte e arte parecem comuns nos discursos. Constantemente, fazendo referências a peculiaridades de pelejas esportivas, ouvimos expressões como "a equipe joga por música", "o atleta pintou uma aquarela naquela jogada", "o time jogou como se coreografasse", "a disputa foi um verdadeiro filme em dois atos", "o jogador está fazendo cena, fazendo cinema".
> Imagens "artísticas" do esporte são fartamente reproduzidas durante anos. O comentário da população é geral. Até hoje se discute se valeu a pena termos ganho a Copa do Mundo de Futebol de 1994, com um futebol "feio" e de "resultados", comparando esta seleção a da Copa de 1982, que executava um futebol bonito, um "futebol-arte"[249].

A partir das definições estilísticas para os "jogadores-escritores", visualizam-se, no texto, o discurso sobre a literatura e sobre o futebol, as características valorizadas pelo cronista em literatos e nos atletas para cada função num time de futebol. Com base nisso e na idéia, apresentada no início da crônica e já comentada, de que a escalação refletiria a personalidade do "técnico" e, portanto,

[249] MELO, V., op. cit., p. 37.

seria uma relação subjetiva, é possível entrever o perfil do eu do cronista, leitor-crítico e torcedor, e sua visão do futebol como arte, além de um esporte técnico e tático. O primeiro nome é para a posição de goleiro, para a qual é eleito Carlos Drummond de Andrade:

> Um grande time começa por um grande goleiro. Drummond nasceu em Itabira, mas atuou longo tempo no Rio de Janeiro. Ele traz segurança e tranqüilidade para o resto da equipe. É elástico e seguro, dono de um estilo que marcou época e fez seguidores.[250]

Para o eu do cronista, um goleiro precisa dar segurança e tranqüilidade para a equipe; considera o estilo de Drummond seguro e flexível, o que se conjuga bem com a necessidade exigida pela posição. A elasticidade e a segurança do estilo literário de Drummond têm destaque, bem como a leveza e aparente simplicidade de Manuel Bandeira, escolhido para a posição de lateral direito. Nota-se a opinião de que um bom lateral direito seria aquele leve, criador de jogadas e que apóia o ataque, mesmo não tendo grande velocidade.

> O pernambucano merece a posição apesar dos problemas respiratórios. Lateral direito de inegável leveza, caracteriza-se por criar jogadas aparentemente simples, mas que só parecem tão simples porque ele faz um complexo trabalho para descomplicá-las.[251]

Érico Veríssimo e Nelson Rodrigues foram os eleitos para zagueiro central e quarto zagueiro, respectivamente. O primeiro porque "Central tem que ser gaúcho. Érico, além de ter nascido em Cruz Alta, é um beque polivalente: joga com qualquer tempo – e vento. Pode atuar com aspereza e rudeza, ou sair jogando com maleabilidade e graça"[252]. O segundo porque essa "é uma posição onde é proibido ter falsos pudores; tem que se chutar a bola para a arquibancada e, se preciso for, deixar o inimigo estatelado no chão com fratura exposta. É o caso de Rodrigues, um jogador de moral polêmica"[253]. A polivalência do primeiro, em razão das variações em seu estilo, e o polemismo do segundo, em vista de sua criticidade implacável, são pontos realçados no estilo dos dois literatos.

---

[250] TORERO, op. cit., p. 9.
[251] Ibid., p. 10.
[252] Ibid., p. 10.
[253] Ibid., p. 10.

De outra perspectiva, ao fazer referência à obra *O tempo e o vento* de Veríssimo e a traços do estilo literário dele, como aspereza e graça, a importância da versatilidade do central é enfatizada. Os caracteres do estilo rodrigueano que ficam claros – o não "ter falsos pudores", a hipérbole dramática de fraturar o adversário – apontam para a valorização da resistência a qualquer custo na prática dos zagueiros. Completando a defesa, o lateral-esquerdo escolhido é o Padre Antônio Vieira, visto que "traça caminhos tortuosos, mas sempre chega ao seu objetivo"[254]; uma referência ao estilo do autor também é feita, em sua relação com o Barroco e com a retórica. Um sistema defensivo que tenha polivalência e força é, então, o parâmetro apresentado na crônica.

O meio-campo do time escalado é composto por Gregório de Matos, médio volante, Mário de Andrade, meia-direita, e Machado de Assis, meia-esquerda. Pensando-se nas qualidades literárias salientadas, vêem-se a polêmica e a qualidade de surpreender da literatura de Matos; a versatilidade de Mário de Andrade, pesquisador e escritor, e a importância de Machado de Assis como cânone literário, escalado para ser a camisa dez do time, sendo que os dribles e o riso dele podem ser entendidos como a ironia deste autor. Em relação às qualidades técnicas para o futebol:

> Um bom cabeça-de-área tem que saber xingar a mãe do adversário de doze formas diferentes. Gregório conhece 118. Não é à toa que o apelidaram de Boca do Inferno. Perguntado sobre as violentas faltas que comete, diz que são para a glória de Deus, pois "quanto maior o meu pecar, maior a graça d'Ele em perdoar". Não raro, elabora firulas e gongorismos que surpreendem a torcida. [...]
> Um ponta-de-lança tem que ser ao mesmo tempo clássico e inovador. Mário consegue as duas coisas: sabe estudar o jogo e inventar lances com a mesma competência. [...]
> A nobre camisa dez não poderia ser vestida por outro. Excelente nos lançamentos em profundidade, é um especialista nos dribles sutis e no toque refinado[255].

O volante precisaria ter qualidade para defender e marcar, ou seja, atuar como meia defensivo. Essas habilidades se traduzem na aproximação da crítica corrosiva de Matos à violência verbal e física. O rebuscamento de sua linguagem é equiparado às firulas; logo, o volante é ainda apresentado, na crônica,

---

[254] TORERO, op. cit., p. 10-11.
[255] Ibid., p. 11.

como um jogador que tem a liberdade de fazer floreios com a bola em campo, sem efetividade da jogada.

A função ofensiva e criativa do meio-campo é colocada, pelo eu do cronista, nos pés dos meias laterais. No caso do meia-direita, a crônica prescreve que deve ser clássico e inovador, ou seja, ser racional em campo e também inventivo, em referência ao estilo de Mário de Andrade, visando a oferecer bons passes e lances. Usando traços estilísticos de Machado de Assis, é salientada a necessidade de o meia-esquerda criar as jogadas de ataque ou para o ataque, distribuindo a bola para os jogadores da frente. Para isso, um jogador com habilidade para lançamentos longos e dribles sutis.

Um ataque muito criativo, com um finalizador forte, é considerado ideal na crônica. Isso é perceptível na escolha do ponta-direita, Guimarães Rosa, do centroavante, Oswald de Andrade e do ponta-esquerda, Graciliano Ramos. A criatividade é válida para o futebol e também para a literatura: além de ficar clara a simpatia pelo denominado futebol-arte, jogado com habilidade e improviso, fica evidente a valorização da inventividade, da inovação, da imprevisibilidade e segurança de estilo de um literato. Vejam-se excertos da crônica:

> É um inventor. Guimarães cria dribles e ziguezagueia pelos campos gerais como ninguém. Seus lances são inesperados, como se ele sempre tivesse que criar um caminho próprio. Aprendeu tudo que sabe na várzea, mas seu jogo é universal. [...]
> Um centroavante deve ser imprevisível, e imprevisibilidade é a única coisa previsível em Oswald. Seu jogo é feito de toque curtos e dribles em pequenos espaços. [...]
> Vindo de Quebrângulo, Alagoas, este extrema-esquerda é dono de um estilo duro, sisudo e seco. O torcedor sempre pode esperar dele um jogo consistente e seguro. Odeia concentrações e pretende escrever um livro de memórias condenando essa prática[256].

As peculiares elaborações da linguagem de Guimarães Rosa são equiparadas a uma grande capacidade de driblar e de dar lances imprevistos, sugerindo-se as qualidades de um atacante. Do uso do julgamento da obra de Rosa como uma literatura universal que se erige do particular é possível depreender uma valorização da criatividade dos jogadores de várzea, do talento local. Criatividade, imprevisibilidade e a habilidade nas proximidades da pequena área adversária

[256] TORERO, op. cit., p. 11-12.

aparecem como imprescindíveis a um atacante; as características do estilo de Oswald de Andrade sublinhadas pelo eu do cronista reforçam essa concepção.

Em relação à posição mais à frente, adjetivos como duro, sisudo, seco, consistente, seguro, atribuídos no texto ao estilo de Graciliano Ramos, o centroavante do time, conotam uma preferência do eu do cronista por um jogador forte, resistente e preciso nessa função, como, nos últimos anos, estão sendo treinados e escolhidos os atletas[257]. Ainda há uma arguta crítica ao rigor disciplinar imposto aos jogadores: a referência à obra *Memórias do Cárcere*, de Ramos, insinua uma desaprovação às concentrações, considerando-as prisões. Tendo opinião semelhante, o sociólogo Francisco Rodrigues afirma que

> As concentrações podem ser entendidas como uma forma de controle total do atleta, implicam o domínio do corpo e da alma [...] Uma análise profunda desta questão pode levar-nos a entender que o jogador perde parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida, em detrimento do crescimento do controle que os clubes assumem sobre o mesmo.[258]

Foi possível averiguar que a crônica apresenta o cânone individual do eu do cronista e as características técnicas que seriam ideais para os atletas de futebol em cada uma das posições de um time, bem como um esquema tático que aparece como ideal ou, ao menos, de predileção do eu do cronista, e algumas opiniões dele acerca do futebol. Ademais, verificou-se o entendimento de que tanto a escolha de um time como de um cânone não é puramente técnica, envolve subjetividade, e de que o futebol se aproxima da arte nas habilidades necessárias e desejáveis para o apreciador, de acordo com o elaborado pelo cronista.

No cânone exposto na crônica, “seleção de imortais”[259] composta por escritores já falecidos, valora-se principalmente o literato que surpreenda e polemize, que seja inventivo, seguro e versátil e que apresente leveza e sutileza. Mesmo no caso do banco de reservas, assim chamado pelo eu do cronista por ser formado por escritores vivos, “Veríssimo, Ubaldo, Millôr e Fonseca”[260], permanecem as características que funcionam como critérios de eleição do cânone indicado no texto. A metalinguagem, nesse texto de Torero, constitui-se de um olhar do cronista tanto para o seu próprio cotidiano, a literatura, quanto para a literatura brasileira,

---

[257] RODRIGUES, F. op. cit., p. 281.
[258] Ibid., p. 292.
[259] TORERO, op. cit., p. 12.
[260] Ibid., p.12.

privilegiando os artistas modernos e modernistas. Vale frisar que a maioria dos literatos que figuram nesse cânone praticou o gênero crônica, como Drummond, Bandeira, Nelson Rodrigues, Mário de Andrade, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Luis Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro e Millôr.

No time ideal escalado no texto, vê-se a defesa formada por quatro jogadores; um meio campo cujo volante é predominante defensivo e os demais bons dribladores; um ataque inventivo, com um finalizador potente: é um 4-3-3 moderno, mas capaz de jogar o futebol-arte. A finalização moderna conjuga-se à inventividade, à criatividade e ao improviso dos jogadores, características do chamado futebol-arte. Conforme explicam o sociólogo Ronaldo Helal e o antropólogo César Gordon Jr.,

> Esse estilo privilegiaria o drible, o toque de bola, o improviso e a criatividade e ficou sendo denominado "futebol-arte" em contraste com um estilo que privilegia a força física e a aplicação tática, o chamado "futebol-força", praticado, em sua maioria, pelos clubes europeus. Essa distinção é "real" no imaginário coletivo do universo futebolístico.[261]

Por outro lado, se escalar uma seleção seria a melhor maneira de se apresentar ao leitor[262], porque a escalação – e o cânone – funcionaria como um reflexo da identidade do indivíduo, como o próprio título já indica, o eu do cronista identificou-se como um sujeito resguardado e precavido, mas que estima a criatividade e a força. Assim, é um leitor-crítico que aprecia a inventividade, a inovação e a polêmica na literatura. Ademais, suas preferências técnicas e táticas e fato de expressá-las o individualizam enquanto torcedor-crítico de futebol.

4.2 "SAUDADES"

Experiências rememoradas e reorganizadas no texto são partilhadas com o leitor nessa crônica. O eu do cronista revela que acordou com saudades e desfia lembranças da infância, da adolescência, de pessoas e atividades, de cheiros e sabores. Filtradas pelo tempo e pelo sentimento nostálgico do eu do cronista, elas

---

[261] GORDON JR., Cesar; HELAL, R. . Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (orgs.). *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 72.

[262] TORERO, op. cit., p. 9.

esboçam sua imagem como sujeito, sua vida cotidiana e sua opinião acerca das experiências humanas hoje e do futebol. O esporte entremeia as lembranças recuperadas da memória; destacam-se a presença dele no dia-a-dia do eu do cronista e as críticas à atual configuração dessa modalidade esportiva.

No início da crônica, é possível verificar a nostalgia que envolve a rememoração: “Hoje, estranhamente, acordei com saudades”[263]. A partir daí, atividades cotidianas do passado vividas pelo eu do cronista, pessoas com as quais ele conviveu, hábitos infantis, eventos comuns, objetos e situações são listados como motivo dessas saudades. Lembranças como essas presentificam o que o sociólogo Michael Pollak chama de elementos constituintes da memória: “Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”[264].

Nesse sentido, vêem-se no texto atividades habituais no passado, vividos pelo sujeito: “Senti saudades de jogar bolinha de gude, de empinar pipa, de descer escada sentado em tapete [...] de pegar jambolão”[265], “de ver mulheres de sombrinha em dia de sol [...], de jogar bola na rua até esfolar o dedão, de jogar na chuva, [...] de dormir depois do almoço”[266]; “de perguntar por que só o goleiro pode usar as mãos, de espiar escondido a empregada namorando escondido no portão, de usar fantasia no carnaval [...] de ter medo de cemitério [...] de molhar o biscoito no café com leite”[267]. A leveza da infância e a tranqüilidade de outros tempos são evocadas pelas lembranças; o futebol aparece como atividade corriqueira e prazerosa. É viável inferir, em vista da nostalgia e da criticidade presente, embora sutil, que essas atividades já não fazem mais parte do dia-a-dia dele e, provavelmente, de grande parte das pessoas.

Pode-se observar também a proximidade do eu do cronista com as pessoas de sua família – “Acordei com saudades [...] de nhoque feito pela avó, [...] de meu avô, [...] dos *shorts* de panos estampados feitos pela minha mãe”[268]; “saudade do barulho de batedeira de minha mãe [...], de ir aos jogos com meu pai,

---

[263] TORERO, op. cit., p. 149.
[264] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 201. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em 30 abr. 2007.
[265] TORERO, op. cit., p. 149.
[266] Ibid., p. 149.
[267] Ibid., p. 150.
[268] Ibid., p. 149.

[...] de ver os avós brigando e fazendo as pazes, [...] de briga de empurrão com meus irmãos [...] de ganhar dinheiro do meu avô para comprar figurinha de chapinha”[269]. Objetos e hábitos referentes aos familiares, seus comportamentos e as relações do sujeito com eles conotam a saudade das pessoas em si e das atividades com elas compartilhadas, que também fazem parte da memória, conforme Pollak:

> Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas*, *personagens.* Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa[270].

Fazem parte da memória, mas não mais do presente; a possibilidade do convívio e proximidade com os familiares e de atividades feitas com eles parecem distantes e menos possíveis na atualidade. Entre as lembranças, aparecem ainda lugares dos quais o eu do cronista sente saudades: “do pomar da casa ao lado” [271], “de rua de areia, [...] de quintal, [...] de casa com jardim”[272]. Segundo Pollak, os lugares também são elementos da memória, os “lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”[273]. E os hábitos sociais de um tempo em que a violência era menor: “[...] saudades [...]de ouvir alguém que eu nem conheço me dizer bom-dia, [...] de ir na praia à noite, de pôr cadeira na calçada, [...] saudade de porta aberta”[274]. Lugares, pessoas, hábitos, acontecimentos, objetos, cheiros e texturas são dispostos no texto com vistas a um objetivo, já que a memória é seletiva, de acordo com o sociólogo austríaco. Para ele, há seletividade do lembrado e “a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*”[275]*.*

É possível constatar isso na crônica: “Saudade do tempo que já foi. Saudade do que já fui”[276]. Por um enfoque, as lembranças da infância são

---

[269] TORERO, op. cit., p. 150-151.
[270] POLLAK, op. cit., p. 201.
[271] TORERO, op. cit., p. 149.
[272] Ibid., p. 149-150.
[273] POLLAK, op. cit., p. 201-202.
[274] TORERO, op. cit., p. 149-150.
[275] POLLAK, op. cit., p. 203.
[276] TORERO, op. cit., p. 151.

organizadas de modo a delinear a identidade do eu do cronista, cuja imagem do passado é construída como a de um sujeito o qual teve uma infância boa, tranqüila, inocente, com a família por perto, aproveitando as brincadeiras cotidianas, inclusive o futebol, as comidas e os lugares por onde passou. Em contrapartida, pode-se inferir que a imagem do presente já não apresenta essa tranqüilidade – um homem com menos cabelo, que provavelmente tem pouco contato com os familiares, não tem relações afetivas e momentos tão intensos e não tem mais as delícias que viveu quando mais jovem. Também se percebe nas lembranças da infância a recuperação de uma memória coletiva, de experiências vividas no passado por grande parte de uma geração. A memória colabora, então, para a construção identitária, como explica Michael Pollak:

> Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, [...] podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. [...] Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva.[277]

Por outro enfoque, há a crítica à atualidade, seja no que se refere a costumes, atividades e formas de relacionamento que se tornaram menos freqüentes, seja em relação ao futebol em si e sua configuração contemporânea. A rememoração de hábitos, acontecimentos e objetos relacionados ao futebol são dispostas visando a valorizar alguns aspectos do futebol no passado e a criticar certas mudanças ocorridas no esporte. Revelam-se saudades:

> [...] dos ataques com cinco jogadores, das bolas de capotão, dos torcedores com chapéu que chegavam de bonde, das camisas sem patrocinador, saudades de encontrar os jogadores do meu time na padaria [...] de chuteiras sem logotipo, de seleção sem logotipo, de jogador sem guarda-costas, de atacante com cabelo [...] de jogadores que não mudavam de clube [...] saudades do tempo em que futebol não era negócio.[278]

---

[277] POLLAK, op. cit., p. 204.
[278] TORERO, op. cit., p. 149-150.

O futebol ofensivo, em certa medida amador ou, pelo menos, sem uma dimensão mercadológica – assim visto pelo eu do cronista o futebol de décadas atrás – e os jogadores que permaneciam mais no país e mesmo nos times que lhes deram oportunidade são características valoradas na crônica. A tranqüilidade e mesmo a beleza da infância são colocadas lado a lado com essa feição do futebol de "antigamente". Da mesma forma que se pode inferir a imagem do eu do cronista no presente, é viável inferir o que é criticado no futebol atual: mais defensivo, transformado em mercadoria e produto midiático, cujos jogadores também são mercadoria e, por vezes, celebridades, que trocam de time constantemente e dificilmente permanecem no Brasil. Até a moda de raspar a cabeça, seguida por alguns atacantes, é criticada. É inevitável lembrar, com essa crônica, as palavras de Antonio Candido a respeito do gênero, que os textos "[...] não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social"[279].

É feita, logo, por meio da rememoração, uma oposição entre a boa vida de criança, tranqüila, e uma vida de adulto sem esse perfil. De forma análoga, constrói-se a oposição entre as experiências humanas e o futebol de outros tempos, mais inocente e belo para o eu do cronista, e o que se pode viver hoje e o futebol atual, para ele corrompido pelo mercado e pela mídia. A crônica expõe e conduz à reflexão sobre o fato de as relações terem se tornado distanciadas e as experiências mais virtuais, menos comunicáveis, como já apontava Walter Benjamin no início do século: "as ações da experiência estão em baixa"[280], visto que as pessoas se perdem "na freqüentação das cidades imensas, no emaranhado de suas relações inúmeras"[281]; o texto mostra ainda que o futebol contemporâneo tornou-se mais mercadoria e menos esporte.

4.3 "PORQUE ESTOU COM A MÃO ENFAIXADA"

[279] CANDIDO, op. cit., p. 9.
[280] BENJAMIN, op. cit., p. 198.
[281] BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. *Textos escolhidos* – Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas. São Paulo: Abril, 1980, p. 53.

O desejo pelo pentacampeonato de futebol e o favoritismo e derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1998 são ironizados nessa crônica. O texto é estruturado pela narração de um sonho, no qual se busca recriar a atmosfera de comemoração do título, conseguido, na realidade, só em 2002.

> Tive um sonho esquisito ontem: era uma manhã ensolarada e eu vinha a pé pela avenida Paulista, sentido Consolação-Paraíso. O silêncio era total, nenhum carro passava. Havia apenas papéis picados cobrindo o asfalto e bandeiras brasileiras penduradas nas janelas[282].

A ligação dos brasileiros com o futebol e deste com o sentimento de nacionalismo se revela na imagem das bandeiras brasileiras nas janelas e da rua vazia, com resquícios de festa, em plena segunda-feira. O eu do cronista narra seu espanto com o silêncio num dia que deveria ser de trabalho e trânsito e seu questionamento a um guarda de trânsito se era quarta-feira de Cinzas. A resposta de que era segunda-feira, 13 de julho de 1998, causou-lhe mais uma surpresa, bem como as indicações do motivo do silêncio nas ruas – uma faixa, na banca de jornais, em que estava escrito “2002 é hexa!” e a notícia de que “o Brasil havia vencido a França por 3 a 0 (gols de Ronaldinho, Roberto Carlos e Rivaldo). Fiquei tão atordoado que comprei todos os jornais e revistas”[283]. As manchetes desses veículos de comunicação, que fazem parte do sonho, são também registradas no texto, como se verá adiante. A compra de todas as fontes de informação disponíveis na banca pode indicar uma ironia à confiança das pessoas em relação ao que é divulgado na mídia.

O leitor recebe o esclarecimento, no início da crônica, de que os eventos narrados se tratam de um sonho. Dessa forma, inicia-se a ironia, pois, de acordo com Beth Brait, “no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica”[284]. Presume-se que o leitor saiba do anseio pelo pentacampeonato, da derrota da seleção brasileira no campeonato mundial de futebol em 1998 e de que isso originou uma série de polêmicas. O jogador Ronaldo entrou em campo com poucas condições de jogo, a seleção atuou apaticamente e a França venceu a partida final da Copa, em 12 de julho de 1998, pelo placar de 3 a 0.

---

[282] TORERO, op. cit., p. 15.
[283] Ibid., p. 15.
[284] BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica.* Campinas: UNICAMP, 1996, p. 50.

Um sonho em que o Brasil tenha sido vitorioso no citado campeonato exatamente pelo mesmo placar com que, na realidade, foi derrotado, é uma crítica à derrota da seleção e uma expressão de descontentamento do cronista como torcedor. Isso significa que, quando é criada, no sonho relatado, a inversão do resultado da Copa do Mundo de 1998 e das notícias, compõe-se a ironia como uma contradição de valor argumentativo, uma antífrase "textual" produzida "através de proposições que predicam um juízo de valor"[285].

A apreciação negativa feita a respeito da derrota brasileira no campeonato mundial sediado na França é baseada na idéia do sonho: os torcedores brasileiros sonhavam com o pentacampeonato naquele ano e a imprensa colocava o Brasil como favorito ao título. Apesar disso, a seleção anfitriã da Copa venceu, o que decepcionou o povo brasileiro. O favoritismo propalado pela imprensa e a relação em grande parte ufanista do povo com o futebol fizeram crescer a esperança e o anseio pelo quinto título mundial do esporte, que não veio. A plurissignificação da palavra sonho permite a ironia – o pentacampeonato, em 1998, ficou somente no desejo, foi apenas um sonho. O eu do cronista, ao narrar o final do sonho, reforça a ironia: depois de ler as manchetes dos jornais, ele deparou-se com Ana Paula Arósio querendo dar-lhe um beijo[286], algo que só poderia ocorrer em sonho. O título mundial, então, era tão certo quanto um beijo da jovem atriz num desconhecido e, mesmo assim, era esperado pelos brasileiros.

O cronista expressa ainda, com a elaboração irônica do texto, certo descontentamento enquanto torcedor. Dessa perspectiva, ele, como outros torcedores, buscava informações na imprensa, desejava que a seleção brasileira vencesse a Copa e transparência da imprensa e da comissão técnica quando da derrota da seleção. Como outros torcedores, o cronista tende a comentar a respeito do futebol, criticando, muitas vezes de maneira apaixonada, o que ele considera bom, incorreto ou indevido, especialmente após o selecionado nacional perder o principal título do esporte e havendo uma conduta tão polêmica de comissão técnica e mídia. O texto, então, pode ser visto como uma construção artística para representar o descontentamento dos torcedores e a avaliação de aspectos do futebol contemporâneo, como a influência da mídia e o desempenho de técnico e atletas.

---

[285] BRAIT, op. cit., p. 89.
[286] TORERO, op. cit., p. 16-17.

Assim, a crônica traz como ápice da crítica, o fato de a derrota ter desfeito o sonho brasileiro, assim como o despertador desfez o sonho na narrativa da crônica: no instante em que aconteceria um beijo de Ana Paula Arósio, “foi aí que o despertador tocou. Estou com a mão enfaixada por causa do soco que dei nele”[287]. Nesse trecho final do texto, é justificado o título da crônica; além disso, o susto e a raiva com que o cronista lida com o fato de o despertador tocar e interromper seu bom sonho representam a surpresa e o aborrecimento que significaram, ao torcedor, o Brasil não ter vencido o Campeonato Mundial de 1998 e isso não ter sido esclarecido, devido às questões políticas e econômicas que permeiam os eventos esportivos e sua cobertura pela imprensa.

A inversão de derrota em vitória é fortalecida pelas manchetes lidas pelo eu do cronista. Elas são parodiadas e surge o juízo acerca da imprensa pela sua atuação, especialmente na polêmica etapa final da Copa. A comissão técnica não esclareceu completamente o problema de saúde sofrido pelo atacante Ronaldo às vésperas do jogo final e a mídia, com informações desencontradas e reproduzindo por dias versões oficiais, centrou-se no caso do jogador. Assim, surgiu a impressão de que a derrota aconteceu em conseqüência apenas desse fato, de que houve venda do título e a mídia brasileira, num primeiro momento, de acordo com o sociólogo Édison Gastaldo, não admitiu a derrota e a atuação fraca da seleção como um todo[288].

A imprensa, desse modo, é alvo da crítica do cronista. São citadas, na narração do sonho, manchetes fictícias de treze jornais e três revistas, cuja citação parodia programas jornalísticos, de rádio e TV, em que são lidas ao ouvinte/espectador as manchetes dos principais jornais do país. Cada uma das manchetes é elaborada visando a parodiar, por sua vez, o que o cronista vê como o estilo dos veículos de comunicação, esses reais. A crítica se efetiva nas paródias por meio da sugestão de parcialidade dos veículos de informação, de fragilidade nas suas imagens e de visões restritas ou frívolas. A construção das manchetes é uma ironia que levanta dúvidas sobre as “verdades” criadas pela mídia, a exemplo do favoritismo do Brasil.

---

[287] TORERO, op. cit., p. 17.

[288] GASTALDO, Édison Luis. Narrando o Fracasso; A locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. *Anais do 24. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, *Campo Grande/MS, setembro 2001.* São Paulo: Intercom, 2001. CD-ROM.

As duas primeiras manchetes são de jornais estrangeiros: "*The New York Times*: Um tal de Brazil vence uma tal de Copa. *Le Monde*: Selvagens brasileiros atrapalham trânsito na Champs Elysées"[289]. O texto atribuído ao jornal americano *The New York Times* demonstra a opinião de que há desprezo da imprensa americana a respeito do que se passa no restante do mundo em razão de certo etnocentrismo. Já o texto atribuído ao periódico francês faz referência à pretensa civilidade e etiqueta francesa em oposição aos "maus modos" dos estrangeiros. A crônica confere a americanos e franceses as características de etnocêntricos e esnobes, respectivamente; a sinalização irônica é bem-sucedida porque tais qualificações fazem parte da imagem que muitos estrangeiros têm desses povos. O contexto compartilhado é importante para a construção do sentido da ironia, pois, segundo Linda Hutcheon, "a ironia envolve as particularidades de tempo e espaço, de situação social imediata e de cultura geral"[290].

Os demais veículos de comunicação que têm seu estilo parodiado na crônica são brasileiros. Assim como no caso das imagens nacionais a que se referem as duas manchetes sobre as quais se comentou acima, o contexto compartilhado facilita a construção do sentido irônico – e com humor, provocado pela ridicularização dos periódicos, da imprensa e da seleção brasileira – em vista de ser necessário conhecer, mesmo que superficialmente, ou os veículos citados no texto ou as personagens e situações aludidas. No seguimento da crônica, as primeiras manchetes de jornais brasileiros:

> *JB*: Seleção de FHC dá show em Paris.
> *O Dia*: Servidores têm feriado por causa da Copa.
> *Folha*: (Ao lado de um gráfico) Brasil vence com 88% de passes certos.
> *O Estado de S. Paulo*: Brasil é penta, mas MST saqueia mercados.[291]

A manchete do *Jornal do Brasil* parodia uma possível tendência política para a direita do veículo que tem como público a elite carioca. A manchete também indica a tentativa de mostrar Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil na época, como aquele que encarna a própria nação brasileira. O jornal *O Dia* tem enfatizado na crônica o caráter tradicionalmente popular de seu conteúdo, direcionado à classe trabalhadora, como se pode perceber na notícia em destaque,

---

[289] Ibid., p. 16.
[290] HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 135.
[291] TORERO, op. cit., p. 16.

que os servidores têm feriado por causa da Copa, e a importância que o futebol tem para os brasileiros, que param ou desaceleram suas atividades para acompanhar seu selecionado ou seus times.

Jornal paulista de grande circulação, a *Folha de São Paulo* tem parodiada a sua orientação editorial, que se pretende analítica e imparcial, e os infográficos que marcam suas matérias desde a década de 90; por isso, a descrição de um gráfico e a manchete que salienta dados estatísticos da partida final da Copa de 1998. Também alvo do cronista, a linha neoliberal de *O Estado de S. Paulo* é criticada; mesmo com o campeonato mundial de futebol o assunto com a maior cobertura da mídia, *O Estado* daria ênfase à repreensão a ações do MST. Outros jornais também são alvos do cronista:

> *Notícias populares*: Brasil esquarteja França [...]
> *Gazeta Mercantil*: Penta aquece varejo.
> *Correio Braziliense*: FHC dará medalhas aos campeões.
> *A Tarde*: ACM saúda os campeões![292]

O jornal *Notícias Populares*, que circulou entre 1963 e 2001, ficou conhecido pela linguagem agressivamente informal e pelo sensacionalismo. São justamente essas características as parodiadas com o verbo “esquartejar” associado ao jogo final da Copa. É interessante pensar ainda na ironia que marca essa manchete, pois se pode dizer que, ao invés de o Brasil “esquartejar” a França, ocorreu justamente o contrário. O *Gazeta Mercantil*, jornal de circulação nacional essencialmente econômico, é ironizado por ver os fatos somente do ângulo financeiro – a influência do título mundial no comércio; ressalte-se a alusão crítica ao uso do futebol pelo mercado. O *Correio Braziliense*, jornal de Brasília antes de 1994, tinha o rótulo de aliado ao governo; após uma mudança na linha editorial ocorrida a partir de 1994, sendo então propagada independência editorial. A manchete que se coloca sugere a fragilidade na imagem do veículo ao dar realce à atitude do presidente e não à Copa. Sugestão semelhante é feita ao jornal *A Tarde*, de Salvador, cuja imagem de imparcialidade – em oposição ao jornal da família do político baiano – também é alfinetada pela ênfase dada a Antônio Carlos Magalhães.

O suposto bairrismo dos naturais do ABC paulista, dos gaúchos e dos mineiros e de seus periódicos é a razão para a brincadeira feita nas manchetes

---

[292] TORERO, op. cit., p. 16.

atribuídas aos veículos desses locais: "*Diário do Grande ABC*: Denílson, o gênio de Diadema, leva Brasil à vitória. *Zero Hora*: Dunga, o gênio do Rio Grande, leva Brasil à vitória. *Estado de Minas*: Mesmo no banco, Dida leva Brasil à vitória"[293]. A estrutura das duas primeiras manchetes é a mesma e a terceira é bastante semelhante. O meia-esquerda Denílson de Oliveira Araújo, nascido em Diadema, foi convocado para o Mundial de 98; o gaúcho Dunga – Carlos Caetano Verri – atual treinador da Seleção Brasileira, era, em 1998, jogador da seleção; e Dida – Nelson de Jesus Silva – foi o goleiro reserva da seleção na Copa daquele ano. A caracterização dos dois primeiros como gênio e dos três como os responsáveis pela vitória do Brasil, mesmo estando Dida no banco de reservas, dá forma à ironia relacionada ao contexto cultural em que as pessoas das citadas regiões são vistas como bairristas.

Algumas revistas brasileiras não escapam à paródia: "*Veja*: Torcida de Abílio Diniz leva o Brasil à vitória. *Caras*: Vera Loyola e Narcisa Tamborideguy comemoram título na Ilha de Caras [...] *Playboy*: Suzana Werner: a loiraça do penta!"[294]. A linha editorial considerada neoliberal da revista *Veja* é associada ao empresário Abílio Diniz por construção sintática e semântica parecida ao das manchetes que ironizam o presumido bairrismo de periódicos: a torcida do empresário, ou seja, a classe empresarial e de direita, é que teria levado o Brasil à vitória. No caso das outras duas publicações, o tom é de brincadeira com relação à linha editorial. *Caras* recebe uma manchete em que a frivolidade da comemoração – na Ilha de Caras, costumeiramente usada para as matérias da revista – de duas socialites têm destaque. A paródia feita para a revista masculina *Playboy* zomba do aproveitamento comercial que a publicação faz dos assuntos do momento para "contextualizar" os ensaios fotográficos de mulheres; nesse caso, o cronista brinca com a relação entre Copa do Mundo e a namorada do jogador Ronaldo na época, Suzana Werner.

A partir da análise da construção da ironia no texto, criticando o futebol, a imagem de imparcialidade da imprensa, a influência da mídia e os interesses políticos e econômicos que sufocariam o futebol, é possível pensar a respeito da relação feita entre mídia e o esporte na crônica. Pode-se depreender que o futebol é criticado por estar sendo, por um lado, como um produto de mercado,

---

[293] TORERO, op. cit., p. 16.
[294] Ibid., p. 16.

aproveitável para diferentes áreas da economia, inclusive no campo da comunicação. Por outro lado, é uma construção midiática; sua popularidade, a fama dos jogadores e o favoritismo do Brasil, especialmente no caso da Copa de 1998, seriam construídos e reforçados pela imprensa para contribuir com a manutenção da imagem do Brasil como país do futebol, imagem que estaria fragilizada, apesar de "vendida" largamente como elemento da identidade nacional.

A crônica caracteriza-se, portanto, como um texto irônico, em que a narrativa que a estrutura, o sonho de que o Brasil teria sido pentacampeão de futebol em 98, aprecia negativamente a derrota da seleção, os interesses envolvidos no esporte e a expectativa emotiva dos torcedores diante dessa realidade. Inserida na narrativa, a paródia das manchetes de veículos de comunicação amplia o campo de críticas do cronista para a atuação da imprensa, além de colaborar para a ironia textual, que alfineta as influências midiáticas, políticas e econômicas no futebol.

4.4 "NOVAS RESPOSTAS, VELHAS PERGUNTAS"

A imprensa é, novamente, alvo de críticas. No caso dessa crônica, que recria entrevistas com jogadores de futebol e sugere respostas alternativas e menos enfadonhas aos atletas, é particularmente a atuação da imprensa esportiva durante as transmissões de partidas que recebe uma bem humorada avaliação. Com base no freqüente comentário de que os jogadores falam as mesmas coisas em matérias jornalísticas, a crônica enfoca a questão de uma outra perspectiva: a de que os entrevistadores fazem perguntas sempre iguais. O eu do cronista relata que

> Certa vez alguém perguntou a um zagueiro central por que os jogadores falavam sempre as mesmas coisas. Sua resposta teve a sutileza de um carrinho: "Damos sempre as mesmas respostas porque vocês, jornalistas, sempre fazem as mesmas perguntas" [295].

Um diálogo entre interlocutores não nomeados – repórter e atleta – é narrado pelo eu do cronista e traz à tona a possibilidade de que a culpa pela

[295] TORERO, op. cit., p. 87.

monotonia nas cotidianas entrevistas esportivas seria dos jornalistas, que conduzem essas situações. Luiz Henrique de Toledo explica que

> A dinâmica básica que preside as coberturas esportivas cotidianas [...] não foge às características mais gerais de boa parte do jornalismo [...] na busca pela singularidade e pelo inusitado, o "furo", o diferencial que caracterizará a melhor cobertura[296].

Embora haja essa busca pelo inusitado, é comum que os textos de repórteres esportivos durante as transmissões de partidas de futebol, principalmente quando dirigem perguntas aos jogadores e/ou comissão técnica, são bastante semelhantes entre um jogo e outro. Toledo defende que haja dinamismo nas matérias e aproveitamento do fato para conseguir resultados inusitados nos eventos esportivos, "pois, não raro, apresentam-se como fatos jornalísticos monótonos e repetitivos, rotinas que, sem a intervenção criativa dos repórteres, cinegrafistas ou editores, sucumbiriam a uma série de reportagens idênticas"[297].

O eu do cronista concorda com o fato de a imprensa, por vezes, tornar pouco produtivas as matérias e sugere uma estratégia aos jogadores: que eles respondam de forma inesperada às perguntas dos jornalistas.

> De fato, a relação entre perguntantes e perguntados não é uma das coisas mais criativas do futebol. Mas tal situação pode ser modificada caso os respondentes usem um tanto de franqueza e ironia. Por exemplo:
> 1) Logo no começo de uma partida, o repórter pergunta para o craque: "E aí, preparado para o jogo de hoje?" Nesse caso, podem-se usar as seguintes respostas:
> a) Não, eu treino todos os dias, fico concentrado na sexta e no sábado e jogo no domingo só para não ver a minha sogra.
> b) Não, eu me visto assim todo dia. Gosto de camisas coloridas e usar chuteira em vez de sapatos.
> c) Jogo? Que jogo?[298]

Há três alternativas de respostas que os jogadores poderiam dar em cada uma das quatro situações de entrevistas retratadas na crônica. A comicidade das sugestões de respostas elaboradas pelo cronista reside na ironia delas, isso porque a ironia é um recurso do cômico[299]. Se qualquer uma fosse enunciada, haveria estranhamento e constrangimento do repórter e até do público

---

[296] TOLEDO, op. cit., p. 186.
[297] Ibid., p. 189.
[298] TORERO, op. cit., p. 87.
[299] BRAIT, op. cit., p. 53.

espectador/ouvinte. O defeito – a mesmice de certas reportagens futebolísticas – é mostrado ao leitor e mesmo à imprensa por meio da ironia cômica e de uma perspectiva diferente do que se costuma criticar – a atitude dos jogadores entrevistados.

A primeira alternativa de resposta é feita com base no paradoxo que seria o jogador trabalhar e esforçar-se durante toda a semana para, no domingo, só jogar para não ver a sogra; pode-se ver o costume popular de não simpatizar com a personagem sogra sendo aproveitado no texto; nota-se o olhar do cronista para o cotidiano dos hábitos populares e para o jogador de futebol como trabalhador. A segunda alternativa traz uma resposta cínica e a terceira sugestão seria uma forma de constranger totalmente o repórter com a inesperada desobrigação do jogador, que, conforme o texto, é um craque, ou seja, é importante para o time.

Assim como no trecho da crônica que foi citado há uma cena cotidiana nos jogos, a entrevista com o craque de um dos times, no trecho a seguir outro fato corriqueiro aparece: o retorno ao trabalho de um atleta que estava machucado.

> 2) Quando um jogador volta após uma contusão, é inevitável que ouçamos: "E aí, você está recuperado?" Algumas respostas possíveis são:
> a) Não, não estou. Vim jogar só para agravar o problema e poder ficar mais tempo recebendo pelo INSS.
> b) Não, é que eu tenho uma relação sadomasoquista com os zagueiros...
> c) Não, mas o professor já providenciou um par de muletas. Inclusive colocou uma chuteira em cada uma e assim eu vou ter mais chance de chutar a gol.[300]

Do disparate irônico das alternativas desse trecho e do humor daquele citado há pouco, a dimensão do futebol como trabalho, profissão, sobressai. A alternativa a) da segunda situação reinventada pela crônica, que contém a ironia de uma volta deliberada do jogador convalescente para fraudar o sistema previdenciário brasileiro, mostra a face de serviço remunerado que tem o futebol e de novo chama a atenção para a face de trabalhador do jogador. O atleta profissional de futebol tem o respaldo das leis trabalhistas e, em caso de problema de saúde que ocasione afastamento superior a 15 dias, recebe sua remuneração do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). É interessante perceber, a partir disso, que o cronista observa o futebol não apenas como atividade lúdica ou como

[300] TORERO, p. 87-88.

elemento identitário, mas como uma atividade profissional. Mesmo a relação entre imprensa e atletas é vista como parte da profissão de ambos.

Nessa perspectiva, o jogo é o principal evento do futebol, quando é preciso lidar com as possibilidades de sucesso e de fracasso e quando mais se exige do atleta profissionalismo em busca da vitória, para fazer valer a pena seu trabalho e de toda a equipe. O cronista caçoa das perguntas óbvias feitas aos jogadores nos momentos de derrota, nos quais o jogador está sob pressão da torcida e do clube:

> 3) Outra pergunta infalível acontece durante o intervalo quando o time do entrevistado está perdendo. Nesse caso, o plumitivo pergunta: "E aí, vocês vão tentar virar o jogo no segundo tempo?"
> a) Não, o jogo já está perdido mesmo e nós ficaremos jogando biriba no vestiário.
> b) Não, vamos perder de propósito, pois a torcida do outro time é maior e assim faremos mais gente feliz.
> c) Para que buscar a vitória se a vida é algo sem sentido e todos acabaremos vencidos pelo tempo e pela morte?[301]

Comportamentos pouco profissionais, como ir jogar cartas e não voltar para terminar a partida ou jogar para perder são a ironia usada para enfatizar o profissionalismo leviano que se pode atribuir ao jornalista que não respeita o atleta como ser humano num momento difícil no trabalho. Essa crítica é ampliada pela resposta sugerida na alternativa c), que expressa um estado de total desânimo existencial do jogador, uma resposta que deixaria o entrevistador bastante constrangido. A situação de pouco profissionalismo da imprensa continua sendo criticada:

> 4) O pior é que, depois de perder a partida, quando o jogador, cabisbaixo, vai saindo de campo, ainda tem de responder à pergunta: "E aí, o que você achou dessa derrota?"
> a) Perdemos o jogo, mas ganhamos experiência de vida o que vale muito mais do que os três pontos.
> b) Dialeticamente falando, não há vitória sem derrota. Logo, se nós perdermos, fomos também responsáveis pela vitória, o que faz com que ela seja um pouco nossa.
> c) Foi mais uma prova de que o nosso time é um lixo, de que o nosso técnico é uma besta e de que eu deveria ter feito aquele concurso do Banco do Brasil.[302]

---

[301] TORERO, op. cit., p. 88.
[302] Ibid., p. 88-89.

Ao jogador, sugere-se desvalorizar na alternativa a) a pontuação necessária para o time ter bom desempenho no campeonato do qual e participa – outra ironia para reforçar a leviandade da pergunta. A alternativa b) parece desaprovar o comportamento bastante comum de se subestimar os jogadores de futebol no que diz respeito a sua capacidade intelectual e a alternativa c) é um desabafo de caráter profissional. Tal resposta aponta para uma falta de profissionalismo explícita após a derrota, uma ironia na qual se entrevê a apreciação negativa que o cronista faz dos jornalistas esportivos, e também para a instabilidade e a pressão sofridas pelos jogadores em sua profissão, o que, suposta e utopicamente, não haveria num emprego público.

A atuação da imprensa esportiva, aspecto do universo do futebol presente no dia-a-dia de boa parte do Brasil, é criticada por haver, citando-se o texto, “perguntas que não precisam ser feitas. Não é?”. A ironia final, em que uma pergunta desnecessária é feita ao leitor, alarga o juízo a respeito do profissionalismo por vezes falho do jornalismo. É possível pensar também, por outra via, que há certa censura ao discurso dos jogadores, os quais sofrem pressão dos clubes para não emitir opiniões que contrariem as idéias de dirigentes e técnicos. Desse modo, a imprensa estaria colaborando para preservar a imagem do técnico como profissional onipotente – postura já criticada por Paulo Mendes Campos em suas crônicas décadas atrás – e manter o discurso dos atletas afinado com os interesses de clubes, patrocinadores e da própria mídia em relação ao futebol.

Contudo, apesar das críticas, de considerar repetitivas e, porque não, pobres, as entrevistas com jogadores e a atuação da mídia, o cronista não se desliga do futebol porque gosta do esporte; sua ligação subjetiva, de torcedor, não permite que o descontentamento com determinados aspectos do esporte, como também os criticados em outras crônicas, o afaste do futebol. Ademais, sua postura de torcedor o impele a comentar e criticar o que considera interessante ou desinteressante, bom ou ruim, no esporte pelo qual tem tanto apreço.

Além do olhar crítico para a imprensa e seu trabalho com o futebol, foi possível verificar que houve a observação e a representação de questões ligadas aos aspectos ético e profissional do esporte, sem que o texto se tornasse pesado,

objetivo, puramente argumentativo. Nessa crônica, a ironia funciona como argumentação indireta e recurso de humor[303].

4.5 "Os Novos Dez Mandamentos"

O olhar do cronista se volta para os dirigentes esportivos brasileiros e seu comportamento por vezes desonesto, um problema do universo do futebol que, lamentavelmente, faz parte do cotidiano desse esporte e dos brasileiros. A crônica em questão, como sugere o título, estabelece relação intertextual com os dez mandamentos, contidos na Bíblia, no Êxodo, capítulo 20, no que se refere à composição de um conjunto de dez orientações; são feitas dez instruções para os dirigentes de futebol se safarem de seus atos ilícitos e/ou imorais, ao contrário dos mandamentos divinos, que regulariam o comportamento dos homens para que não houvesse ações prejudiciais aos outros. O índice da ironia que permeia a crônica é fornecido ao leitor já no início do texto:

> Cometi um erro. Sim, confesso, um grave erro. Desde que comecei a escrever para os jornais já produzi uns quinhentos textos, todos direcionados a um só tipo de leitor: o torcedor. Foi um erro. Mais que um erro, uma injustiça, pois acabei por me esquecer de toda uma classe de profissionais que faz o futebol brasileiro ser a maravilha que é.
> Mas repararei essa falta. Hoje, a coluna é dedicada a vós, dirigentes esportivos.[304]

O mea-culpa mostra-se irônico a partir do momento em que fica esclarecido ao leitor que a classe de profissionais que faz o futebol brasileiro ser maravilhoso é a dos dirigentes esportivos tradicionais, em geral amadores, conhecidos como cartolas[305]. Tendo o leitor noção dos inúmeros casos de corrupção e envolvimento desses dirigentes com problemas legais, a "maravilha que é" o futebol brasileiro assume sentido oposto. Os enunciados apresentam-se, em vista disso, como "uma simulação ou uma dissimulação que é arquitetada

---

[303] BRAIT, op. cit., p. 53.
[304] TORERO, op. cit., p. 121.
[305] TOLEDO, op. cit., p. 23-24.

deliberadamente para ser desmascarada”[306], o que se confirma na aparente adesão do eu do cronista ao comportamento dos dirigentes esportivos:

> Vós que sois esquecidos pela massa, vós que sois vilipendiados pela imprensa, vós que sois alvo de críticas despeitadas de parlamentares da oposição.
> Como prova de arrependimento, deixo aqui dez pequenas orientações que pretendem tornar mais leve o desagradável fardo de depor numa delegacia ou numa comissão parlamentar de inquérito. Segui esses passos, queridos, e boa sorte.[307]

A referência aos cartolas é feita como se eles fossem pessoas injustiçadas e desprezadas pela imprensa, pelos políticos de oposição e pelo povo e as conseqüências de atos irregulares, simplesmente, um fardo pouco merecido. Lendo-se isso como antífrase do posicionamento do cronista, pode-se perceber que este compartilha da opinião popular e mesmo de profissionais da imprensa e de administração de que os dirigentes têm conduta inadequada nos clubes de futebol. O pesquisador em Administração Luiz Fernandes comenta que

> O maior problema da gestão dos clubes de futebol está centrado no gestor. Na direção dos clubes, prevalecem a emoção clubística, vaidades pessoais, malversação de dinheiro e até corrupção. Dirigentes sem a menor qualificação e habilitação para o planejamento, direção, organização, execução e controle das atividades, sem possibilidade de estabelecer o entendimento e as relações interpessoais, sem condições mínimas para obter as informações de gerenciamento e operação do clube e sem possibilidade de mobilizar as pessoas para a realização da tarefa de forma empresarial, determinam de forma apaixonada os destinos dos clubes. Essa estrutura é representada muito bem pelos três modelos de perfil do administrador do futebol, ao longo dos tempos: inicialmente, o dirigente militante era somente paixão, amor ao clube ou ao futebol; logo depois, surge o administrador que via no futebol a chance de galgar suas aspirações pessoais e políticas; e, finalmente, ao constatar que o futebol passou a movimentar grandes quantias de dinheiro, surgiu o dirigente que passou a se servir do futebol.[308]

Luiz Henrique de Toledo também aponta problemas na gestão dos clubes de futebol, como a condição amadora dessa atividade. Segundo ele, os dirigentes são introduzidos nos clubes por relações pessoais e o gerenciamento dos clubes é sustentado “pelos critérios do nepotismo e patronato”[309]. A má

---

[306] BRAIT, op. cit., p. 81.
[307] TORERO, op. cit., p. 121.
[308] FERNANDES, Luiz Fernando Framil. *A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégias de negócio.* Dissertação (Mestrado em Administração). Porto Alegre: UFRS, 2000, p. 23-24.
[309] TOLEDO, op. cit., p. 23.

administração acarreta sérios efeitos no futebol, que atingem grandes e pequenos clubes: dificuldades financeiras, dívidas tributárias e trabalhistas e pouca capacidade de investimento em profissionais e competições.

Aludindo ao procedimento gestor dos dirigentes e às reações cínicas que muitos deles apresentam às acusações, o cronista dispõe, nos "dez novos mandamentos", que os cartolas façam o que, na realidade, já fazem quando acusados ou interpelados sobre atitudes ilegais ou antiéticas. Cada um dos dez preceitos é a indicação de ações e estratégias para escapar a punições judiciais, dispostas como se não fossem conhecidas dos dirigentes esportivos corruptos, a partir do quê se constrói a ironia: eles conhecem tão bem que costumam usá-las regularmente. Há certos exageros de situações e respostas que, apesar de serem ou parecerem absurdas, são hipérboles irônicas[310] do comportamento indecoroso desses administradores do futebol brasileiro.

Assim, o primeiro mandamento prescreve que os cartolas devem fingir indignação: "Se vos acusarem, respondei em alto e bom som: 'Meu pai me ensinou que a coisa mais importante é a honestidade. E honestidade com O maiúsculo' "[311]. O valor da honestidade, incentivado pela família, é o argumento indicado para que os dirigentes mostrem-se indignados com acusações. O mandamento resulta cômico pela indicação de que essa honestidade seria verdadeira e sólida – numa referência ao costume popular de mostrar o valor de algo dizendo ser a primeira letra da palavra maiúscula. Entretanto, aparece um equívoco de ortografia, que aponta para o despreparo desses dirigentes e para a precariedade de sua honestidade, a qual seria tão grande quanto falsa. Já o segundo preceito orienta para uma negação veemente numa hipotética apuração de irregularidades via Comissão Parlamentar de Inquérito:

> Negai vossas culpas.
> Mesmo que seja óbvio que sejais culpados, negais. Por exemplo, se um deputado vos perguntar: "É verdade que o senhor vendeu um jogador do seu clube para seu irmão por apenas um real?", respondereis: "É mentira. Eu nem tenho irmão. Aliás, nem pai, nem mãe. Eu fui largado na porta de um orfanato...".[312]

[310] BRAIT, op. cit., p. 53.
[311] TORERO, op. cit., p. 121.
[312] Ibid., p. 121-122.

A recomendação de negar a culpa mesmo quando esta é clara e o exagero da resposta sugerida marcam a crítica ao descaramento dos cartolas corruptos, fato que, de acordo com Waldenyr Caldas, é comum desde o início da difusão do futebol no Brasil. Para ele, "a figura do cartola [...], já naquela época, trabalhava muito mais pelo jogo de interesses pessoais e muito menos pelo futebol"[313]. Com o objetivo de minimizar a visibilidade da pouca ética de dirigentes que assim agem, o eu do cronista cita uma tática no terceiro mandamento.

> Sede sócio de uma pessoa famosa.
> É um truque infalível. Melhor ainda se a pessoa tiver fama de honesta, pois o bom nome dela vos emprestará respeitabilidade e a opinião pública pensará duas vezes antes de vos atirar uma pedra. [314]

A apreciação negativa da crônica é ao uso da respeitabilidade de pessoas honestas no intuito de encobrir atos ilícitos ou pouco éticos, tentando evitar a pressão e a vigilância da opinião pública. Além disso, nesse trecho, ainda fica mais explícito o caráter irônico da grandiloqüência dos "mandamentos", por esta ser mesclada por termos que remetem à ilegalidade das atitudes dos dirigentes, como "truque infalível", o que ocorre no seguimento do texto. Todavia, a ironia tem ainda efeito cômico, como no quarto mandamento.

> Ponde a culpa nos inimigos.
> Procurai sempre insistir em frases como: "Isso é intriga da oposição. Eles querem calar a minha voz! Admito que não declarei os dois apartamentos de Miami, mas as fitas gravadas são uma falsificação grosseira. Ainda mais aquele pedaço em que canto Babalu."[315]

Mantendo-se a cena de uma CPI, recomenda-se aos cartolas que se mostrem inocentes, redirecionando sua culpa para outrem – construindo-se o sentido irônico, tal prática é reprovada. O conteúdo da defesa proposta tem humor: é patética a situação de o dirigente admitir a sonegação de impostos, mas insistir em negar evidências e trair-se, falando ser ele mesmo que canta a música afrocubana "Babalu" (composição de Margarita Lecuona, na década de 40). Por meio da provocação do riso, a crônica continua criticando o comportamento dos cartolas. No quinto preceito, esse humor é mais sutil, mas não menos irônico.

---

[313] CALDAS, op. cit., p. 103.
[314] TORERO, op. cit., p. 122.
[315] Ibid., p. 122.

> Usai termos técnicos.
> Durante vosso depoimento, falai como economista, explicai-vos como terapeuta lacaniano e esclarecei incertezas como um professor de álgebra. E, por via das dúvidas, usai números, tabelas e gráficos. Como nenhum deputado quererá fazer papel de ignorante, escapareis fácil, fácil[316].

O recurso de falar de modo pouco elucidativo é usado para livrar-se de acusações. Esse hábito de muitos corruptos é repreendido no texto, assemelhado a outros discursos que o cronista considera incompreensíveis, como o dos economistas, dos terapeutas lacanianos e dos professores de álgebra. No sexto e sétimo mandamentos, encontra-se a repreensão irônica a outros subterfúgios dos dirigentes:

> *Sexto mandamento*: Arranjai outro escândalo.
> Uma boa saída para disfarçar vosso escândalo é conseguir outro. De preferência, um com muitas drogas, sexo e rãs, porque aí a imprensa irá atrás da melhor manchete.
> *Sétimo mandamento*: Colocai a culpa num subalterno.
> Se não conseguires uma boa defesa, atirai a culpa nas costas de um de vossos funcionários. Por exemplo, direis que a lavagem de dinheiro foi idéia da faxineira[317].

As evasivas de forjar um escândalo para diminuir a atenção dada a outro e fazer uso de “laranjas” para acobertar operações fraudulentas são lembrados nesse trecho e o absurdo dessas evasivas, como o escândalo ou a acusação de que a faxineira teria idealizado a lavagem de dinheiro, gera efeito irônico e cômico. Tal modo de agir tão ardiloso não exclui o pranto. Por isso, o oitavo mandamento o recomenda – e o critica: “Sempre se ganha a simpatia do público com algumas lágrimas. Caso não sejais bons atores, há uns cristaizinhos japoneses que resolvem o problema”[318]. Subestimar o público e fingir lágrimas para influenciar a opinião pública é atitude tão freqüente que o cronista usa o vocábulo “sempre”.

Quando as escusas não funcionam mais, a renúncia e a fuga são as alternativas para evitar maiores punições. O nono e o décimo mandamentos justamente fazem referência a essas alternativas como soluções habituais e criticam a hipocrisia e a falta de escrúpulos dos desonestos:

---

[316] Ibid., p. 122.
[317] TORERO, op. cit., p. 122-123.
[318] Ibid., p. 123.

> *Nono mandamento*: Renunciai.
> Se não houver saída, renunciai dizendo que aquele lugar não é para homens honestos como vós. E, se mesmo assim, a pressão continuar, há que recorrer ao último mandamento.
> *Décimo mandamento*: Dai o fora.
> Mudai-vos para algum paraíso fiscal (andam falando bem das ilhas Jersey). Um dia o caso será esquecido e aí será a hora de voltar rico e em paz. E bronzeado[319].

Faz-se necessário ressaltar, nessa crônica de Torero, a referência às Comissões Parlamentares de Inquérito instaladas na Câmara dos Deputados e no Senado em 2000 que visavam a investigar clubes e as principais entidades dirigentes do futebol brasileiro, sonegação de impostos, contribuições à Previdência e irregularidades na venda de jogadores e em contratos com patrocinadores de clubes. O discurso dos investigados, suas manobras e evasivas são ironizados no texto, assim como a pouca eficiência de punição a partir das CPIs, pois, além da desfaçatez dos dirigentes esportivos durante o processo de investigação, o papel dos inquéritos parlamentares é apenas o de ser um preparatório para um possível processo judicial condenatório ou de execução, não sendo conseqüência certa nem o julgamento nem a condenação dos culpados. Daí o juízo popular de que as CPIs "sempre acabam em pizza".

É interessante perceber que o comportamento atribuído aos dirigentes esportivos corruptos remete ao modo de proceder de grande parcela dos políticos brasileiros. Logo, a crônica pode funcionar como alegoria da política e da administração pública do Brasil. Ambas apresentam, ao longo da história do país, inúmeros problemas relacionados à corrupção, à gestão fraudulenta de recursos e instituições, ao favorecimento ilícito e aos procedimentos investigativos ou judiciais de parca eficácia. As diversas CPI's já instauradas, as denúncias e processos noticiados são bons exemplos dessas questões: a desonestidade é clara, mas pequenas as sanções. É viável afirmar, dessa forma, que a corrupção no futebol mostra problemas éticos e políticos mais profundos da sociedade brasileira. O sociólogo Roberto DaMatta sustenta que "se o futebol é bom para ser visto, ele também serve para dramatizar e para colocar em foco os dilemas de uma sociedade"[320].

---

[319] Ibid., p. 123.

[320] DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: _____ et alli. *Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 32.

Situações de desonestidade no futebol e, por extensão, na sociedade brasileira são recriadas, portanto, na crônica. A intertextualidade com o texto bíblico, as antífrases, as situações hiperbólicas e a mescla de vocabulário eloqüente e informal conferem humor às atitudes vergonhosas as quais o cronista apresenta como mandamentos, os quais são dispostos de modo a parecerem orientações aos cartolas. Esses mecanismos, que compõem a ironia na crônica, são usados como argumentação indireta[321] a fim de criticar a corrupção e o comportamento inescrupuloso dos dirigentes esportivos e políticos brasileiros.

4.6 "O NOVO FRANKENSTEIN"

Estabelecendo uma relação intertextual com o romance de Mary Shelley, *Frankenstein* e utilizando o recurso da narrativa, o cronista estrutura essa crônica com a narração de uma experiência para a criação do jogador de futebol perfeito. Essa narração tem um viés irônico, por meio do qual se vem a criticar o mercado e a "fabricação" de jogadores no futebol contemporâneo.

O romance de Shelley, publicado no início do século XIX, conta a história de Victor Frankenstein, um jovem estudioso das ciências naturais que considerava a ciência e a matemática como seguras e infalíveis. Sem um balizamento ético da utilização da ciência, sua ambição pelo conhecimento e pelos experimentos científicos que pretendiam explicar e mesmo produzir e prolongar a vida, o que lhe daria fama, Frankenstein se aventura na criação de um ser humano. Isolado de todos, ele obtém sucesso no seu intento, mas rejeita sua criatura, abandonando-a. Esta, em suas tentativas de integrar-se à sociedade, é rejeitada e acaba por tornar-se violenta, chegando a cometer assassinatos. Apesar de não ter sido nomeado no romance, o personagem da criatura, ao longo do tempo, foi sendo chamado também de Frankenstein.

---

[321] BRAIT, op. cit., p. 57.

Esse argumento é reinventado na crônica. O cientista é um médico, doutor Franklin Steinberg, que, “no seu úmido laboratório em São Miguel Paulista, [...] dava loucas gargalhadas e chegava ao fim de sua ousada experiência”[322]:

> A idéia havia nascido anos antes, quando ele era médico da CBF e encarregado dos exames antidoping. Desde então o doutor Stein vinha guardando frascos e mais frascos de urina no *freezer* de sua casa, com o objetivo de conseguir reproduzir o DNA retirado da uréia dos jogadores. Seu plano era injetar o ácido desoxirribonucléico nas diferentes partes do corpo de um defunto para que este, depois de trazido de volta à vida, se tornasse o mais perfeito atacante de todos os tempos.
> Naquela noite tudo se concluiria. Ele já sonhava com a fama, os gols, as vitórias e, principalmente, com os 20% que ganharia como empresário do superatleta.[323]

O médico tem a intenção de criar o jogador ideal. A ambição do personagem da crônica é de, sendo o superatleta uma criação sua, obter lucro e fama. O personagem é caracterizado pelo estereótipo de médico insano, vilão: ele dá gargalhadas, furta material para sua experiência, armazena de maneira imprópria esse material e tem um comportamento pouco ético para atingir seu objetivo de dinheiro e fama. Nota-se a crítica ao uso de jogadores como fonte de lucro para empresários, fato bastante comum no âmbito esportivo.

As etapas da criação do atleta perfeito são narradas na crônica. O cientista usou o DNA de Pelé nos olhos do morto para que o futuro jogador “tivesse visão aguçada e sempre atenta ao menor descuido dos zagueiros”[324]. Posteriormente,

> Nos braços deu uma injeção com urina de Serginho Chulapa, para que eles ficassem grandes, longos e fortes, ideais para afastar os beques e abrir espaços na área.
> Para os pulmões usou a coleta de Cafu, e no calcanhar inoculou a de Sócrates. Para a perna direita, recorreu às águas de Nelinho e, para a esquerda, às de Rivelino. O atacante ideal dispararia chutes venenosos com as duas pernas.
> Faltava, para arrematar a obra-prima, a escolha da matriz para o cérebro. Depois de muito ponderar, o cientista acabou optando pelo material de Zico, que ele considerava ter um misto de genialidade, senso profissional e inteligência tática. Antes de injetá-lo, porém, Frank foi ao banheiro, pois mexer naqueles vidros sempre estimulava sua bexiga[325].

---

[322] TORERO, op. cit., p. 53.
[323] TORERO, op. cit., p. 53.
[324] Ibid., p. 53.
[325] Ibid., p. 54.

Com a chuva, o local começou a ficar cheio de água. Quando Frank Stein voltou, só havia sobrado intacto um tubo de ensaio; "o doutor injetou a substância do último frasco no cérebro do cadáver e ligou sua máquina ressuscitadora. Raios iluminaram o porão. Então fez-se o milagre da vida e o monstro se levantou"[326]. O problema é que ele fugiu, sendo encontrado semanas depois pelo médico numa delegacia:

> Estava preso por ter atropelado vinte pessoas, saído sem pagar de dez restaurantes e agredido vários policiais com pontapés e tapas. Só então o cientista se lembrou de verificar de qual fraco tirara o material para injetar no cérebro de sua criação.
> Era o frasco de Edmundo[327].

A pretensiosa experiência do médico, realizada sem preocupações éticas e em condições precárias, teve conseqüências desastrosas; a tentativa de criar um atacante perfeito em laboratório gerou um homem cujo convívio em sociedade é difícil. De maneira semelhante ao que ocorre no romance inglês, em que "o protagonista violenta a natureza [...] tomando a si a tarefa divina de criar a vida"[328], o personagem da crônica força o desenvolvimento de um bom atleta com o uso indiscriminado da tecnologia e da ciência.

Observa-se a ironia à produção de jogadores de futebol por meio da ciência esportiva. O personagem estereotipado, seus objetivos e procedimentos, a relação com o romance de Mary Shelley, que critica a ambição e a "falta de balizamento ético da ciência"[329], e o contexto atual do próprio esporte, comentado a seguir, funcionam como sinais para o reconhecimento da ironia. Com a alusão ao conhecido comportamento do jogador Edmundo, a crônica ironiza ainda a busca pelo controle da disciplina dos jogadores como parte do treinamento esportivo. A narrativa da crônica pode ser vista, logo, como uma dissimulação[330] irônica para criticar os citados aspectos da configuração do futebol na atualidade.

---

[326] Ibid., p. 54.
[327] TORERO, op. cit., p. 54.
[328] LA ROCQUE, Lucia de; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. In: *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2001, p. 18. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Jun 2007.
[329] Ibid., p. 14-16.
[330] BRAIT, op. cit., p. 81.

A modernização do futebol brasileiro, iniciada em fins da década de 60 e gradativamente firmada nos anos 70 e seguintes, e a intensificação da comercialização do futebol e dos jogadores abriram espaço para o futebol-força, em detrimento do chamado futebol-arte[331]. Francisco Rodrigues explica que

> A modernização do futebol possibilitou a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado, nas camisas dos times e o televisionamento ao vivo de partidas de futebol. A mudança no estilo brasileiro de jogar tornou-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotaram novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo. Podemos aludir aqui ao futebol-força, ou futebol científico, ambos conseqüências da crescente comercialização do futebol, que foram adotados no Brasil pela maioria dos clubes[332].

Devido a essas mudanças, no decorrer da década de 1980, foram instituídos no país os Centros de Treinamentos (CTs) para formar novos jogadores no Brasil, os quais são, para Francisco Rodrigues, "verdadeiros laboratórios de formação e preparação de atletas"[333]. Rodrigues explica que os CTs "utilizam tecnologias e valorizam conhecimentos científicos e novos profissionais, como preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas, psicólogos e outros na formação de atletas"[334], havendo também o adestramento moral deles[335]. Apesar de isso ser considerado necessário para atender às demandas, principalmente internacionais, do futebol moderno, a utilização do aparato científico e tecnológico, o confinamento dos jogadores e a ênfase na disciplina levam ao que o sociólogo chama de "atletas fabricados"[336].

Tal olhar desconfiado e postura crítica em relação à intervenção científica no trabalho esportivo podem ser divisados na crônica. O modelo de treinamento que vigora hoje no futebol como um processo de fabricação de jogadores para suprir as necessidades atuais do esporte é ironizado no texto, no qual se visualiza tanto a reprovação do uso dos jogadores como mercadoria quanto a avaliação negativa corriqueira que, de acordo com o sociólogo Ronaldo Helal, é feita do "craque de laboratório": "um craque não genuíno, fugindo das características

---

[331] RODRIGUES, F. op. cit., p. 274-277.
[332] RODRIGUES, F. op. cit., p. 277-278.
[333] Ibid., p. 279.
[334] Ibid., p. 279.
[335] Ibid., p. 280.
[336] Ibid., p. 279.

“artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol”[337]. Isso não é avaliado de forma positiva pelos torcedores; dessa maneira, o cronista também se mostra como um torcedor que discorda da interferência plena da ciência nos atletas e no futebol, preferindo um esporte mais voltado ao improviso e à habilidade inata ao futebol comercializado e profissionalizado ao extremo.

A crônica de Torero também permite a reflexão a respeito da tentativa de controle total dos atletas. É possível pensar a rigorosa disciplina imposta aos jogadores em virtude das necessidades do futebol moderno nos termos da teoria do poder disciplinador de Michel Foucault. O futebol teria se tornado, além de um negócio, uma instituição a qual se caracterizaria, especialmente a partir de sua fase de modernização, por ser disciplinadora e a disciplina serviria para fabricar os atletas, bem comportados e produtivos.

> A disciplina fabrica [...] corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)[338].

Abrangendo o comportamento dos atletas, sendo um adestramento moral, como denomina Francisco Rodrigues, o treinamento dos atletas, ou a fabricação deles, regula suas condutas dentro e fora de campo e centros de treinamento. Nesse sentido, pode-se dizer que até mesmo o discurso dos atletas é controlado, como já se comentou a respeito de eles falarem geralmente as mesmas coisas. Apesar disso, há jogadores que resistem à obediência política, ao comportamento e ao discurso moderados por clubes e técnicos.

Entre as ações de resistência, é de grande relevância a postura política de defesa à democracia assumida por jogadores do Corinthians da década de 80. A Democracia Corinthiana, organizada no final da ditadura militar no Brasil, foi um movimento “liderado por Adilson Monteiro Alves, ex-vice-presidente de futebol do Corinthians e seus companheiros, Sócrates, Walter, Casagrande, Wladimir, Juninho e outros”[339]. Os atletas defendiam sua autonomia na concentração e o respeito a suas opiniões.

A preservação da liberdade de expressão, reações e atitudes rendem aos jogadores rótulos de “indisciplinados” e “problemáticos”, como são tidos

---

[337] HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2003, p. 23.
[338] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 127.
[339] CALDAS, op. cit., p. 106.

pelos clubes, federações e imprensa. Afonsinho e Paulo César Lima, mais conhecido como Paulo César Caju, dois jogadores que se destacaram no Botafogo em fins da década de 60, são exemplos disso. Afonsinho, que usava barba e cabelo comprido, era considerado rebelde, subversivo. Contrário à militarização no futebol, ele também polemizou quando conseguiu, na justiça, ser dono do próprio passe. Paulo César Caju tinha o cabelo *black power*, pintado da cor que lhe rendeu o apelido, defendia a afirmação negra, era boêmio e costumava falar o que pensava. Outros exemplos são Edmundo, citado pela crônica, e Romário, chamados de *bad boys* do futebol brasileiro por terem forte temperamento e não se curvarem a todas as exigências de clubes e técnicos.

Pode-se afirmar que, por meio da intertextualidade e da simulação irônica da narrativa e do enredo construído, o que já se tornou cotidiano no futebol é reinventado e criticado na crônica: a minguada ética, o controle sobre os atletas e a produção de jogadores para o mercado futebolístico, cuja finalidade principal é o lucro com os atletas e os resultados esportivos e midiáticos por eles obtido, havendo assim a manutenção da ordem socioeconômica. É possível entender, pois, esse conjunto que regula o desenvolvimento, as atividades e até o discurso dos atletas como “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”[340] dos jogadores e dos resultados que eles podem trazer. A crônica leva à reflexão, então, sobre os excessos e os interesses que constituem a intervenção científica e o controle na formação e na vida dos jogadores de futebol.

[340] FOUCAULT, op. cit., p. 153.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, objetivou-se analisar as representações literárias do futebol em crônicas de Paulo Mendes Campos e José Roberto Torero. Tendo em vista que, nesse gênero, "o processo criativo e a função geradora de sentido estão na sensibilidade de caracterizar o cotidiano"[341], procurou-se mostrar algumas das formas como este é recriado pela crônica, que o futebol é parte do cotidiano e é assunto caro a muitos cronistas, comentando-se, então, a respeito do futebol na crônica brasileira. Dessa maneira, preparou-se o campo para investigar a temática do futebol na crônica de Campos e Torero, buscando-se verificar como eles, especificamente, ressignificaram sentimentos, experiências e aspectos desse esporte em seus textos.

O amor pelo futebol e as dimensões simbólicas do esporte são os enfoques principais de Paulo Mendes Campos no tratamento do tema em questão. Em suas crônicas, ficam em evidência a intensidade da relação homem-futebol, a analogia feita entre vida e futebol, o pertencimento clubístico, a socialização entre crianças e adultos provocada pelo esporte, a associação do futebol à imagem do Brasil, a identidade, seja de uma nação, seja de um indivíduo, relacionada ao esporte, as experiências relacionadas ao futebol, as agruras e os prazeres de jogar bola e de ser torcedor e a nostalgia pelo futebol-arte, jogado com inventividade e afeto. No que se refere a este último enfoque, as críticas feitas ao futebol em processo de modernização, mais defensivo e comercializado também conotam o amor a um estilo de jogar que se consagrou e colaborou para a construção da imagem do Brasil de país do futebol.

Se a adoração pelo esporte é a tônica das crônicas de Campos, a crítica a questões do futebol contemporâneo é a principal particularidade da abordagem do esporte nos textos de Torero. Foi possível averiguar o olhar desconfiado ao estilo de jogar moderno, menos arte e mais técnica, força e defesa, ao caráter mercadológico do esporte e seus atletas, à construção midiática de imagens e noções a respeito do futebol, ao comportamento de atletas e dirigentes, à

---

[341] LANZA, Sonia Maria. O jornalismo contemporâneo: paradigma recodificado. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais...* São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM, p. 6.

desonestidade e antiética no universo futebolístico e à atuação da imprensa. Também é clara a desconfiança em relação à intervenção da ciência na formação dos jogadores. Depreende-se uma visão de que o futebol está corrompido, em muitos de seus âmbitos, uma valorização do futebol-arte, menos espetacularizado, e a ligação das experiências particulares com o futebol ao lúdico e à identidade e memória dos sujeitos.

Ganham novos sentidos as atividades e fatos cotidianos referentes ao futebol: as atividades de torcer e jogar, as conversas corriqueiras, as experiências do dia-a-dia, da vida adulta ou da infância, as opiniões, as críticas, as lembranças e as relações dos indivíduos com o futebol são recriadas e, nos textos, tornam-se comentários líricos, ensaios subjetivos, narrativas irônicas, bem humoradas, rememorações nostálgicas.

Paulo Mendes Campos ressignifica os vínculos dos torcedores com o futebol mostrando-os como uma paixão, um elo simbólico, quase religioso, objeto de adoração, de prazer, e hábito cotidiano. Sua prosa é poética; verificou-se com o procedimento de análise de sete textos que os sentimentos, estados de espírito e experiências particulares têm destaque e são expressos por comentários subjetivos e algumas narrativas, com um primoroso trabalho com a linguagem, no seu plano significativo, imagístico e, por vezes, sonoro. O “eu” rememora, argumenta e narra de maneira predominantemente lírica; apesar disso, o humor e uma ironia fina, sutil, também aparecem em algumas crônicas.

No que se refere a José Roberto Torero, as crônicas apresentam e lançam a discussão acerca das características atuais do futebol e questões cotidianas nesse esporte a partir de uma visão crítica, mas bem humorada. A ironia permeia todos os textos, em maior ou menor medida, e a intertextualidade é recurso freqüente; são narrativas irônicas, rememorações, paródias e comentários organizados de modo a criticar aspectos do futebol contemporâneo e da mídia. Os textos são estruturados e a linguagem é trabalhada com vistas a possibilitar os sentidos irônicos e o humor. Todavia, também se pode perceber um sentimento nostálgico e uma postura de torcedor, seja nas críticas, seja nas alusões ao futebol menos profissionalizado.

Nota-se, nos textos dos dois cronistas, a memória resgatando o cotidiano; a memória e o apreço pelo futebol constituindo a identidade dos sujeitos; a valorização do futebol jogado com mais improviso, mais amor, e certa rejeição à

modernização, comercialização e profissionalização do esporte. Nos textos dos dois cronistas, vários aspectos da modernidade no futebol não são vistos de maneira positiva. Tanto a poesia de Campos quanto a ironia de Torero reforçam a idéia de que o futebol jogado à brasileira – noção resultante de características do esporte no Brasil e construções históricas comentadas brevemente neste trabalho – é o ideal. Além disso, as crônicas expressam a relação sujeitos-futebol como subjetiva, emotiva e mesmo prazerosa, e o futebol como parte do cotidiano e da identidade de grande parte dos brasileiros.

Com abordagem diferente do jornalismo esportivo, as crônicas que foram objeto desse estudo não visam a informar ou discutir objetivamente sobre o esporte, porque nelas enfatizam-se "os aspectos mais universais do futebol, que permitem inseri-lo em outras dimensões inusitadas"[342]. Os textos, "permeados de emotividade e de recriações [...] a par de um refinado trabalho com a linguagem"[343] possibilitam a ressignificação de experiências dos torcedores e de fatos e aspectos do esporte, como se verificou nesta dissertação. Vale ressaltar, portanto, a riqueza da crônica ao proporcionar novos olhares à realidade, aos homens e a suas práticas culturais.

Nesse sentido, este trabalho contribui não só para as discussões literárias sobre os textos de Paulo Mendes Campos e José Roberto Torero ou sobre a representação de temas do cotidiano na crônica, mas para a investigação de uma prática cultural brasileira, nesse caso, o futebol. A simpatia dos dois cronistas pelo futebol mostra, por um lado, que essa modalidade esportiva, conforme pensa o sociólogo Roberto DaMatta, oferece prazer[344], porque nela "existe arte, dignidade, genialidade, sorte e azar, deuses e demônios, liberdade e predestinação, bandeiras, hinos e lágrimas"[345]. Por outro lado, essa mesma simpatia de Campos e Torero e as críticas deles às mudanças do futebol no contexto socioeconômico a partir da segunda metade do século XX e início do século XXI representam uma consciência não só do esporte em si, mas também da complexidade social e econômica que o envolve. Assim sendo, o futebol pode ser considerado uma forma de reflexão crítica,

---

[342] MARQUES, op. cit., p. 9.
[343] Ibid., p. 12.
[344] DAMATTA, Roberto. Os milagres do futebol. In: _____. *Explorações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 89.
[345] Ibid., p. 89.

pois, de acordo com DaMatta, “tem o potencial de ser um espelho nobre ou mesquinho pelo qual um sistema social pode ver-se a si mesmo”[346].

Em vista disso, é importante lembrar que os pontos de vista de Campos e Torero no que se refere ao futebol oferecem uma reflexão sobre o processo de modernização do futebol brasileiro, iniciado no final dos anos de 1960. O futebol-arte, considerado um dos principais elementos responsáveis pelos títulos mundiais brasileiros, passou, aos poucos, a ser visto por muitos como ineficiente depois das eliminações do selecionado nacional das Copas de 1966 e de 1974. O estilo europeu, que já dava preferência à disciplina, ao controle emocional e físico, à coletividade, à qualidade técnica e tática das equipes, começou a ser gradualmente implementado no Brasil e hoje é predominante. A lógica mercantilista também colaborou para a fixação desse modelo, pois

> A partir da implantação da lógica de mercado nas organizações esportivas, ocorre a inserção e a adoção de elementos do universo empresarial e de seus negócios na administração dessas organizações. Conceitos e práticas empresariais se impõem e modificam o discurso de seus dirigentes, bem como as bases de sua legitimidade em seu contexto específico. A ascensão de uma nova lógica de referência traz consigo novos atores, procedimentos e categorias antes exclusivos do ambiente das organizações empresariais, como empresários, mercadoria, clientela, eficiência, resultado e competitividade. Assim como o cinema ou as artes plásticas, hoje, o esporte é tratado como uma indústria que envolve diversas organizações - públicas, privadas ou não lucrativas, que provêm produtos e serviços -, bem como organizações profissionais que contratam atletas, cineastas, atores, artistas plásticos ou curadores (pagando por seu trabalho), além das empresas de entretenimento, especialmente a mídia televisiva.[347]

Ao longo desse processo, jogadores que atuaram em meados do século passado foram mitificados, lances e partidas foram rotulados de memoráveis e reprisados, resultados ou campanhas épicas são relembrados, a noção de um estilo brasileiro, artístico e diferenciado é constantemente reforçada, ou pela mídia, ou por profissionais do esporte, ou pela população. No entanto, esses fatores não foram e não são unicamente parte do universo lúdico e simbólico do futebol: constituem ainda, além do uso desse esporte como mercadoria, a utilização dele

---

[346] DAMATTA, 1986, op. cit., p. 90-91.

[347] GONÇALVEZ, Julio César de Santana; CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR.* Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, vol. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.fgvpr.br/smart/isaenews_2006/artigo_ebape_4187.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2007, p. 2.

como instrumento político para promover a imagem de democracia racial, a coesão social e a identidade nacional.[348]

No caso da representação literária investigada nos textos de Campos e Torero, em que se vêem a adesão ao chamado futebol-arte e a antipatia ao futebol modernizado, a consciência dessas questões e a discussão delas são visíveis. Isso se dá tanto nos textos de Paulo Mendes Campos, que escrevia numa época de grandes ídolos nacionais e consagração do futebol brasileiro, mas vivenciava o uso político e já econômico do futebol, quanto nas crônicas de José Roberto Torero, que acompanha justamente a efetivação do processo modernizador e as relações econômicas no cotidiano do futebol.

Não se pode concluir que todos os brasileiros tenham a mesma visão dos cronistas. Entretanto, é plausível afirmar que a posição deles é a de quem viveu/vive o esporte no cotidiano; desse modo, representa, na valorização de um determinado estilo de futebol, não meramente um apego a um estilo antigo, mas um amplo descontentamento com a idéia de produtividade em detrimento ao lúdico e com os excessos da mercantilização do futebol. Além disso, é preciso pensar que, como lembra Arlei Damo,

> [...] os lucros (pecuniários ou não) e a competitividade estão prescritos pela estrutura do jogo e, fundamentalmente, o jogo não perde sua dimensão estética por apresentar tais componentes.[349]

É inegável, entretanto, que a prática cultural do futebol é uma entre várias outras esferas da cultura e da sociedade cada vez mais subordinadas à lógica de mercado e a conceitos econômicos. Como se pôde ver neste trabalho, a literatura, com lirismo, ironia ou humor, reflete a esse respeito e dialoga com o contexto no qual é produzida e lida; ademais, oferece a construção e a retomada de sentidos mais humanos para as experiências.

---

[348] BIAZZI, Alessandro; NETO, Virgilio Franceschi. Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial. In: *EFDEPORTES.COM*, Revista Digital. Buenos Aires, ano 11, n. 104, jan. 2007. Disponível em: < http://www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>. Acesso em: 28 jul. 2007.

[349] DAMO, op. cit., p. 85.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

ANDRADE, Carlos Drummond de. O frívolo cronista. In: _____. *Boca de luar*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 178-180.

_____. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha.* São Paulo: Martins, [1963].

ANTONIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTUNES, Fátima Martin R.F. O futebol nas fábricas. *Revista USP.* Dossiê Futebol. São Paulo, n. 22. jun./ago. 1994, p. 102-109.

ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. *Cad. CEDES*., Campinas, v. 24, n. 62, 2004, p. 9-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr 2007.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

_____. Onde andará o velho Braga?. In: _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 148-154.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. *Crônicas*. Obras Completas de Machado de Assis, v. 3. São Paulo: Mérito, 1959.

BANDEIRA, Manuel. *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*. Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1966.

BARRETO, Lima. *Marginália:* artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BASTOS, Gláucia Soares. Pall Mall Rio. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 225-233.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. *Textos escolhidos* – Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas. São Paulo: Abril, 1980.

BIAZZI, Alessandro; NETO, Virgilio Franceschi. Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial. *EFDEPORTES.COM*, Revista Digital. Buenos Aires, ano 11, n. 104, jan. 2007. Disponível em: < http://www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>. Acesso em: 28 jul. 2007.

BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS. *Website oficial*. Disponível em: <www.botafogonocoracao.com.br/historia>. Acesso em: 29 mar. 2007.

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
_____. Como se fora um coração postiço. In: CAMPOS, Paulo Mendes et. al. *Para gostar de ler: crônicas.* São Paulo: Ática, 1978, p. 41-43.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica.* Campinas: UNICAMP, 1996.

CALDAS, Waldenyr. *Temas da cultura de massa:* música, futebol, consumo. São Paulo: Arte e Ciência, 2000.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opin. Pública*, Campinas, maio 2002, vol. 8, n. 1, p.40-53. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Fev 2007.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas* / Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. São Paulo: Ática, 1981, p. 4-13.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de & GALENO, Alex (orgs.) *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CONY, Carlos Heitor. PT e PM. *Folha Online*. 13 set. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u212.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2007.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: _____ et alli. *Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 19-42.

_____. Os milagres do futebol. In: _____. *Explorações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 88-94.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. *São Paulo Perspectivas*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2007.

DIAFÉRIA, Lourenço. Já não se fazem pais como antigamente. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 26-28.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Viagem na irrealidade cotidiana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ENEIDA. Conversas de mulher. In: ____. *Aruanda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FERNANDES, Luiz Fernando Framil. *A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégias de negócio.* 2000. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERNANDES, Millôr. A peléja. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 192-195.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Clara M. S. M. de. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. *Rev. Port. Cien. Desp.*, vol.5, no.3, set. 2005, p. 329-334. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v5n3/v5n3a08.pdf>. Acesso em: 14 abr. 07.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

GASTALDO, Édison Luis. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, n. 3, jul. – out. 2006. Disponível em: < http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>. Acesso em: 30 abr. 2007.

_____. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. *Cadernos IHU Idéias*. São Leopoldo, v. 1, n. 10, 2003, p. 1-28.

_____. Narrando o Fracasso: A locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. In: *Anais do 24. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, *Campo Grande, setembro 2001*. São Paulo: Intercom, 2001. CD-ROM.

GOMES, Renato Cordeiro. Representações Sociais e a Crônica, seus Suportes e as Malhas do Tempo: do Jornal ao Livro. *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27 , 2004. Porto Alegre. Anais...* São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

GONÇALVEZ, Julio César de Santana; CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR.* Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, vol. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.fgvpr.br/smart/isaenews_2006/artigo_ebape_4187.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2007.

GORDON JR., Cesar; HELAL, Ronaldo. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (orgs.). *A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro*: Mauad, 2001, p. 51-76.

GULLAR, Ferreira. Campeões. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 157-158.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: *ALCEU* – Revista de Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2003, p. 19-36.

_____. Mídia e Esporte, a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003*. São Paulo: Intercom, 2003. CD-ROM.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ITARARÉ, Barão de. *Máximas e Mínimas do Barão de Itararé*. SOUZA, Afonso Félix de. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1986.

IVO, Lêdo. *Rio, as cidades e os dias*: crônicas e histórias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

JABOR, Arnaldo. As chuteiras sem Pátria. *O Estado de São Paulo*. 04 jul. 2006, c. 2, p. D.

_____. Prezado senhor Sérgio Cabral. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 09 jan. 2007. c. 2, p. D8.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol e modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma inovação. *Lecturas: Educación Física y Deportes.* Ano 3, n. 10. Buenos Aires, Maio 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/geo1.htm> Acesso em: 28 fev. 2007.

LA ROCQUE, Lucia de; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2001, p. 11-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Jun 2007.

LANZA, Sonia Maria. O jornalismo contemporâneo: paradigma recodificado. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais...* São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

LEMOS, Cláudia. A crônica como contraponto à objetividade no jornalismo brasileiro da virada do século. In: *Anais do XXIII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), 2000, Manaus*. São Paulo: Intercom, 2000, p. 6. CD-ROM.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe B. (org.) *Futebol e cultura, coletânea de estudos.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982. p. 21-44.

LISPECTOR, Clarice. Mal estar de um anjo. In: _____. *Para não esquecer*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979, p. 27-30.

LOMBARDI, Maíra Ivone. *Lazer como prática educativa: as possibilidades para o desenvolvimento humano.* 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Unicamp, Campinas.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582000000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Abr 2007.

MACHADO, Murilo d'Almeida. 2005. *O êxtase no futebol: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais.* Tese (Doutorado em Multimeios). Unicamp, Campinas.

MARIA, Antonio. *Benditas sejam as moças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARQUES, José Carlos. Todo Dia Ela Faz Tudo Sempre Igual (O Texto Literário e a Crônica na Imprensa Esportiva Brasileira). *Anais do CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre*. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MEIRELES, Cecília. Compras de Natal. In: _____. *Quatro Vozes*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (orgs.) *Jornalismo e literatura*: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

MELO, Victor Andrade de. O esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens. *Movimento*. Porto Alegre: UFRGS, v. 11, n. 2, 2005, p. 35-55. Disponível em:

<www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/esporte_arte_movimento_2005.pdf>. Acesso em 23 jan. 2007.

MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: _____. *Para viver um grande amor.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17-18.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995, p. 15-31.

NOGUEIRA, Armando. *Bola de cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1994.

NOVAES, Carlos E. Kni e Giv. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 38-42.

OLIVEIRA, José Carlos. O torcedor. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 74-75

PILATTI, Luiz Alberto; RUGISKI, Marcelo. Lazer e tempo livre: um olhar sobre a teoria elisiana. *IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização. Anais*. Ponta Grossa, 2005, p. 1-8. Disponível em: < http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/workshop/art11.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2007.

PINHEIRO, Flávio. Apresentação. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 7-11.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em 30 abr. 2007.

PORTO, Sérgio. A mensagem. In: FERNANDES, Millor et. al. *10 em Humor*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968, p. 42.

PRATA, Mario. *100 crônicas de Mario Prata*. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas:* obra póstuma. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. Traços a esmo. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 165-168.
RIBEIRO, João Ubaldo. *Sempre aos domingos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Pall-MallRio: inverno mundano de 1916*. Rio de Janeiro: Villas Boas, [19--].

ROCCO JUNIOR, Ary José. “Todos juntos vamos, pra frente Brasil” – o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. *Anais do CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 11, 2004, p. 260-299. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 maio 2007.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras:* novas crônicas de futebol. CASTRO, Ruy. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *À sombra das chuteiras imortais*. CASTRO, Ruy. (org.). São Paulo: Companhia das Letras: 1993.

_____; RODRIGUES FILHO, Mário. *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987, p. 175.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol.* Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, Edusp; Campinas: Unicamp, 1993, p. 73-107.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SABINO, Fernando. A derrota. In: PEDROSA, Milton. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p.155-156.

_____. O homem nu. In: CAMPOS, Paulo Mendes et. al. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1978, p.15-17.

SCLIAR, Moacyr. Aluga-se. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 jun. 1996, c. 3, p. 2.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (org.) *República: da belle époque à era do rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Orfeu extático na metrópole.* São Paulo, Cia. Das Letras, 2003.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIMON, Luiz Carlos Santos. O cronista e a notícia. In: *Anais do IX Congresso Internacional da ABRALIC 2004*. Porto Alegre, 2004, CD-ROM.

_____. *Projeto de pesquisa Afinidades da crônica brasileira: particularidades e confrontos.* Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. João do Rio, repórter da pobreza da cidade. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan./jun. 2004. p. 81-93.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis: Vozes, 1999.

TOFALINI, Luzia Aparecida Berloffa. A arte de dizer e silenciar: dialética-gênese da prosa poética. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna*, [S.I.], ano 3, n. 5, 2. sem. 2006. Disponível em: <http://www.letramagna.com/dialetica.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002, p. 278.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VANNUCCI, Karine C. O cronista enquanto intelectual. *Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte-MG, setembro de 2003*. São Paulo: Intercom, 2003, CD-ROM.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A velhinha de Taubaté*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. Futebol de rua. In: NOVAES, Carlos Eduardo et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982, p. 64-66.

ANEXOS

ANEXO A

Crônicas de Paulo Mendes Campos

O BOTAFOGO E EU

Que partilhamos defeitos e qualidades comuns, não há dúvida. Nos meus torneios, quando mais preciso manter os números do placar, bobeio num lance, faço gol contra, comprometo, tal qual o Botafogo, uma difícil campanha.

A mim e a ele soem acontecer sumidouros de depressão, dos quais irrompemos eventualmente para a euforia de uma tarde luminosa.

Sou preto e branco também, quero dizer, me destorço para pinçar nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo, não aceito o maniqueísmo do bem e do mal, antes me obstino em admitir que no branco existe o preto e no preto, o branco.

Sou um menino de rua perdido na dramaticidade existencial da poesia; pois o Botafogo é um menino de rua perdido na poética dramaticidade do futebol.

Há coisas que só acontecem ao Botafogo e a mim. Também a minha cidadela pode ruir ante um chute ridículo do pé direito do Escurinho.

O Botafogo tem uma sede, mas esqueceu a vida social; também eu só abro os meus salões e os meus jardins à noite silenciosa.

O Botafogo é de futebol e regatas; também eu sou de bola e de penosas travessias aquáticas.

O Botafogo é um clube com temperamento amadorístico, mas forçado, a fim de não ser engolido pelas feras, a profissionalizar-se ao máximo; também sou cem por cento um coração amador, compelido a viver a troco de soldo.

Reagimos ambos quando menos se espera; forra-nos, sem dúvida, um estofo neurótico. Se a vida fosse lógica, o Botafogo deixaria de levar o futebol a sério, fechando suas portas; eu, se a vida fosse lógica, deixaria de levar o mundo a sério, fechando os meus olhos.

O Botafogo é capaz de quebrar lanças por um companheiro injustiçado pela federação; eu aguardo a azagaia de uma justiça geral.

O Botafogo pratica em geral o 4-3-3; como eu, que me distribuo assim em campo; no arco, as mãos, feitas para proteger minha porta; na parede defensiva, meus braços, meu peito aberto, meus joelhos e meus pés; no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou à ofensiva com a cabeça, a loucura e o coração. Falta um, Zagallo. Em mim, essa energia sem colocação definida é a alma indo e vindo, em distinta, atônita, sarrafeada, desmilingüindo-se até o minuto final.

O Botafogo é capaz de cometer uma injustiça brutal a um filho seu, e rasgar as vestes com as unhas do remorso; como eu.

O Botafogo põe gravata e vai à macumba cuidar de seu destino; eu meto calção de banho e vou à praia discutir com Deus.

O Botafogo não se dá bem com os limites do sistema tático; tem que ser como eu, dramaticamente inventado na hora.

Miguel Ângelo é botafogo, Leonardo é flamengo, Rafael é fluminense; Stendhal é botafogo, Balzac é flamengo, Flaubert é fluminense; Bach é botafogo, Beethoven é flamengo, Mozart é fluminense. Sem desfazer nos outros, é com eles que eu fico, Miguel, Henrique, João Sebastião. Dostoievski é botafogo, Tolstoi é flamengo (na literatura russa não há fluminense); Baudelaire é fluminense, Verlaine é flamengo, Rimbaud é botafogo; Camões não é vasco, é flamengo, Garrett é fluminense, Fernando Pessoa é botafogo. Sim, Machado de Assis é fluminense, mas no fundo, no fundo, debaixo da capa cética, Machado, um bairrista, morava onde? Laranjeiras!

O Botafogo é paixão, é Brasil, é confusão; Campos Paulo Mendes é paixão, Brasil, confusão.

O Botafogo conquistou um campeonato esmagando inesperadamente o Fluminense de 6 a 2; uma vez, enfrentei um dragão enorme e entrei no castelo encantado.

O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; o Botafogo sem Garrincha seria menos Botafogo, como eu; o Botafogo tem um pé em Minas Gerais, como eu; o Botafogo tem um possesso, como eu; o Botafogo é mais surpreendente do que conseqüente, como eu; ultimamente, o Botafogo anda cheio de cobras e lagartos, como eu.

O Botafogo é mais abstrato do que concreto; tem folhas secas; alterna o fervor com a indolência; às vezes, estranhamente, sai de uma derrota feia

mais orgulhoso e mais botafogo do que se houvesse vencido; tudo isso, eu também.

Enfim, senhoras e senhores, o Botafogo é um tanto tantã (que nem eu). E a insígnia do meu coração é também (literatura) uma estrela solitária.

Fonte: CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 13-16.

ADORADORES DA BOLA

O brinquedo essencial do homem é a bola. Quem ganha uma bola descobre dois mundos, o de dentro e o de fora.

Um psicólogo do futebol imagina a seguinte cena: meninos jogam na rua; a bola sobra para o cavalheiro que passa. Que fará o austero transeunte? Ficará indiferente? Devolverá a bola com as mãos? Já vimos todos nós o que ele irá fazer: o homem, sem perder a gravidade, rebate a bola com o pé, aparentemente para prestar um serviço à garotada, mas na verdade porque não resiste ao elástico e impulsivo prazer de dar um chute. É sempre um grande prazer, uma das coisas agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada.

O poeta Rainer Maria Rilke intuiu bem os símbolos contidos na bola e no jogo da bola: a lei da gravidade e a liberdade do vôo são valores atuantes da realidade humana. Atirar e agarrar são formas fundamentais do nosso comportamento diante da existência. Antes de Rilke, o educador Fröebel havia escrito: “A esfera é para mim um símbolo da plenitude realizada; é o símbolo de meus princípios fundamentais de educação e de vida, que são do tipo esférico. A lei esférica é a lei fundamental de toda formação humana verdadeira e satisfatória”.

As nossas peladas adultas começaram há mais de vinte anos no quintal dum apartamento térreo em Ipanema. Um flamboaiã jogava de beque central dum lado, uma palmerinha do outro. O primeiro quase me inutilizou para a prática do velho e violento esporte bretão. Passamos depois a jogar no parque dum laboratório farmacêutico da Rua Marquês de São Vicente, estraçalhando as flores, sim,

estraçalhando as flores do nosso jardim da infância, para silenciosa mas indiscutível indignação do jardineiro português.

Um companheiro nosso, zagueiro de recursos, resolveu conservar parte dum loteamento seu na Gávea, onde começou a construir um campo legal. Foi um deus-nos-acuda. Os amigos dele, distintos homens de negócio, não entendiam nada. O próprio engenheiro das obras andava perplexo. Um campo de futebol? É sério? Mas você vai mesmo fazer um campo de futebol?

Os que não entenderam o nosso campo tinham perdido irremediavelmente (danem-se) a infância. A infância é apenas isto: a sensação de que viver é de graça.

Foi duro: quando começamos, os poucos homens *sérios* que jogavam peladas viviam mais ou menos clandestinos nos altos de Correias e da Tijuca. Sofremos oposição de todos os setores: o familiar, o profissional e o social. Usaram contra nós todos os instrumentos de combate, os perfurantes, os cortantes e os achatantes. Levantaram contra nós a intimidação médica ("Cuidado com as coronárias!"), a declarada suspeita sobre a nossa integridade mental, o sarcasmo salgado e grosso, as explicações mais ou menos freudianas e as mais ou menos adlerianas. Eram contra nós sobretudo os que haviam amado a bola e não tinham mais a coragem de voltar à delícia da grama. Nós mesmos, por abominável respeito humano, passamos a inventar as desculpas que fossem tranqüilizando os outros. Dizia um: a pelada é um pretexto para a cervejinha estupidamente gelada. É bom um pouco de exercício, dizia outro. O organismo foi feito para fazer força. Os cardiologistas sabem que o coração anda sobre as pernas. Também eu, com pusilanimidade, escrevi por aí que estávamos correndo atrás dum restinho de infância – o que é apenas parte da verdade.

A verdade integral é a bola. O futebol paixão. Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos sofrear o sono da fadiga para rememorar em câmara lenta o gol de cobertura que fez pela manhã.

Futebol divide os homens como o álcool: há os que jogam moderadamente na adolescência, sem muito gosto, só para passar o tempo e desentorpecer a musculatura; há os que jogaram com algum fervor e esqueceram de todo o passado; existem afinal os alcoólatras do futebol, os viciados irreversíveis, membros duma sociedade fanática, homens que adoram a Bola como os fenícios adoravam Baal.

Esses últimos são capazes de horrores: trocam a repousante feijoada na casa do melhor amigo por um arranca-toco em Curicica. Trocam tudo, o casamento da sobrinha, a festa de mulherio farto, o enterro da avó, e até o encontro que o finado Raiumundo chamava de galante.

Conheço um que voou de Paris para Roma a fim de pegar o avião que o depositasse no Rio a tempo de apanhar nosso torneio dominical. Outro, convidado para apadrinhar um casamento em tarde de sábado, foi rude porém sincero, colocando a noivinha nesta sinuca: um presente de duzentos no sábado ou um cheque de mil se o casamento fosse transferido para outro dia da semana. Um terceiro dava um vestido caro à mulher (a própria), contanto que ela o deixasse agarrar no gol no fim de semana, em vez de subir para as elegâncias de Petrópolis.

São assim os veteranos, irremovíveis.

Às vezes, línguas más dizem que estamos fazendo o vestibular para o Asilo São Luís. Pouco nos importa. Estejam todos certos de que levaremos uma bola para o pátio do asilo.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 17-20.

SALVO PELO FLAMENGO

Desde garotinho que não sou Flamengo, mas tenho pelo clube da Gávea uma dívida séria, que torno pública neste escrito. Em 1956, passei uma semana em Estocolmo, hospedado em um hotel chamado Aston. Era primavera, pelo menos teoricamente, havia um congresso internacional na cidade, os hotéis estavam lotados, criando contratempos para turistas do interior ou estrangeiros. A recepção do Aston, por exemplo, vivia sempre cheia de gente implorando por um quarto ou discutindo a respeito de uma reserva feita por telegrama ou telefone.

Estava há dois ou três dias na cidade, quando me pediram para receber um brasileiro e encaminhá-lo ao hotel, onde lhe fora reservado de fato um apartamento. Era uma hora da madrugada quando entramos no hotel e me encaminhei até o empregado do balcão, dando-lhe o nome do meu amigo e

lembrando-lhe a reserva. O funcionário, homem de uns sessenta anos e de uma honesta cara escandinava, tomou uma atitude estranha e difusa, que a princípio me surpreendeu e ia acabando por me indignar: ele não confirmava a existência da reserva, nem deixava de confirmar. Como começasse a protestar, vi que seu rosto tomava uma expressão aflita; eu entendendo cada vez menos. Quando passei a exigir o apartamento com alguma energia, o homem, trêmulo, nervoso, pediu-me desculpas e trouxe afinal a ficha de identificação. Foi aí que vi levantar-se da penumbra de uma saleta contígua o gigante.

Se o leitor conhece um homem forte, mas muito forte mesmo, imagine uma pessoa duas vezes mais forte, e terá uma vaga idéia desse gigante que veio andando até nós, botando ódio pelos olhos e espetacularmente bêbado. O monstro passou por mim com desprezo e, agarrando o empregado pela gola do uniforme, entrou a sacudi-lo e insultá-lo em sueco. Às vezes, éramos arrolados nessa invectiva, pois o gigante nos apontava enquanto dizia coisas. O empregado, demonstrando possuir um bom instinto de conservação, deixava-se sacolejar à vontade. Rosnando, o ciclope foi sentar-se de novo na saleta, onde só então dei pela presença de outro sujeito, também bêbado, mas sinistramente silencioso.

É hoje, pensei. Sair do meu Brasilzinho tão bom, fazer uma viagem imensa, para ser trucidado sem explicação por um bêbado. O fato de ser na Suécia, onde arbitrários atos de violência não são comuns, ainda tornava mais absurdo, um absurdo existencialista, o meu triste fim.

Indaguei do empregado o que se passava. Ficou mudo. Insisti na pergunta, e ele, sussurrando desamparadamente, explicou-me que o gigante estava a pensar: primeiro, que não conseguira vaga no hotel por ser sueco e estar embriagado; segundo, que nós conseguíramos por ser americanos, norte-americanos. Ora, se meu amigo de fato era meio ruivo, seu jeitão era mineiro; quanto a mim, se fosse americano, só poderia ser filho de portugueses. Por outro lado, o meu inglês amarrado não deixava a menor dúvida sobre a questão de ser ou não ser americano. Só mesmo um sueco bêbado em uma madrugada de neve e vento iria supor que fôssemos americanos. Mas agora era o próprio gigante que bradava para nós com sarcasmo e ira:

– American! American!

Fiquei um pouco mais esperançoso, acreditando que ele falasse inglês, e disse-lhe, exagerando minha alegria e meu orgulho por isso, que não éramos americanos coisa nenhuma, éramos brasileiros.

Não entendeu ou talvez pensou que estivéssemos covardemente a renegar a nossa pátria, voltando a vociferar, em um esforço lingüístico que contraía todos os músculos de seu rosto:

– American! Dollar! No like!

As palavras em si significavam pouco, mas a maneira de exprimi-las era de um eloqüência que teria destruído Catilina muito mais depressa que os discursos de Cícero. Durante alguns minutos mantivemos os dois uma polêmica oratória nestes termos:

– American!

– No, brazilian!

– American!

– Brazilian!

Essa versátil discussão ia levar-me ao abismo, quando de súbito me pareceu que a palavra “brazilian” havia penetrado por fim em sua testa granítica. Descontraindo os músculos, o gigante me perguntou:

– Brazil?! No american? Brazil?

Não tinha certeza se ele estava me gozando, mas sua expressão era tão estranhamente deslumbrada e infantil que afirmei cheio de entusiasmo:

– Yes, Brazil!

Ele se levantou, cambaleou, aproximou-se, apontou meu amigo:

– Brazil?

– Brazil, Brazil.

Veio chegando, sorrindo, em pleno estado de graça, e gritou com alma, como se saudasse o nascimento de um mundo novo:

– Flamengo!! Flamengo!!

Imediatamente, o gigante entrou em transe e começou a fazer problemáticas firulas com uma bola imaginária, mas dando a entender cabalmente o quanto ele admirava (admirava é pouco: o quanto ele amava) o malabarismo dos nossos jogadores. O gigante se desencantara, virando menino. A certa altura, depois de fazer um passe de letra, parou e confessou-me com um orgulho caloroso:

– I Flamengo! I Rubens!

Ele não era sueco, não era gigante, não era bêbado, não era um ex-campeão de hóquei (conforme soube depois), era Flamengo, era Rubens. Depois cutucou-me o peito, tomado de perigosa dúvida:

– You! Flamengo?

Que o Botafogo me perdoe, mas era um caso de vida ou de morte, e também gritei descaradamente:

– Flamengo! Yes! Flamengo! The greatest one!

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 37-40.

COPA 1958

Antes de 1958, Ari Barroso implicava muito com o futebol do Garrincha. Dum episódio característico me lembro muito bem. Ari transmitia na tevê um jogo do Botafogo e dizia pausado: “Garrincha com a bola. Vai driblar. É claro. Vai driblar de novo. Vai perder a bola. Olha ali, um saçarico pra cá, outro pra lá. Garrincha passa pelo adversário. Assim também não é possível. Vocês estão vendo? Garrincha vai driblar de novo. Vai perder. Porque ele não centrou logo? Claro que vai perder. Gol de Garrincha.” A última frase veio seca e mal-humorada: também o Ari fora driblado lá na tribuna.

Principalmente por causa de Garrincha, ele e eu pegávamos discussões animadíssimas, que não só acabavam alegremente: já eram entremeadas de brincadeiras. Uma vez, *no aceso da paixão*, apelei para a linha dura e lhe disse a sentença fatal: “Você não entende nada de futebol!” Ari, apanhado de surpresa, achou engraçadíssima minha (falsa) opinião e ficou sacudido por tremores de riso durante mais de meia hora.

Aí veio a Copa da Suécia. Ouvi as irradiações num bar de Ipanema na companhia de amigos. Ari ainda não dera as caras. João Conde, tendo aparecido apenas no jogo com a Inglaterra (0 a 0), fora proibido de voltar. Terminada a partida com os suecos... Bem, não é difícil imaginar. Um senhor desconhecido, que ouvira o jogo a suar frio e extremamente pálido, como se fora *ao vivo* a descrição do Apocalipse, continuava em transe, hirto e bestificado, enquanto a turma o arrastava

como um robô pela dança carnavalesca e enfiava-lhe pela boca paralisada grandes goladas de uísque. Darwin Brandão parou o bonde no peito e ofereceu uísque a motorneiro, condutor e passageiros. Os dois primeiros desceram para a confraternização, mas recusando a bebida: já vinham do Bar Vinte com uma garrafa de pinga. Mal terminado o jogo (tudo acontece em Ipanema), surgiu também no bar uma duquesa da França. Uma duquesa no duro, dessas que ainda têm castelo, e cujos antepassados foram protegidos ou perseguidos por Luís XI. Chegara há pouco tempo da França e não falava português. Mas o repórter Nestor Leite, também conhecido por Boca Negra, há muitos anos que deixou a sua "tribo" na Amazônia e se instalou no Rio. Nestor entendeu perfeitamente o que a duquesa dizia: tinha torcido pela França, *évidemment, évidemment*... Tendo a França perdido, passara a torcer pelo Brasil, *évidemment*... Nestor abraçou a duquesa com uma ternura derramada de gratidão e comandou imediatamente uma champanha. A duquesa afirmou com veemência que preferia um chope, e todos nós acreditamos, menos o Nestor. Veio a champanha, muito nacional e meio morna, sempre sob os protestos da elegante e simpática duquesa.

Não sei se o leitor se lembra duma fabulosa champanha que jorra numa cena do filme *Les Enfants du Paradis*. Pois a do Nestor foi muito mais fabulosa: jorrou com uma força de jato de poço de petróleo, e inundou os cabelos tratados, o vestido de seda, a alma nobre da duquesa. Foi uma festa.

Raimundo Nogueira, Haroldo Barbosa e Fernando Lobo tinham fugido da raia, por prudência de ordem coronária, e pescavam sem rádio na Barra da Tijuca. Ouvindo o foguetório, vieram em desabalada para Ipanema. Invadiram o bar com quilos de talco (reminiscência do carnaval pernambucano).

Uma cortina branca envolvia tudo e todas as pessoas quando ouvi uma voz que vinha da porta a clamar meu nome e sobrenome. Era o Ari, que continuou à porta gesticulando. Ateanuada a cerração de talco, vi que a sua expressão era dessa rara plenitude que limpa do rosto humano o desencanto, a decepção, o medo. Ainda na porta, ele gritava para mim, escandindo as sílabas a seu modo:

– Estou aqui para penitenciar-me! É o maior! É o maior! Que beleza, meu Deus! Que beleza! O Garrincha é o maior gênio que já houve neste país! Que beleza! Que beleza!!

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 43-46.

DESCANSO DE FUTEBOL

Eu devia ou pelo menos merecia estar aposentado. Mas a idéia sombria da invalidez, e não do ócio com vivacidade, orientou os criadores do instituto de aposentadoria.

Deu-se que um dia, há uns três anos, vislumbrei de súbito que uma aposentadoria especial estava ao alcance de minha mão. Foi uma coisa drástica mas lúcida: exonerei-me do futebol. Descobri num relance que eu somava trinta e cinco anos de futebol e podia muito bem fazer outra coisa nos fins de semana. Pensei: se em trinta e cinco anos ainda não vi o futebol, é porque não tenho olhos para vê-lo. Sim, já vi o futebol. Já vi, vivi e sofri e morri o futebol. Valeu muitíssimo a pena e o prazer, mas não tinha mais sentido me perder no tráfego de sábado e domingo a fim de presenciar do alto da arquibancada um espetáculo já visto e revisto.

Velhos irmãos de opa, sobretudo os de opa alvinegra, ficam irritados com esse meu raciocínio, que consideram um desvio do entendimento, e com essa retirada, na qual farejam uma apostasia. Pois vou agüentando as broncas todas, folheando ainda as páginas esportivas, participando do papo, assistindo a um ou outro vetê vadio, mas decidido a só comparecer ao estádio em caso de compulsão emotiva.

Já vi o futebol. Hoje prefiro e só me cabe rever as fitas da lembrança, onde se gravam os grandes lances do meu aturado exercício de espectador. Não me cansei do futebol, retirei-me dele, insisto, para preservar meu patrimônio de memórias, sem o desgaste da ansiedade de quem continua, em idade canônica, a esperar nas arquibancadas um milagre maior. Já testemunhei os milagres todos que podiam acontecer em campo. Vi nessa longa temporada lances magistrais que possivelmente não se repetirão nos dias de minha vida. Conheço bem a experiência calorosa de sentir-me uno e soldado à alma da multidão, como conheço o sentimento dramático e animador de estar em confronto com a maioria ululante.

Sei que as possibilidades de uma partida qualquer são infinitas; mas não quero disputar mais; não quero mais exercer o pileque dionisíaco da vitória e nem a ressaca autopunitiva da derrota. Na idade magoada em que me encontro, torcer como se deve torcer, com o desvario da alma toda, seria um despudor. Um instinto me aponta o caminho da contemplação futebolística, minhas chances de novidade e plenitude são mínimas.

O futebol já me viu. O futebol jogou-me como quis. O que colhi no campo dá perfeitamente para eu viver mais dez ou vinte anos. No meu celeiro de craques há vívidas memórias de Leônidas, Zezé Procópio, Romeu, Zizinho, Didi, Nilton Santos, Pelé, Sastre, Puskas, Nestor Rossi, e Garrincha, que pode não ser o maior, mas se singulariza por ter demonstrado que a mágica pode ganhar da lógica. Vi maviosos conjuntos, sinfonicamente arranjados, e vi o *jam-session* das improvisações talentosas. Vi craques nascentes como quem acha um novo amor ou dinheiro perdido. Vivi até onde pude minhas tardes olímpicas e minhas noites de dança ritual ao pé do fogo. Retiro-me com a sensação saciada de que cumpri o dever para com a tribo e não driblei o meu destino.

Meu destino era amar o futebol. Amei-o. Desde criancinha, quando espiava da lonjura da janela a bola que dançava no capim do clube aldeão. Até hoje, não é o perfume de *aubépine* ou de qualquer outra planta altiva que me proustianiza; é o aroma rasteiro da grama que me espacia.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 71-74.

O GOL É NECESSÁRIO

No futebol, o gol é o pão do povo. Quando dava gol em nossos campos, o torcedor pegava o seu pão no estádio aos gritos de contentamento e ficava a saboreá-lo com os amigos durante uma semana. A gestação do gol era tão séria que os jornais publicavam nos dias seguintes o seu diagrama.

O torcedor não mudou, continuando como sempre com fome de gol: mudou o futebol. Vai-se tornando avaro esse esporte, pois, vivendo à custa do consumidor, nega a mercadoria pela qual este paga, não à vista, mas antes de ver:

gols. O homem da arquibancada, sequioso dos tentos de seu clube, é ainda o único homem-gol, pois o presidente do clube, os vice-presidentes, o tesoureiro, os conselheiros, o diretor de futebol e seus parentes, os beneméritos, o técnico, o médico, o massagista, o roupeiro, todos eles se batem com unhas, dentes e risquinhos no quadro-negro pelo futebol das trincheiras, à base de contra-ataques, o futebol sem a mácula do gol, amarrado, aferrolhado, no qual os jogadores não devem jogar propriamente, mas construir um muro onde a bola chutada pelo adversário repique e retorne: uma nova modalidade da pelota basca com frontão.

O técnico não precisa, e nem é aconselhável, entender de futebol: preferível que seja um duro mestre pedreiro, capaz de construir em campo o muro que impeça a bola de passar. Os jogadores, reduzidos à condição de tijolos e reboco, não precisam ter habilidade: preferível que sejam uns manguarões quadrados, limitando com abundância de espaço material as possibilidades de penetração da bola. E assim, após cada jogo, babam-se de vaidade ao microfone os generais dessa batalha sem tiros: o time que eles comandam ganhou de 1 a 0, ou só perdeu de 1 a 0 ou o resultado ficou num zero a zero oco, demonstrando que o futebol moderninho atingiu o máximo da perfeição negativa: o marcador em branco, o plano da alimentação popular sem alimento, o jardim sem plantas, o viveiro sem passarinhos, o véu da noiva virginalmente alvo.

Quando o futebol começou, o goleiro ficava em solidão, debaixo dos paus e dez eufóricos iam para a frente mandar brasa. O bom senso descobriu os zagueiros, acabando com essa guerra campal; mais tarde, o centromédio, que era um sexto atacante, recuou para ajudar mais a defesa; foram os australianos, dizem os primeiros a transformar um atacante em defensor; os suíços de pouca intimidade com objetos redondos, criaram em 1950 o famoso ferrolho, revelando aos boquiabertos dirigentes do mundo esportivo que um time medíocre pode endurecer uma partida desigual e perder de pouco. Aí, a aritmética defensiva começou a pular na cabeça dos matemáticos do futebol: o 4-2-4, o 4-3-3, o 4-4-2, 0 5-4-1, o 5-5-0...

Há cerca de dez anos, os húngaros abandonaram a equação defensiva e organizaram um conjunto ofensivamente elástico, que, deixando o campo vencedor de 6 a 4, 7 a 3, e outros resultados generosos, ensinou de novo ao mundo que o gol é a alegria do povo. Pouco depois o Santos fazia a mesma coisa, e deixou de ser apenas o clube da Vila Belmiro para virar o clube à parte no carinho de todos os brasileiros fiéis ao futebol produtivo mas bonito.

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 21-22.

NOSTALGIA

O futebol de hoje tem certa monotonia de repartição pública. Os jogadores assinam o ponto, cumprem o regulamento, respeitam o Sr. Diretor, desempenham suas obrigações elementares durante noventa minutos de expediente.

O chefe dos jogadores, como em geral chefe de repartição, fica de fora do expediente; é o técnico, o super-homem, o arquientendedor! Prepara o serviço com antecedência e dá entrevistas misteriosas. Os onze funcionários nada mais devem fazer do que executar a tarefa confiada. O pavor do jogador comum é não desagradar o técnico, e o pavor do técnico é não desagradar o craque. Uma faltazinha, e é a demissão, o demérito no boletim, é não ser incluído no próximo jogo.

Mas quem joga mesmo agora é o técnico! Este, com a nova escola, goza uma vantagem: arrola em sua folha corrida as vitórias e põe nos jogadores, seus funcionários, a culpa das derrotas.

Às vezes, acontece o seguinte: o primeiro tempo é chato, o segundo tempo melhora. Por quê? Porque o primeiro tempo, invariavelmente, é jogado pelos dois técnicos dos dois times, os jogadores entram em campo para redigir os ofícios, lavrar as ordens de serviço, expedir memorandos e circulares. Como essa burocracia freqüentemente dá errado para todos os dois lados, além de aborrecer o público, os dois técnicos, no segundo tempo, concedem um pouco mais de liberdade aos 22 homens em campo. Aí a coisa melhora. Aí existe realmente um pouco de futebol à maneira, isto é, futebol invenção e amor... Aliás, cheio de amor, pois é o amor que inventa tudo...

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Organização Flávio Pinheiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 89-90.

ANEXO B

Crônicas de José Roberto Torero

DIZE-ME QUEM ESCALAS QUE TE DIREI QUEM ÉS

A seleção de cada torcedor funciona como uma espécie de espelho. Assim, se ele escolhe um meio-campo formado por Dunga, Galeano, Mauro Silva e César Sampaio, fica evidente que se trata de um precavido, talvez até de um covarde. Por outro lado, se propõe um ataque com Rivaldo, Ronaldinho e Romário, estamos na frente de um ousado, de um destemido. Se a linha é Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, falamos com um saudosista, e se a defesa conta com Carlos Alberto, Figueroa, Domingos da Guia e Nilton Santos, estamos ao lado de um amante dos clássicos.

Convencido de que escalar uma seleção seria a forma ideal de me apresentar ao leitor, pus o cérebro para trabalhar e escolhi meus onze jogadores preferidos:

Goleiro: Drummond

Um grande time começa por um grande goleiro. Drummond nasceu em Itabira, mas atuou longo tempo no Rio de Janeiro. Ele traz segurança e tranqüilidade para o resto da equipe. É elástico e seguro, dono de um estilo que marcou época e fez seguidores.

Lateral direito: Bandeira

O pernambucano merece a posição apesar dos problemas respiratórios. Lateral direito de inegável leveza, caracteriza-se por criar jogadas aparantemente simples, mas que só parecem tão simples porque ele faz um complexo trabalho para descomplicá-las.

Zagueiro central: Érico

Central tem que ser gaúcho. Érico, além de ter nascido em Cruz Alta, é um beque polivalente: joga com qualquer tempo – e vento. Pode atuar com aspereza e rudeza, ou sair jogando com maleabilidade e graça. Assim como outro central, Domingos da Guia, também possui um filho de inegável talento.

Quarto zagueiro: Nelson Rodrigues

Essa é uma posição onde é proibido ter falsos pudores; tem que se chutar a bola para a arquibancada e, se preciso for, deixar o inimigo estatelado no chão com fratura exposta. É o caso de Rodrigues, um jogador de moral polêmica. Alguns críticos mais ácidos dizem que ele cai muito pela direita, mas trata-se de um defeito menor que suas qualidades.

Lateral-esquerdo: Vieira

Começou a carreira timidamente, mas um dia teve um estalo e passou a jogar como que inspirado pela luz divina. Seu estilo é lógico, mas também grandiloqüente. Às vezes traça caminhos tortuosos, mas sempre chega ao seu objetivo. De todos os convocados, é o único atleta de Cristo.

Médio-volante: Gregório

Um bom cabeça-de-área tem que saber xingar a mãe do adversário de doze formas diferentes. Gregório conhece 118. Não é à toa que o apelidaram de Boca do Inferno. Perguntado sobre as violentas faltas que comete, diz que são para a glória de Deus, pois, “quanto maior o meu pecar, maior a graça d’Ele em perdoar”. Não raro, elabora firulas e gongorismos que surpreendem a torcida.

Meia-direita: Mário

Um ponta-de-lança tem que ser ao mesmo tempo clássico e inovador. Mário consegue as duas coisas: sabe estudar o jogo e inventar lances com a mesma competência. Pode-se dizer que é um clássico de vanguarda.

Meia-esquerda: Machado

A nobre camisa dez não poderia ser vestida por outro. Excelente nos lançamentos em profundidade, é um especialista nos dribles sutis e no toque refinado. Estranhamente, está sempre com um riso nos lábios. Não se sabe, contudo, se ri dos inimigos, de si mesmo ou do público.

Ponta-direita: Guimarães

É um inventor. Guimarães cria dribles e ziguezagueia pelos campos gerais como ninguém. Seus lances são inesperados, como se ele sempre tivesse que criar um caminho próprio. Aprendeu tudo que sabe na várzea, mas seu jogo é universal.

Centroavante: Oswald

Um centroavante deve ser imprevisível, e imprevisibilidade é a única coisa previsível em Oswald. Seu jogo é feito de toques curtos e dribles em pequenos

espaços. Tem um temperamento difícil e costuma polemizar com os adversários. É um típico rompedor.

Ponta-esquerda: Graciliano

Vindo de Quebrângulo, Alagoas, este extrema-esquerda é dono de um estilo duro, sisudo e seco. O torcedor sempre pode esperar dele um jogo consistente e seguro. Odeia concentrações e pretende escrever um livro de memórias condenando essa prática.

Obs.: Obviamente esta seleção de imortais conta apenas com jogadores defuntos, o que deixou de fora vários nomes. Em meu banco de reservas estão Veríssimo, Ubaldo, Millôr e Fonseca. São grandes atletas, mas desconfio que não têm muita pressa em entrar nesse time.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 9-12.

SAUDADES

Hoje, estranhamente acordei com saudades. Saudades dos ataques com cinco jogadores, das bolas de capotão, dos torcedores com chapéu que chegavam de bonde, saudades das camisas sem patrocinador, saudade de encontrar os jogadores do meu time na padaria, saudades dos sonhos de goiabada.

Também senti saudades de jogar bolinha de gude, de empinar pipa, de descer escada sentado em tapete, do pé de pitanga de meu avô, de pegar jambolão, de bala alcaçuz, de carrinhos de ferro, de frases com reticências.

Acordei com saudades de vizinho educado, de nhoque feito pela avó, de chuteiras sem logotipo, de seleção sem logotipo, de jogador sem guarda-costas, de atacante com cabelo, de meus cabelos, de ver mulheres de sombrinha em dia de sol, de ouvir alguém que eu nem conheço me dizer bom-dia.

Senti saudades de jogar bola na rua até esfolar o dedão, de jogar na chuva, de usar uniforme para ir para a escola, de Grapete, de Cerejinha, de meu avô.

Saudades do pomar da casa ao lado, de dormir depois do almoço, dos *shorts* de panos estampados feitos pela minha mãe, de ser magro, de balão de

são João, de ir na praia à noite, de pôr cadeira na calçada, de rua de areia, de cheiro de pêssego, de entrar de graça no estádio, de brincar de forte apache, de quintal.

Senti saudades de jogadores que não mudavam de clube, de ganhar jogo de xícaras com figurinha premiada, do meu time de botão – feito de tampas de relógio e pintados por mim mesmo.

Saudades das Vemagets, dos Pumas, dos SP2, saudade de sagu feito em casa, de meu primeiro Ki-Chute, saudade do barulho da batedeira de minha mãe.

E saudades de ir aos jogos com meu pai, de perguntar por que só o goleiro pode usar as mãos, saudades de uniforme todo branco, de ficar com raiva quando meu time usava o listrado, de paçoca em saquinho vendida em carrinho com bico de foguete, saudade de porta aberta.

Também senti saudades de tevê em preto e branco, de casa com jardim, de espiar escondido a empregada namorando escondido no portão, de usar fantasia no carnaval.

Saudades dos mortos, de ter medo de cemitério e de filme de vampiro e de homem-do-saco. Saudade de ver os seios que apareciam de vez em quando, e só de vez em quando, na televisão, de ver os avós brigando e fazendo as pazes, saudade do tempo em que futebol não era negócio.

E tenho saudades de pão com mortadela, de molhar o biscoito no café com leite, de não entender de política, de nem saber o que são *commodities*, de pensar que o presidente é honesto, de nadar na praia com um calção que ficava pesado e quase caía, de briga de empurrão com meus irmãos.

Saudade de ganhar dinheiro do meu avô para comprar figurinha de chapinha. Saudade do tempo que já foi. Saudade do que já fui.

E enquanto escrevo esta última crônica, já tenho saudade de escrever sobre futebol.

A meus três leitores, até logo.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 149-151.

PORQUE ESTOU COM A MÃO ENFAIXADA

Tive um sonho esquisito ontem: era uma manhã ensolarada e eu vinha a pé pela avenida Paulista, sentido Consolação-Paraíso. O silêncio era total, nenhum carro passava. Havia apenas papéis picados cobrindo o asfalto e bandeiras brasileiras penduradas nas janelas.

Continuei andando devagar até que, de repente, em frente ao prédio da *Gazeta*, vi um guarda de trânsito cego e fui até ele para saber o que estava acontecendo:

"O que houve? Onde estão todos? Por que esse silêncio?"

"Devagar, meu jovem, devagar. Duas perguntas de cada vez."

"Por que a rua está vazia? Por acaso hoje é quarta-feira de cinzas?"

"Não, é segunda-feira, dia 13 de julho de 1998."

Achei aquilo estranho e resolvi consultar meu relógio. Batata: 13 de julho. Olhei então para uma banca de jornais e vi uma faixa em que estava escrito "2002 é hexa!". Cheguei mais perto e li que o Brasil tinha vencido a França por 3 a 0 (gols de Ronaldinho, Roberto Carlos e Rivaldo). Fiquei tão atordoado que comprei todos os jornais e revistas. As manchetes eram as seguintes:

The New York Times: Um tal de Brazil vence uma tal de Copa.

Le Monde: Selvagens brasileiros atrapalham trânsito na Champs Elysées.

JB: Seleção de FHC dá show em Paris.

O Dia: Servidores têm feriado por causa da Copa.

Folha: (Ao lado de um gráfico) Brasil vence com 88% de passes certos.

O Estado de S. Paulo: Brasil é penta, mas MST saqueia mercados.

Notícias Populares: Brasil esquarteja França.

Gazeta Mercantil: Penta aquece varejo.

Diário do Grande ABC: Denílson, o gênio de Diadema, leva Brasil à vitória.

Zero Hora: Dunga, o gênio do Rio Grande, leva Brasil à vitória.

Veja: Torcida de Abílio Diniz leva o Brasil à vitória.

Caras: Vera Loyola e Narcisa Tamborideguy comemoram título na Ilha de Caras.

Correio Braziliense: FHC dará medalhas aos campeões.

A Tarde: ACM saúda os campeões!

Playboy: Suzana Werner: a loiraça do penta!

Eu ainda estava meio tonto quando uma mão pequenina e macia tocou meu ombro. Virei-me e quase caí para trás: era a Ana Paula Arósio. Ela me disse que estava tão feliz que queria dar um beijo em alguém.

“Serve eu?”

“Serve”, ela respondeu enquanto colocava seus braços em volta do meu pescoço.

Foi aí que o despertador tocou.

Estou com a mão enfaixada por causa do soco que dei nele.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 15-17.

NOVAS RESPOSTAS, VELHAS PERGUNTAS

Certa vez alguém perguntou a um zagueiro central por que os jogadores falavam sempre as mesmas coisas. Sua resposta teve a sutileza de um carrinho: “Damos sempre as mesmas respostas porque vocês, jornalistas, sempre fazem as mesmas perguntas.”

De fato, a relação entre perguntantes e perguntados não é uma das coisas mais criativas do futebol. Mas tal situação pode ser modificada caso os respondentes usem um tanto de franqueza e ironia. Por exemplo:

1) Logo no começo de uma partida o repórter pergunta par ao craque: “E aí, preparado para o jogo de hoje?” Nesse caso, podem-se usar as seguintes respostas:

a) Não, eu treino todos os dias, fico concentrado na sexta e no sábado e jogo no domingo só para não ver a minha sogra.

b) Não, eu me visto assim todo dia. Gosto de camisas coloridas e usar chuteira em vez de sapatos.

c) Jogo? Que jogo?

2) Quando um jogador volta após uma contusão, é inevitável que ouçamos: “E aí, você está recuperado?” Algumas respostas possíveis são:

a) Não, não estou. Vim jogar só para agravar o problema e poder ficar mais tempo recebendo pelo INSS.

b) Não, é que eu tenho uma relação sadomasoquista com os zagueiros...

c) Não, mas o professor já providenciou um par de muletas. Inclusive colocou uma chuteira em cada uma e assim eu vou ter mais chance de chutar a gol.

3) Outra pergunta infalível acontece durante o intervalo quando o time do entrevistado está perdendo. Nesse caso, o plumitivo pergunta: “E aí, vocês vão tentar virar o jogo no segundo tempo?”

a) Não, o jogo já está perdido mesmo e nós ficaremos jogando biriba no vestiário.

b) Não, vamos perder de propósito, pois a torcida do outro time é maior e assim faremos mais gente feliz.

c) Para que buscar a vitória se a vida é algo sem sentido e todos acabaremos vencidos pelo tempo e pela morte?

4) O pior é que, depois de perder a partida, quando o jogador, cabisbaixo, vai saindo de campo, ainda tem de responder à pergunta: “E aí, o que você achou dessa derrota?”

a) Perdemos o jogo, mas ganhamos experiência de vida, o que vale muito mais do que os três pontos.

b) Dialeticamente falando, não há vitória sem derrota. Logo, se nós perdemos, fomos responsáveis pela vitória, o que faz com que ela seja um pouco nossa.

c) Foi mais uma prova de que o nosso time é um lixo, de que o nosso técnico é uma besta e de que eu deveria ter feito aquele concurso do Banco do Brasil.

Em suma, sempre se pode dar uma indireta no queixo dos perguntadores, mostrando a eles que há perguntas que não precisam ser feitas. Não é?

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 87-89.

OS NOVOS DEZ MANDAMENTOS

Cometi um erro. Sim, confesso, um grave erro. Desde que comecei a escrever para jornais já produzi uns quinhentos textos, todos direcionados a um só tipo de leitor: o torcedor. Foi um erro. Mais que um erro, uma injustiça, pois acabei por me esquecer de toda uma classe de profissionais que faz o futebol brasileiro ser a maravilha que é.

Mas repararei essa falta. Hoje, a coluna é dedicada a vós, dirigentes esportivos. Vós que sois esquecidos pela massa, vós que sois vilipendiados pela imprensa, vós que sois alvo de críticas despeitadas de parlamentares da oposição.

Como prova de arrependimento, deixo aqui dez pequenas orientações que pretendem tornar mais leve o desagradável fardo de depor numa delegacia ou numa comissão parlamentar de inquérito. Segui esses passos, queridos, e boa sorte.

Primeiro mandamento: Fingi indignação.

Se vos acusares, respondei em alto e bom som: “Meu pai me ensinou que a coisa mais importante é a honestidade. E honestidade com O maiúsculo.”

Segundo mandamento: Negai vossas culpas.

Mesmo que seja óbvio que sejais culpados, negai. Por exemplo, se um deputado vos perguntar: “É verdade que o senhor vendeu um jogador do seu clube para seu irmão por apenas um real?”, respondereis: “É mentira. Eu nem tenho irmão. Aliás, nem pai, nem mãe. Eu fui largado na porta de um orfanato...”

Terceiro mandamento: Sede sócio de uma pessoa famosa.

É um truque infalível. Melhor ainda se a pessoa tiver fama de honesta, pois o bom nome dela vos emprestará respeitabilidade e a opinião pública pensará duas vezes antes de vos atirar uma pedra.

Quarto mandamento: Ponde a culpa nos inimigos.

Procurai sempre insistir em frases como: “Isso é intriga da oposição. Eles querem calar a minha voz! Admito que não declarei os dois apartamentos de

Miami, mas as fitas gravadas são uma falsificação grosseira. Ainda mais aquele pedaço em que canto Babalu.”

Quinto mandamento: Usai termos técnicos.

Durante vosso depoimento, falai como economista, explicai-vos como terapeuta lacanian e esclarecei incertezas como um professor de álgebra. E, por via das dúvidas, usai números, tabelas e gráficos. Como nenhum deputado quererá fazer papel de ignorante, escapareis fácil, fácil.

Sexto mandamento: Arranjai outro escândalo.

Uma boa saída para disfarçar vosso escândalo é conseguir outro. De preferência, um com muitas drogas, sexo e rãs, porque aí a imprensa irá atrás da melhor manchete.

Sétimo mandamento: Colocai a culpa num subalterno.

Se não conseguires uma boa defesa, atirai a culpa nas costas de um dos vossos funcionários. Por exemplo, direis que a lavagem de dinheiro foi idéia da faxineira.

Oitavo mandamento: Chorai.

Sempre se ganha a simpatia do público com algumas lágrimas. Caso não sejais bons atores, há uns cristaizinhos japoneses que resolvem o problema.

Nono mandamento: Renunciai.

Se não houver saída, renunciai dizendo que aquele lugar não é para homens honestos como vós. E, se mesmo assim a pressão continuar, há que recorrer ao último mandamento.

Décimo mandamento: Dai o fora.

Mudai-vos para algum paraíso fiscal (andam falando bem das ilhas Jersey). Um dia o caso será esquecido e aí será a hora de voltar rico e em paz. E bronzeado.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 121-123.

O NOVO FRANKENSTEIN

Era lua cheia. Os cães uivavam. Chovia torrencialmente e relâmpagos iluminavam o negrume da noite com tons azulados. Longe do centro da cidade, no seu úmido laboratório em São Miguel Paulista, o doutor Franklin Steinberg, Frank Stein para os íntimos, dava loucas gargalhadas e chegava ao fim de sua ousada experiência.

A idéia havia nascido anos antes, quando ele era médico da CBF e encarregado dos exames antidoping. Desde então o doutor Stein vinha guardando frascos e mais frascos de urina no *freezer* de sua casa, com o objetivo de conseguir reproduzir o DNA retirado da uréia dos jogadores. Seu plano era injetar o ácido desoxirribonucléico nas diferentes partes de um defunto para que este, depois de trazido de volta à vida, se tornasse o mais perfeito atacante de todos os tempos.

Naquela noite tudo se concluiria. Ele já sonhava com a fama, os gols, as vitórias e, principalmente, com os 20% que ganharia como empresário do superatleta.

Nos olhos do morto colocou o DNA de Pelé, para que tivesse visão aguçada e sempre atenta ao menor descuido dos zagueiros.

Nos braços deu uma injeção com a urina de Serginho Chulapa, para que eles ficassem grandes, longos e fortes, ideais para afastar os beques e abrir espaços na área.

Para os pulmões usou a coleta de Cafu, e no calcanhar inoculou a de Sócrates. Para a perna direita recorreu às águas de Nelinho e, para a esquerda, às de Rivelino. O atacante ideal dispararia chutes venenosos com as duas pernas.

Faltava, para arrematar a obra-prima, a escolha da matriz para o cérebro. Depois de muito ponderar, o cientista acabou optando pelo material de Zico, que ele considerava ter um misto de genialidade, senso profissional e inteligência tática. Antes de injetá-lo, porém, Frank foi ao banheiro, pois mexer naqueles vidros sempre estimulava sua bexiga.

Lá fora a chuva não parava. Como a prefeitura não tinha feito a limpeza de bueiros do seu bairro, aconteceu que a água subiu rapidamente.

Ao voltar, Frank Stein viu seus tubos de ensaio boiando. Só um, escondido numa prateleira mais alta, escapara. Antes que o laboratório ficasse

alagado, o doutor injetou a substância do último frasco no cérebro do cadáver e ligou sua máquina ressuscitadora. Raios iluminaram o porão.

Então, fez-se o milagre da vida e o monstro se levantou. Mas, em vez de mostrar-se agradecido ao seu criador, saiu correndo pela porta.

Frank Stein tentou encontrar seu pupilo por várias semanas, até que achou-o numa delegacia. Estava preso por ter atropelado vinte pessoas, saído sem pagar de dez restaurantes e agredido vários policiais com pontapés e tapas. Só então o cientista se lembrou de verificar de qual frasco tirara o material para injetar no cérebro de sua criação.

Era o frasco de Edmundo.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 53-55.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo